

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
CAMPUS SOROCABA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RODRIGO GERALDI DEMARCHI

**Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel  
Arcanjo- SP**

Sorocaba  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
CAMPUS SOROCABA  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RODRIGO GERALDI DEMARCHI

**Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel Arcanjo- SP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 31 de agosto de 2018.  
Orientação: Prof. Dr. Maria Carla Corrochano.

Sorocaba  
2018

Demarchi, Rodrigo Geraldi

Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel Arcanjo- SP. / Rodrigo Geraldi Demarchi. -- 2018.

151 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Maria Carla Corrochano

Banca examinadora: Vanda Aparecida da Silva, Elmir de Almeida.

Bibliografia

1. Juventude Rural.. 2. Trabalho.. 3. Escola.. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

DEMARCHI, Rodrigo Geraldí. **Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel Arcanjo- SP.** 151p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

**RODRIGO GERALDI DEMARCHI**

**Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel Arcanjo- SP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 31 de agosto de 2018.  
Orientação: Prof. Dr. Maria Carla Corrochano.

Orientadora

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Maria Carla Corrochano

Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar- Campus Sorocaba.

Examinadora

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Vanda Aparecida da Silva.

Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar- Campus Sorocaba.

Examinador

---

Prof. Dr. Elmir de Almeida.

Universidade de São Paulo/ USP- Campus Ribeirão Preto.

## **DEDICATÓRIA**

***Dedico esse trabalho para Gi companheira de todas as minhas lutas e em memória de meu grande amigo Maico, que lá de longe me mandou força e inspiração.***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha orientadora, professora Maria Carla Corrochano, por toda a dedicação, paciência e generosidade para comigo. Não esquecerei toda a boa vontade que teve em me ajudar em todo o processo em que se desenvolveu o mestrado, sem sua ajuda eu não chegaria a essa etapa, realmente muito obrigado!

Agradeço aos professores membros dessa banca de defesa, professor Elmir de Almeida pela gentileza disposição e boa vontade em participar desse importante momento da minha trajetória acadêmica. Agradeço imensamente também a professora Vanda Aparecida da Silva, por toda disposição e boa vontade em participar dessa última etapa de meu mestrado, mas também de outras, como a qualificação de minha pesquisa e mesmo reuniões de orientação quando me forneceu valiosas dicas e material de apoio para a pesquisa. Sou muito grato por tanta generosidade de vocês.

Agradeço a todos os demais professores do Programa de Mestrado em Educação da UFSCar- Sorocaba, especialmente os da “Linha Dois” (Educação, Comunidade e Movimentos Sociais). Com uma menção em especial a Professora Dulce que também participou de minha qualificação e que gentilmente me permitiu que voltasse aos estudos acadêmicos, como aluno especial em uma disciplina sua em 2015. Agradeço aos funcionários prestativos da secretaria do PPGED- Sorocaba, por sempre estarem prontos a auxiliar na resolução dos nossos problemas.

Agradeço aos colegas do programa de mestrado com os quais pude ter o prazer de conviver, dividir preocupações mais também alegrias. Foi um grande aprendizado conviver com pessoas tão diversas e interessantes. Aliás, esse agradecimento também se estende a toda a UFSCar Campus Sorocaba que me acolheu e possibilitou reviver o ambiente acadêmico do qual estive afastado por alguns anos.

Agradeço a todos os meus amigos (“miguelitos”, “paulistas” e “paranaenses”), que à maneira de cada um me auxiliaram nesse processo também, com destaque especial para Ana amiga/mãe, pelos conselhos e encorajamento e ao Fábio por ser sempre meu amigo e companheiro de mestrado e muitas outras “aventuras” desde há muito tempo. Agradeço, em especial nessa última fase a Salete que também me ajudou muito com sua escuta e conselhos. Meu agradecimento também ao meu eterno e saudoso amigo/irmão Maico, que resolveu viajar antes da hora, sua memória me inspirou e deu força em momentos muito difíceis desse processo.

Agradeço aos meus familiares, sejam eles Demarchi, Geraldi, Melo ou Leopoldino, cada um à sua maneira também sempre esteve presente buscando contribuir, e creiam; também me ajudaram muito, aqui agradeço em especial aos meus pais que muitas vezes sem perceber (ou percebendo) também me ajudaram.

Agradeço ao João, meu irmão que é também um grande amigo com quem posso ter sempre uma boa prosa, além de me dar muito orgulho e inspiração. Sua presença também foi muito importante!

Agradeço aos jovens sujeitos dessa pesquisa que me ajudaram muito na realização dela. Foi em grande medida por eles e elas que resolvi pesquisar esses temas. Essas pessoas além da essencial participação nesse meu percurso acadêmico me fizeram lembrar do Rodrigo de uns 10 ou 12 anos atrás e tudo isso foi uma grata experiência, valeu galera!

Por fim, agradeço a pessoa mais importante em todo esse processo: Gisele esposa/amiga e companheira de lutas que de forma discreta e silenciosa sempre me inspirou, deu forças e às vezes me “segurou” literalmente ao longo desse percurso. Agradeço muito toda a sua paciência e boa vontade, sem sua presença eu não teria conseguido nada, “prenda minha”. Obrigado!

## RESUMO

DEMARCHI, Rodrigo Geraldi. Jovens, escola e mundo do trabalho: experiências e significados em São Miguel Arcanjo- SP. 2018. 151 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2018.

A pesquisa analisou as experiências e trajetórias de escolarização e de trabalho, conjuntamente aos sentidos atribuídos a tais esferas por jovens homens e mulheres que concluíram o ensino médio no município de São Miguel Arcanjo - São Paulo, lugar marcado por fortes traços de ruralidade. Do ponto de vista teórico, tomou-se como referência estudos sobre juventude, especialmente sobre juventude rural e sobre os atuais fluxos entre o urbano e o rural na contemporaneidade, cada vez mais presentes em localidades que outrora poderiam ser denominadas como exclusivamente rurais (José Machado Pais, Vanda Silva, Elisa Guaraná Castro, Maria José Carneiro). A pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se da técnica de entrevistas semiestruturadas realizadas junto a seis rapazes e oito moças entre 17 e 21 anos, que concluíram o ensino médio entre os anos de 2015 e 2017. A análise dos dados revelou de forma contundente a presença da escola e do trabalho nas vidas desses jovens, tal como um forte entrelaçamento com as características de “rurbanidade” identificadas entre eles e a comunidade onde estão inseridos. Concomitantemente a isso percebeu-se a presença dos fluxos e trânsitos (entre o rural e o urbano e entre a localidade de São Miguel e outros centros urbanos) vivenciados por esses e essas jovens que estão associados a estratégias de continuidade dos estudos, ampliação das opções de trabalho, auxílio econômico ao grupo familiar (por meio da pluriatividade) e o desejo de conhecer e viver em lugares diversos para além daqueles de sua origem.

Palavras-chave: Juventude. Juventude Rural. Escola. Trabalho. Trajetórias.

## RESUMEN

La investigación analizó las experiencias y trayectorias de escolarización y de trabajo, junto a los sentidos atribuidos a tales esferas por jóvenes hombres y mujeres que concluyeron la escuela secundaria en el municipio de São Miguel Arcanjo - São Paulo, lugar marcado por fuertes rasgos de ruralidad. Desde el punto de vista teórico, se tomaron como referencia estudios sobre juventud, especialmente sobre juventud rural y sobre los actuales flujos entre lo urbano y lo rural en la contemporaneidad, cada vez más presentes en localidades que en otro tiempo podrían ser denominadas como exclusivamente rurales (José Machado Pais, Vanda Silva, Elisa Guaraná Castro, Maria José Carneiro). La investigación es de carácter cualitativo, utilizando la técnica de entrevistas semiestructuradas realizadas a seis muchachos y ocho muchachas entre 17 y 21 años, que concluyeron la escuela secundaria entre los años de 2015 y 2017. El análisis de los datos reveló de forma contundente la presencia de la escuela y del trabajo en las vidas de estos jóvenes, tal como un fuerte entrelazamiento con las características de "rurbanidad" identificadas entre ellos y la comunidad donde están insertados. Concomitantemente a esto se percibió la presencia de los flujos y tránsitos (entre lo rural y lo urbano y entre la localidad de São Miguel y otros centros urbanos) vivenciados por estos y esas jóvenes que están asociados a estrategias de continuidad de los estudios, ampliación de las opciones de trabajo, auxilio económico al grupo familiar (por medio de la pluriactividad) y el deseo de conocer y vivir en lugares diversos más allá de los de su origen.

Palabras-clave: Juventud, Juventud Rural. Escuela. Trabajo. Trayectorias.

*“Tu gitana que adivinhas, me lo digas pues no lo se, si  
saldré desta aventura o si nela moriré.*

*O si nela perco la vida*

*O si nela triunfare*

*Tu gitana que adivinas, me lo digas pues no lo se.”*

(Luar na Lubre- Grupo “Folk” da Galiza).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPITULO I: O campo da pesquisa, a condição juvenil contemporânea e a perspectiva da “rurbanidade”.....</b>	<b>06</b>
1.1. “Breve história dos Sertões do Turvo e Fazenda Velha”.....	06
1.2. Situando São Miguel .....	10
1.3. A categoria jovem e o “ <i>ser jovem</i> ”.....	18
1.4. Ser jovem no Brasil de 2016- 2018: dificuldades diversidade e desigualdades.....	22
1.5. Os jovens e a educação escolar.....	27
1.6. Os jovens e o mundo do trabalho.....	30
1.7. Traços de “ruralidade” e o “ <i>ser jovem</i> ” em São Miguel: uma experiência “ <i>rurbana</i> ” .....	35
<b>CAPITULO II: Entrando em campo: os percursos metodológicos e os sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>46</b>
2.1. Percurso Metodológico.....	46
2.2. Os sujeitos da pesquisa.....	55
2.3. Os jovens entrevistados e seus trajetos .....	60
<b>CAPITULO III: Jovens em fluxo: experiências e sentidos da escola e do trabalho dos jovens em movimento.....</b>	<b>79</b>
3.1. A priorização dos estudos: possibilidades e limites.....	79
3.2. Quando o trabalho também é essencial: as trajetórias de inserção e permanência no mundo do trabalho.....	86
3.3. Jovens olhares sobre os estudos e o trabalho: “em busca de apanhar os sentidos” .....	94
3.4. Jovens em fluxo: experiências e sentidos da escola e do trabalho.....	107
3.5. O “ <i>mudar-se</i> ” para quem mora ou morou na área rural.....	110
3.6. A mudança para outro município: como e por quê ocorre? .....	113
3.7. “ <i>A cidade é mais para passear mesmo</i> ”: as trajetórias, experiências e sentidos de um jovem rural que quer “se manter rural”.....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>127</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>133</b>

## **Introdução**

Essa pesquisa tem como objetivo compreender as experiências de escolarização e de trabalho de jovens egressos do ensino médio<sup>1</sup> no município de São Miguel Arcanjo<sup>2</sup>, marcado por uma forte presença da agricultura e do espaço rural<sup>3</sup>.

A escolha da temática e do espaço de realização da pesquisa articula-se a um conjunto de motivações. Quando comecei a frequentar as aulas do programa de pós-graduação em educação meu projeto passou por uma profunda reviravolta, uma vez que havia a compreensão de que a pesquisa em um mestrado dessa natureza deveria concentrar-se no espaço escolar. Sendo assim, aos poucos, a partir do próprio olhar para a pluralidade de temáticas da Linha de Pesquisa – Educação, Comunidade e Movimentos Sociais e da percepção de que a sociologia da educação poderia partir de uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola (SPOSITO, 2003), comecei a reconstruir meu projeto, contemplando novas dimensões sobre a pesquisa em educação, o que contribuiu para reforçar interesses que já me eram importantes, aliando-se a outras questões e anseios que emergiram ao longo desse processo.

A decisão de olhar para as experiências juvenis em São Miguel Arcanjo esteve fortemente relacionada à minha afinidade com o lugar – vivo no município desde a infância, mas não apenas. Considerando suas configurações<sup>4</sup>, São Miguel apresentou-se como um local com potencialidades para reflexão sobre as articulações e “permeabilidade” entre o “urbano” e o “rural”, cada vez mais presente em localidades que outrora poderiam ser denominadas exclusivamente como “rurais”. Soma-se a isso a quase ausência de bibliografia acadêmica sobre a localidade que nos propomos a pesquisar.<sup>5</sup> Nesse sentido, consideramos que se faz necessário também ampliar os estudos sobre a sociedade e mais especificamente sobre experiências juvenis na escola e no

---

<sup>1</sup> Os jovens sujeitos dessa pesquisa que foram entrevistados concluíram o ensino médio entre 2014 (um caso) e 2017 (dois casos) e principalmente 2016 (onze casos).

<sup>2</sup> Município com 31 mil habitantes é situado na região sul do estado de São Paulo (região de economia predominantemente agrícola) e faz parte da região metropolitana de Sorocaba, distando cerca de 220 km da capital do estado.

<sup>3</sup> Grande parte da bibliografia consultada mostra o quanto o rural pode não estar exatamente ou exclusivamente associado ao campo como apontam, especialmente se pensarmos na crescente pluriatividade e multifuncionalidade dos habitantes do campo CARNEIRO, 1998; CARNEIRO, 1999; CARNEIRO, 2014; CASTRO, et. Ali. 2009, CASTRO, 2015; GRAZIANO DA SILVA, 1998.

<sup>4</sup> Que aqui entendemos como caracterizantes da chamada “experiência rurbana” (CARNEIRO, 1999). Essa questão também será debatida no tópico referente ao tema no capítulo I.

<sup>5</sup> Até o momento da finalização deste texto (julho de 2018) não encontramos nenhum estudo mais amplo em bibliotecas eletrônicas, nem em outros locais que trouxesse como enfoque o município de São Miguel e a temática aqui contemplada.

trabalho em ambientes fora das “rotas tradicionais” de pesquisa<sup>6</sup>; nesse caso um município de pequena população e de economia predominantemente agrícola na região Sul do estado de São Paulo. Aqui devemos ressaltar que a escolha de pesquisa (juventude rural ou “rurbana”) também é motivada pela intenção de melhor compreender grupos cujos sujeitos sofrem constantemente uma certa invisibilidade (jovens rurais), se comparada à visibilidade que costuma existir para com jovens de outros contextos (CASTRO, et. Al, 2009). Outro dado importante a ser mencionado é a especificidade dos sujeitos da pesquisa: jovens que em meio ao trânsito rural- urbano lograram concluir o ensino médio, especialmente considerando a realidade brasileira, onde boa parte da população ainda não consegue fazê-lo, mesmo em contexto de expansão da escolarização.

Tais características tornam esse grupo significativo para a compreensão de como se configuram as experiências daqueles que, mesmo com dificuldades, conseguiram “ultrapassar” o grande “funil” que caracteriza o ensino médio (em função dos elevados índices de evasão e também reprovação) no Brasil (SPOSITO, 2008 e SPOSITO e SOUZA, 2014 e FREITAS, 2015). É importante lembrar também que parte dos entrevistados já estava, inclusive, inserida no ensino superior ou realizando cursos técnicos. Por outro lado, a despeito da maior escolarização, muitos desses jovens ainda enfrentam o problema do desemprego e da precarização vivida nos ambientes de trabalho.

O interesse pelos sujeitos jovens também se deve em grande parte (mais uma vez) a uma afinidade pessoal com o tema. Sou professor de história na rede pública estadual e tenho tido contato recorrente com o público em questão. Além disso, no passado participei de ações coletivas<sup>7</sup> junto a jovens na Pastoral da Juventude da Igreja Católica, e mesmo distante no tempo, essa experiência acabou por influenciar minhas escolhas profissionais e acadêmicas: tanto por trabalhar com juventude (como docente), quanto pelo interesse em pesquisar o tema. Por fim, pesquisar jovens que acabaram de concluir o ensino médio também se mostrou algo desafiador na medida em que este é um momento importante da trajetória desses sujeitos: momento de construção, recomeços, elaboração e reelaboração de projetos (WELLER, 2014).

---

<sup>6</sup> Pensamos aqui nos grandes centros urbanos da região sudeste e mais especificamente em São Paulo e Rio de Janeiro, locais com vasta produção acadêmica sobre as temáticas relacionadas a juventude escolarização e trabalho.

<sup>7</sup> Durante alguns anos de minha vida participei de grupos de jovens vinculados a Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Essa experiência foi muito rica para a ampliação da percepção de várias questões vinculadas a juventude local e com toda certeza esteve na raiz das minhas escolhas acadêmicas e profissionais posteriores como a graduação em história e à docência para jovens tal como hoje no tema dessa pesquisa.

Considerando as recentes transformações do mundo do trabalho, bem como suas novas formas de regulação, especialmente no Brasil, com significativa redução de direitos historicamente conquistados, pareceu ser significativo olhar para essa problemática, particularmente quando o foco são os jovens fortemente atingidos por tais transformações (SOUZA, 2010; CORROCHANO, 2012; POCHMANN, 2015; PAULANI, 2016; LEITE & SALAS, 2017). Ao mesmo tempo também se percebeu que a compreensão das experiências de jovens no mundo do trabalho em São Miguel também pode auxiliar em um melhor entendimento da realidade vivenciada em outros lugares do Brasil com características similares a desse município.

A pesquisa aqui realizada tem um caráter qualitativo, utilizando-se da técnica de entrevistas semiestruturadas, as quais foram realizadas em uma primeira fase entre março e novembro de 2017 e em uma segunda entre fevereiro e abril de 2018<sup>8</sup>. O ponto de partida para o encontro com os jovens foi a escola pública estadual E. E. Maria Francisca Deoclécio Arrivabene onde leciono há 6 anos, situada em um bairro periférico na área urbana do município - a “Cohab I”. Essa instituição oferta ensino fundamental e médio nos períodos matutino, vespertino e noturno, recebendo estudantes de público variado (do Centro e bairros urbanos periféricos e rurais), atualmente (2018) também é a única escola que oferece no município o Ensino Fundamental na modalidade EJA além de manter as três séries do ensino médio noturno<sup>9</sup>.

Em um primeiro momento aplicou-se um formulário junto a três turmas que estavam concluindo o ensino médio com o objetivo de estabelecer um perfil inicial desses jovens e também mapear os interesses em participar da pesquisa. A partir disso, foram escolhidos 12 jovens (e posteriormente outros dois em 2018)<sup>10</sup> com os quais realizamos entrevistas. Os convites para as entrevistas foram feitos predominantemente por meio do Facebook<sup>11</sup> e em conversas pessoais (quando foi possível encontrar os jovens). Também foram utilizadas mensagens por e-mail e recados por intermédio de terceiros.

---

<sup>8</sup> Dois jovens que não haviam participado da primeira rodada de entrevista no ano de 2017 foram entrevistados no mês de fevereiro desse ano (2018) também, ambos são oriundos da área rural do município sendo que um vive no “sítio” de seus familiares enquanto o outro apesar de ainda ter família no bairro rural de origem vive atualmente na cidade do Rio de Janeiro onde está estudando.

<sup>9</sup> Há uma forte preocupação da comunidade escolar nesse ano de 2018 a respeito do possível fechamento das turmas de EJA e do ensino médio noturno que diante de uma oferta abaixo da exigida pela Secretaria da Educação corre o risco de ter o encerramento de turmas.

<sup>10</sup> No total de entrevistados tivemos oito moças e seis rapazes sendo que dentro os últimos dois deles foram incluídos na segunda fase das entrevistas.

<sup>11</sup> Rede social da Internet bastante utilizada pelos jovens participantes da pesquisa.

Os jovens participantes da pesquisa tinham (no momento das entrevistas) entre 17 e 21 anos e todos já haviam terminado o ensino médio na Escola Estadual Maria Francisca Deoclécio Arrivabene na Cidade de São Miguel. Apenas cinco viveram na Zona rural durante uma parte do tempo em que cursaram o ensino médio, enquanto na ocasião da entrevista quatro deles já viviam também na área urbana há pelo menos seis meses. Podemos afirmar que a grande maioria dos jovens entrevistados acabaram transitando pelo mercado de trabalho<sup>12</sup>, tanto de maneira formal quanto informal, confirmando a hipótese de se poder inserir esse grupo de jovens trabalhadores dentro da realidade da juventude brasileira como uma “juventude trabalhadora” (SPOSITO e SOUZA, 2015)<sup>13</sup>, aproximando, assim, a realidade vivida em uma pequena cidade do interior paulista ao que se observa no contexto nacional.

Esta dissertação apresenta, portanto, os produtos de uma pesquisa iniciada em novembro de 2016 (aplicação de questionários e “conversas no campo”<sup>14</sup>) e que foi aprofundada no ano de 2017 (entrevistas e conversas) e em especial em 2018 com o início de uma nova fase de elaboração - com novas entrevistas e novas conversas.

No primeiro capítulo apresentam-se considerações sobre o município de São Miguel, com a mediação do conceito de “rurbano”, bem como elementos para reflexão sobre a condição juvenil no Brasil, em interface com a educação e o mundo do trabalho, especialmente considerando o perfil de localidades semelhantes a que foi aqui investigada. Em um segundo momento, procurou-se apresentar o percurso metodológico

---

<sup>12</sup>De todos os jovens entrevistados apenas duas meninas não haviam exercido nenhum tipo de atividade remunerada até o momento das entrevistas, sendo que uma delas procurava por emprego desde o terceiro ensino médio sem ter tido sucesso, enquanto outra disse estar se concentrando nos estudos, tendo apoio dos pais para isso.

<sup>13</sup>“Não há dúvidas de que a juventude brasileira é uma juventude trabalhadora. Dados da PNAD 2011 indicam que mais de 22,7 milhões de adolescentes e jovens com idade entre 15 e 24 anos trabalhavam, procuravam por trabalho ou desempenhavam atividades domésticas (conciliando ou não os estudos), o que corresponde a 68,8% dos indivíduos desta faixa etária. Todavia, a taxa de participação desta população difere sensivelmente quando consideradas as diferentes faixas etárias: dos indivíduos com idade entre 15 e 17 anos, 36,5% trabalhavam ou procuravam trabalho ativamente (conciliando ou não a frequência à escola), ao passo que, entre os de 18 e 24 anos, esse percentual era de 83,9%”. (SOUZA& SPOSITO. 2014, p. 47). De acordo com a PNADC referente a 2017, temos o percentual de 48,3% dos jovens (15 a 29 anos) ocupados (trabalhando), destes cerca de 35% estavam apenas trabalhando enquanto os demais (13,3%) estavam trabalhando e estudando ( <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10070/64506> ). Essa amostragem (de 2017), contudo, não considera os jovens que procuram por trabalho e realizam tarefas domésticas.

<sup>14</sup> As conversas referem-se a diálogos mais breves com os jovens que não foram gravados. Algumas se deram no âmbito da entrevista (antes ou depois das gravações) outras em momentos casuais ou intencionais na escola, ou nas ruas da cidade de São Miguel quando encontramos os jovens. Essas conversas também auxiliaram na construção do que chamamos de um “diário de campo” que ajudou bastante na compreensão dos perfis e trajetórias dos jovens.

adotado juntamente com uma caracterização dos sujeitos entrevistados. Por fim, no terceiro capítulo, aprofundamos o olhar em torno das experiências dos jovens e das jovens junto à escola e ao mundo do trabalho, articuladas aos trânsitos que parte deles vivenciam do campo para a área urbana (de São Miguel), de São Miguel para outra cidade, saídas e retornos, permanência no campo, intenções de partida e permanência, etc.

O processo de elaboração e os resultados finais dessa pesquisa também tiveram implicações extremamente profundas para minha trajetória. Posso dizer que me sinto de São Miguel, e me sinto também (talvez nem tanto pela classificação etária) um “jovem urbano” que viveu a experiência de pertencer a uma família em parte agricultora e moradora de um bairro rural (apesar de nascido e de ter vivido a maior parte da vida na área urbana) que se mudou para a “cidade” e posteriormente para um núcleo urbano maior em uma região metropolitana, para novamente retornar à São Miguel. Ainda vivo com um “pé na área urbana e outro na rural”: meus familiares e amigos têm forte relação com um e outro espaço, quando não são migrantes dos seus “sítios” que vieram parar na “cidade” (núcleo urbano) em um movimento similar ao meu.

Desse modo, o olhar para as experiências e trajetórias dos e das jovens aqui investigados também contribuiu para uma renovada reflexão sobre toda a minha “caminhada”, escolar enquanto aluno de “escola pública” do ensino básico até a pós-graduação, que viveu o “fluxo” de “ir e vir”, de “sair e voltar”. Nesse sentido, talvez não seria exagero dizer que essa pesquisa acabou por ter um caráter “autobiográfico”, uma vez que o grau de identificação do pesquisador para com os sujeitos foi, portanto, bastante elevado. Ao mesmo tempo pesquisar o “quintal” (isto é o ambiente onde se vive) também reforçou a potência da pesquisa, por conta da implicação que existia para com o lugar e o sentimento de necessidade de contemplá-lo em uma pesquisa acadêmica. Dessa maneira, pode-se dizer que essa pesquisa foi (além de tudo já exposto) um exercício de autoconhecimento da parte do pesquisador, nesse caso, um encontro comigo mesmo.

## Capítulo I- O CAMPO DA PESQUISA, A CONDIÇÃO JUVENIL CONTEMPORÂNEA E A PERSPECTIVA DA “RURBANIDADE”.

### 1.1- *“Breve História dos Sertões do Turvo e Fazenda Velha<sup>15</sup>”.*

Apesar de sua emancipação política datar do final do século XIX (1889), o local onde se formou o município de São Miguel começou a ser povoado pelo menos desde o final do século XVIII, quando a coroa portuguesa iniciou a distribuição de sesmarias<sup>16</sup> nessa área para colonos que as desejassem explorar<sup>17</sup>. Esse povoamento pode ser ainda mais antigo se considerarmos que toda essa região sul de São Paulo – desde mais ou menos a altura do município de Piedade- SP até próximo à divisa com o Paraná (Apiáí-SP) era um território conhecido no século XVIII como das “Minas de Paranapanema”. Há documentação escrita e relatos orais que apontam para a existência de garimpos e povoados nos atuais municípios (vizinhos de São Miguel) de Capão Bonito e Ribeirão Grande que teriam sido estabelecidos por volta da década de 1720. Esses “arraiais” de extração de ouro de aluvião com a decadência dessa exploração (já na segunda metade do século XVIII) começaram a perder parte da população que foi se espalhando pela região, e esses colonos a partir de então começaram a se dedicar a uma agricultura de autoconsumo e a pecuária (ALMEIDA, 1959). Ainda sobre a mineração em São Miguel há indícios de exploração de ouro que permanecem na memória popular dos mais velhos<sup>18</sup>, além de algumas referências toponímicas<sup>19</sup>. Um historiador/memorialista que dedicou um livro à história do município afirma que o indivíduo considerado um dos fundadores da localidade teria vindo para a área por volta de 1840, na intenção de explorar ouro e que ao não encontrar passou a se dedicar à agricultura e à criação de animais,

---

<sup>15</sup> Esses são os nomes dos antigos bairros rurais pertencentes a “Vila de Itapetininga” e que conjuntamente correspondem ao que hoje seria o município de São Miguel. Oficialmente, o primeiro nome (em termos administrativos) da localidade foi “Fazenda Velha”.

<sup>16</sup> Áreas de terra doadas pela coroa portuguesa a colonos que pudessem explorá-las, e caso não fossem aproveitadas em um espaço de tempo de até 5 anos eram recuperadas pelas autoridades portuguesas. Com o advento do Império Brasileiro em 1822 essa Instituição foi extinta.

<sup>17</sup> Ver NOGUEIRA, A. C. Itapetininga: Genealogia de Uma Cidade, 2003 e ALMEIDA, Aluísio. A Região do Paranapanema, RIHGB, 1959.

<sup>18</sup> Há em São Miguel uma tradição oral recorrente entre a população mais idosa que faz menção a pequenos garimpos especialmente nas partes do município próximas a Serra de Paranapiacaba popularmente chamadas de “Sertão”. Geralmente esses relatos não são apontados com muita exatidão geográfica nem cronológica, mas em concordância com dados documentais podemos situá-los entre o século XVIII e início do XIX.

<sup>19</sup> O Rio do “Ouro Fino” e os dois Bairros rurais com o nome de “Lavrinha” são sugestivos.

tornando-se dono de uma gleba de tamanho enorme, com cerca de 15 a 20 mil hectares apenas no que hoje seria o município de São Miguel<sup>20</sup> (BARBAS,1998).

Em 1877, o Bairro do Turvo, que também era conhecido como “Fazenda Velha”, foi elevado à categoria de Freguesia<sup>21</sup> por ordem do presidente da Província, passando a se chamar São Miguel em referência à capela existente nesse bairro, cujo padroeiro era São Miguel Arcanjo<sup>22</sup>. Depois disso, ocorreu por parte da família proprietária das terras uma doação para patrimônio da igreja e crescimento do povoado, sendo que 1884 chegou o primeiro padre. Tendo crescido a povoação, a mesma foi elevada a município em 01/04/1889. A agricultura já era a base da economia local, mas ao contrário de outras regiões do estado de São Paulo que tiveram como principal fonte econômica o cultivo do café, em São Miguel essa cultura agrícola parece ter sido apenas residual. Há dados no final do XIX e início do XX<sup>23</sup> que apontam para uma produção de algodão e fumo, além da criação de gado bovino, suínos e ovinos. Mas ao que parece, a maioria dos agricultores tinham como foco o cultivo de mantimentos e animais para seu autoconsumo (ou

---

<sup>20</sup> Dono de outras fazendas na região o latifundiário Tenente Urias de Souza Nogueira de Barros, mineiro de Baependi veio com filhos, netos e outros parentes para São Miguel na década de 1840, quando a região era conhecida como “Bairro ou Sertão do Turvo” e pertencia a Itapetininga, tornou-se patriarca de uma família que é considerada a fundadora da cidade de São Miguel (Nogueira/ Terra) e que somando-se a mais dois outros grupos familiares tradicionais (Fogaças e Françaes) dominaram o cenário político e econômico até o começo dos anos 2000 pelo menos com o revezamento desses grupos familiares na prefeitura. Atualmente apesar de não terem representantes no executivo (o que não significa oposição por parte de quem está no poder a elas) há membros dessas famílias no legislativo.

<sup>21</sup> Tratava-se de uma antiga divisão administrativa existente durante o período colonial e imperial da história brasileira. Uma freguesia teoricamente equivalia a instituição de uma paróquia católica e em uma escala de hierarquia administrativa estaria à frente de um simples bairro ou povoado (que não detivesse esse status) e aquém de uma Vila ou Cidade (ambas entendidas como sedes municipais). Dessa maneira uma freguesia possuía algumas autoridades próprias como um pároco, juiz de paz, etc. As freguesias ainda eram dependentes politicamente de uma vila ou cidade, ou seja, não teriam autonomia política sendo, portanto, parte de um município. Com a proclamação da república no Brasil em 1889 e o processo de relativa laicização que acompanhou a mudança do regime político essa nomenclatura caiu em desuso sendo em muitos casos substituída pelos chamados “Distritos de Paz”. Alguns lugares no Brasil ainda conservam em seu nome a referência a esse antigo status como o bairro paulistano da “Freguesia do Ó”.

<sup>22</sup> Antes mesmo da capela e da chegada dos Nogueiras (Tenente Urias e seus familiares) que foram os construtores da capela e que doaram o terreno para a povoação à região (1836) havia um sítio ou fazenda com o nome de São Miguel do Turvo. Nas proximidades da atual cidade de São Miguel também existe um ribeirão com esse nome (Ribeirão São Miguel).

<sup>23</sup>Relatórios do Governo do Estado 1893 e 1916.

aprovisionamento doméstico)<sup>24</sup> ainda que negociando possíveis excedentes<sup>25</sup>. Desse modo, situada fora de importantes rotas comerciais, São Miguel cresceu lentamente, mantendo uma forte presença de uma agricultura visando o autoconsumo ou provisionamento aliada à venda de excedentes de pequenas, médias e grandes propriedades (latifúndios)<sup>26</sup> como carne bovina, suína e outros mantimentos<sup>27</sup>, além de um discreto cultivo de algodão que provavelmente visava a exportação<sup>28</sup> essa situação se prolongou pelo menos até as décadas de 1930 e 1940.

Nos anos 1930 o governo estadual procurou desenvolver um núcleo colonial na região do “Sertão” (Serra de Paranapiacaba) que depois de poucos anos deixou de existir<sup>29</sup>. Nesse mesmo período<sup>30</sup> teve início o chamado “ciclo do carvão” local, associado

---

<sup>24</sup> Em uma pesquisa etnográfica sobre uma comunidade rural do Piauí (sua história, cotidiano e modos de vida) Emília Pietrafesa de Godoi levantou a discussão sobre um uso mais adequado para se referir as formas de cultivo familiar de grupos rurais (comumente ditas de subsistência). Com base nas observações do etnólogo Marshal Sahlins ela diz “preferimos as expressões ‘economia de provisionamento’ e ‘produção para provisionamento’ à de ‘economia de subsistência’, pois esta última geralmente vem acompanhada de uma concepção equivocada que comporta o binômio trabalho contínuo- sobrevivência, enquanto a produção para provisionamento fornece a família se ‘costumoso estoque de bens’, tem seus limites na produção e não possui propensão inerente para o trabalho contínuo” (GODOI, 1999, p.51).

<sup>25</sup> Esse fenômeno talvez esteja na raiz também de uma possível presença não tão significativa da mão de obra escrava no que depois virou o município. Na verdade, não temos documentos que possam apontar o número de escravos existente no local. Mas se sabe que eles existiram, seja porque há referências no testamento do “fundador” Tenente Urias de 1881 a 11 escravos, além de um ex- escravo de nome Justino que foi o patriarca de um bairro local que lhe herdou o nome, o Bairro da “Justinada”. (BARBAS, 1998). No primeiro livro de registros paroquiais (iniciado em 1886) há menção ao casamento de pessoas escravas. Mas mesmo diante disso tudo há localmente, sem dúvidas, um silenciamento enorme em relação a questão da escravidão, como se ela não tivesse existido em São Miguel. A isso se soma uma invisibilidade das famílias que tenham origem em pessoas escravizadas na localidade (cujo poder aquisitivo geralmente é mais baixo) juntamente com um provável processo de “esquecimento intencional” (do próprio grupo familiar ou da sociedade local? Ou de ambos?), cujos motivos não ficam claros, mas que provavelmente estariam ligados a traumas, a vergonha (por parte das famílias de escravizados) ou mesmo legitimação de discursos e poderes locais (por parte das famílias de escravizadores). Essas reflexões são apenas conjecturais, até por não ser esse objeto de estudo principal dessa pesquisa, mas poderiam ser bons temas para uma investigação posterior.

<sup>26</sup> Diferente dos latifúndios das regiões paulistas cafeicultoras ou do Nordeste açucareiro na região de São Miguel eles eram geralmente fazendas de gado, de criação de porcos ou carneiros, ou ainda cultivos de algodão além de gêneros alimentícios (muitas vezes eram unidades de policultura). As “fazendas” (nessa região o termo equivale a grande propriedade rural, geralmente com mais de 100 hectares) em São Miguel eram propriedades de grupos familiares poderosos que inclusive mantinham (com o declínio da escravidão) em suas terras “agregados” que se encarregavam de cultivar a terra entregando parte do produto de suas lavouras aos donos da mesma (terra). Como dissemos à exceção do algodão a maior parte das atividades (fossem das grandes, médias ou pequenas propriedades) agrícolas estavam associadas ao provisionamento ou abastecimento interno (fornecimento de carne e demais mantimentos para núcleos urbanos maiores como Sorocaba ou São Paulo). Sobre o assunto ver: ALMEIDA, 1959.

<sup>27</sup> Destaca-se o feijão e o milho (muitas vezes transformado em farinha ou fubá).

<sup>28</sup> Segundo dados do IBGE na década de 1920 teriam existido no município cerca de 20 máquinas de beneficiamento de algodão <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-miguel-arcanjo/historico>.

<sup>29</sup> A região onde se tentou constituir tal núcleo foi transformada em reserva no final do Estado Novo (1937-1945) e nos anos 1990 virou o Parque Estadual Carlos Botelho.

<sup>30</sup> Houve no início dos anos 1940 também uma espécie de “febre do trigo” quando um imigrante italiano chamado Dante Carraro (aliás homenageado localmente com nome de uma rua e em um dos maiores monumentos na sede municipal) transferiu-se com sua família da Itália para o Brasil por ocasião do declínio

a exploração das matas na região serrana, essencial para a economia local até os anos 1960. Também se observa nesse momento a chegada de migrantes (principalmente nordestinos, mineiros, paulistas de outras regiões e mais tarde paranaenses) e imigrantes; neste caso, além de um pequeno grupo de russos e poloneses ligados ao núcleo colonial na Serra de Paranapiacaba que permaneceu no município, e da urbana colônia Sírio-libanesa<sup>31</sup>, foram os japoneses que numericamente, e mesmo economicamente, tiveram maior peso para a localidade. Chegados entre a década de 1950 e 1960, formando dois núcleos coloniais próximos à divisa com o município de Pilar do Sul, este último grupo criou associações, escolas, pensionatos (para estudantes das colônias poderem morar na sede municipal). Há um imaginário local, reforçado pelas referências à cultura japonesa que remetem a essa presença no município<sup>32</sup>. Localmente também se atribui aos japoneses o cultivo da Uva Itália, símbolo da agricultura local<sup>33</sup>.

A década de 1960 também é marcada pela intensificação de casos de conflitos pela terra, com despejos de população camponesa por parte de proprietários mais poderosos e mesmo de “gente de fora”<sup>34</sup>. Em época mais recente (anos 1970 e 1980) os conflitos pela posse de terra parecem ter ficado mais “submersos”<sup>35</sup> e o município passou a se destacar na produção de frutas, especialmente uvas de mesa. Nos últimos 20 ou 25

---

do fascismo naquele país (1943), o que inclusive gerou em São Miguel especulações se ele não seria ligado ou no mínimo um grande simpatizante ao regime de Mussolini. O fato é que com o capital que possuía e apoio de políticos da esfera nacional e estadual comprou grandes extensões de terra, introduziu o cultivo do trigo com lavoura mecanizada (inédita em toda a região) e iniciou a construção de moinhos bastante modernos para a época. Sua misteriosa história teve um final trágico em um acidente de avião em 1949 e sepultou o “sonho do trigo” em São Miguel.

<sup>31</sup> No começo do século XX chegaram alguns imigrantes italianos, portugueses e espanhóis que se misturaram rapidamente as famílias locais. Mas o primeiro grupo significativo mesmo de imigrantes foi o dos sírios e libaneses. Chegados entre as décadas de 1910 e 1940, esses imigrantes tiveram uma forte ligação com o comércio local. Sendo que alguns inclusive passaram a se organizar em associações recreativas étnicas, mas aos poucos a maioria das famílias da colônia se integrou a comunidade local. Sendo muito menor, especialmente entre os jovens, inclusive as referências ou o conhecimento sobre essa “colônia sírio-libanesa” local. Ao contrário da colônia japonesa que ainda mantém suas associações, e em grande medida, boa parte de suas “tradições”.

<sup>32</sup> Nomes de ruas, parque de exposição, hospital, além de uma “Praça Japonesa”.

<sup>33</sup> Parece haver localmente um senso comum de que os japoneses “modernizaram” (no sentido de inseri-la mais na lógica de mercado) a agricultura local, tendo sido também muito provavelmente os introdutores do cultivo do chá, uvas de mesa e da batata em plantações comerciais (focando a venda para fora do município de São Miguel).

<sup>34</sup> Ao que parece até mesmo empresários que originalmente não estavam ligados a agricultura também buscaram adquirir terras no município, usando inclusive grupos armados para expulsar pequenos agricultores que tivessem posse irregular das terras. Esses apontamentos sobre conflitos fundiários não são oriundos das entrevistas da pesquisa em questão, na realidade as informações que os embasam são provenientes de conversas informais tidas com a população local (especialmente idosos) em contextos diversos.

<sup>35</sup> Por “submersos” queremos dizer justamente que eles têm tido menor visibilidade nas últimas décadas, apesar de não terem desaparecido.

anos também se ampliou a produção de legumes, mas a silvicultura (eucalipto) vem ganhando força, “abocanhando” cada vez mais grandes parcelas de terra que anteriormente produziam alimentos. Há também uma ainda frágil iniciativa de implantação de turismo rural e religioso, além do já praticado turismo ambiental proporcionado pelo Parque Estadual Carlos Botelho e outros Parques Ecológicos Particulares.

Finalizando essa breve explanação histórica sobre o local, cabe destacar que nesse último período da história de São Miguel (a partir da década de 1990 e com mais força ainda nos anos 2000), o fenômeno do êxodo rural se ampliou no município<sup>36</sup>, trazendo uma série de alterações nos modos de vida de sua população além de questões sérias de moradia, acesso a serviços públicos e inserção no mercado de trabalho (além da recorrente migração para fora do município). Essas problemáticas juntamente com os dados referentes a elas serão abordadas nos tópicos seguintes.

## **1.2- Situando São Miguel Arcanjo.**

São Miguel Arcanjo situa-se na região sul do estado de São Paulo e pertence à região metropolitana de Sorocaba. Tem como característica marcante (especialmente na economia) o aspecto rural, sendo a agricultura responsável por grande parte de sua arrecadação (Tabela 1). Sua dimensão física é de 932 km<sup>2</sup> possuindo cerca de 31 mil habitantes (2010)<sup>37</sup>; destes cerca de 21 mil vivem na área urbana e 10 mil na área rural. Seu IDH em 2010 era de 0,710. O município conta com áreas de preservação da mata atlântica de importância, com destaque para o Parque Estadual Carlos Botelho. Lugar de contrastes, São Miguel possui um dos maiores PIBs agrícolas do estado de São Paulo, e

---

<sup>36</sup>Se compararmos esse dado ao que se verificava nos recenseamentos do município anteriores como em 2000 e 1991 (em 2000 havia cerca de 59% da população na zona urbana para 41% na rural e 1991 quando a proporção era de 54% urbana e 46% rural- Informações obtidas em [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/1297](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/1297) ) esse processo fica mais evidente. Em nossa pesquisa esse fenômeno é exemplificado nos casos do jovem “Junior” que com sua família emigrou para a área urbana durante o período que estava cursando o 3º ensino médio (2016). Há também os casos das irmãs Aline e Glória que migraram para a sede municipal de São Miguel em momentos distintos (2015 e 2017) e mais recentemente (meados do ano de 2017) o jovem Eduardo mudou-se da casa de seus pais na zona rural para a do avô na zona urbana e disse (fevereiro de 2018) estar com planos de ir morar no Rio de Janeiro (ver descrição dos jovens)

<sup>37</sup> Segundo o site do IBGE a população estimada em 2018 era de 32. 859 habitantes. Informações disponíveis em <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355020&search=sao-paulo/sao-miguel-arcanjo/infograficos:-informacoes-completas> . Consultado em 29 de setembro de 2017.

apesar das melhorias presentes nos últimos 10 ou 15 anos<sup>38</sup>, ainda tem indicadores sociais muito baixos, mesmo se comparado a municípios vizinhos com características semelhantes, vejamos alguns dados sobre a economia local:

**Tabela 1- Produto Interno Bruto (Valor adicionado). 2013**

Variável	São Miguel Arcanjo	São Paulo	Brasil
Agropecuária	208.595	11.265.005	105.163.000
Industria	29.826	193.980.716	539.315.998
Serviços	204.980	406.423.721	1.197.774.001

Fonte: IBGE/ Cidades- 2018

Em São Miguel, onde há o cultivo de legumes, feijão, milho, trigo, soja, batata e uva (principalmente), existe todo um imaginário local que exalta a agricultura e mais especialmente a viticultura por meio de homenagens em logradouros públicos com referências a essa atividade agrícola (“Avenida” e “Praça dos Viticultores”) e as famosas Festas da Uva<sup>39</sup>. Além dessa festividade ocorrem outras menores que também remetem à produção agrícola: “festa do Milho”, do “Vinho”, da “Nêspera” (ligada à Colônia Japonesa), dentre outras. Nos últimos anos a população, de maneira bem-humorada (e crítica), brinca que logo haverá em São Miguel a “Festa do Calipe<sup>40</sup>”, em função do avanço da silvicultura no município, que inclusive tem ocupado áreas de terra tradicionalmente utilizadas para o cultivo de alimentos.

No município não existem muitas organizações ou grupos especificamente de jovens. Entre os que existem a maioria se liga a instituições religiosas e possuem conotação tipicamente espiritualista<sup>41</sup>. Porém, a partir de 2012, começou a se formar um

<sup>38</sup>Em 1991 o IDHM local era de 0,447, passando para 0, 587 em 2000 e 0, 710 em 2010. Ainda não temos dados para o IDHM referente a datas mais próximas. Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=355020&idtema=118&search=sao-paulo|sao-miguel-arcanjol%C3%8Dndice-de-desenvolvimento-humano-municipal-idhm>-Consultado em 29 de setembro de 2018.

<sup>39</sup> A investigação sobre o discurso de São Miguel enquanto “Capital da Uva Itália” mereceria um estudo a parte. Parece haver uma idealização do município enquanto um lugar de cultivo do produto como se o mesmo possibilitasse não só riqueza, mas uma forte identificação entre o local e o referido produto agrícola, mesmo que apenas uma minoria da população atualmente se dedique ao cultivo do mesmo, o discurso permanece e é sempre cultivado pelos meios de comunicação e autoridades políticas locais.

<sup>40</sup> Nome popular do Eucalipto.

<sup>41</sup> Até cerca de 2010 houve no município a atuação da Pastoral da Juventude da Igreja Católica que possuía grupos com viés mais identificado com a Teologia da Libertação. Após essa época tais grupos entraram em

grupo (orientado por educadores e parceiros) que promove ações culturais com jovens (grafite, capoeira, danças, etc.) e que inicialmente procurou promover ações conjuntas com as escolas da área urbana e rural<sup>42</sup>. Há grupos de pessoas que se organizam para romarias e atividades esportivas, sem possuírem necessariamente fortes relações com a ideia de “juventude”. Por fim, temos também grupos que se reúnem mais esporadicamente com finalidades específicas para realização de eventos culturais (carnaval, encontros, festas, etc.)<sup>43</sup>.

Grande parte da população (tanto rural quanto urbana) vive da agricultura, pecuária e silvicultura. Além desses segmentos, a área urbana concentra um grande número de pessoas que trabalha no comércio (lojas e supermercados), prestação de serviços (algumas ligadas ao setor rural) e em menor medida em pequenas fábricas (roupas, laticínios, beneficiamento de chá, tapetes de automóveis, peças de automóveis e serrarias/ marcenaria e moinho de farinha.)<sup>44</sup>, como se pode ver na tabela:

**Tabela2: Pessoas ocupadas em São Miguel Arcanjo- SP por setor 2007-2013.**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Agricultura</b>	1446	1804	1547	1562	1394	1435	1478
<b>Comércio</b>	848	924	982	1037	1097	1092	1151
<b>Industria</b>	354	339	425	491	571	677	694
<b>Serviços</b>	1159	1187	1151	1120	1167	1219	1312

Fonte: IBGE/ Cidades- 2018.

declínio em detrimento do fortalecimento da vertente dita “carismática” do Catolicismo ligada a RCC (Renovação Carismática Católica), com forte presença dos “grupos de oração”. Além disso é forte também no local a presença das igrejas evangélicas com seus grupos para jovens também.

<sup>42</sup> Posteriormente o coletivo “Capital Juvenil” deu origem ao projeto social “Cidade Escola” desenvolvendo suas atividades especialmente junto as crianças e adolescentes de uma área periférica da cidade de São Miguel (principalmente dos bairros “Planeta”, COHAB IV e Portal Califórnia). Recentemente (2017-2018) a prefeitura municipal sinalizando pouco interesse na manutenção do referido projeto social retirou todo o subsídio que era fornecido ao ele, o que acabou reduzindo muito o número de educadores e parceiros, e consequentemente diminuindo a quantidade de crianças assistidas tal como a “qualidade” desse atendimento. Demonstramos aqui o interesse em promover um debate mais aprofundado sobre esse importante projeto local e sua situação atual em um momento mais oportuno.

<sup>43</sup> É provável que jovens do município participem de organizações e associações em localidades vizinhas ou próximas como Sorocaba e Itapetininga (além de outras mais distantes como São Paulo, mas nesses casos os jovens não passam a maior parte do tempo em São Miguel) especialmente pelo fato de boa parte deles frequentarem Instituições de Ensino Superior e técnico nessas cidades ou mesmo por trabalharem nelas.

<sup>44</sup> Dados do IBGE, op. cit.

Observando-se a tabela anterior (nº2), percebemos um significativo aumento de pessoas ocupadas no setor de comércio e de serviços entre os anos de 2007 e 2013, que conjuntamente ultrapassam o número de envolvidos na agricultura. A ampliação de postos na indústria<sup>45</sup> foi uma constante desde 2008, ainda que sua importância em termos gerais seja pequena. É perceptível que enquanto praticamente todas as áreas passaram por uma curva ascendente, a agricultura enquanto força de trabalho se encontra (ano de 2013) menor do que já foi entre 2008 e 2010, já o setor de comércio e o de serviços se configuram como os que mais crescem em termos de importância local, o que fica claro também na tabela 1; na arrecadação do PIB referente ao ano de 2013, onde apesar de a agricultura ainda ser a principal fonte de geração de capital, verifica-se um incremento dos demais setores (com destaque para o de serviços e comércio).

A agricultura gera um menor número de postos de trabalho em função da mecanização cada vez mais presente, mas persiste sendo altamente rentável em função da ampliação da monocultura e concentração fundiária. Dada a pouca geração de empregos no setor, observa-se um processo intenso de êxodo rural que não cessa de crescer em São Miguel. Nesse sentido trazemos as observações de DAL ROSSO (2017): ao pesquisar os processos recentes de flexibilização e precarização do trabalho no mundo e no Brasil notou que tem ocorrido um processo de assalariamento paralelo a uma ampliação das situações de precarização (com jornadas de trabalho excessivas) no campo, juntamente com a criação de um “contingente de reserva de mão de obra” de modo que:

Entre 2000 e 2010, uma multidão de 1,8 milhão de pessoas deixou o setor primário, proveniente, em sua maioria, do grupo social dos trabalhadores por conta própria e autônomos. Expulsos das atividades do setor primário, dirigiram-se às cidades em busca de outros meios de viver e de seu trabalho. O crescimento do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é prova viva dessa mudança nas relações de trabalho. Quem conhece as regiões de agrobusiness em qualquer lugar do país, no Sul, Sudeste, Nordeste, ou Centro-Oeste, percebe a profunda transformação da agropecuária que abastece o mercado interno e exporta e que expulsa de seu interior moradores, parceiros, meeiros, colonos e pequenos proprietários, num processo cuja intensidade e truculência saltam aos olhos do observador. Se a experiência dos países capitalistas ricos serve de algum ensino, embora avançado, esse processo não se concluiu, está em pleno

---

<sup>45</sup> Entre 2008 até aproximadamente 2014 foram abertos pequenos estabelecimentos industriais no município, como: fábrica de batatas fritas, cervejaria, marcenaria e serraria.

andamento. Quatro milhões de pessoas ainda ganham a vida e produzem excedentes na agropecuária, pesca, extração vegetal, atividades de preservação do meio ambiente e similares”. p. 185-186.

Como mostra Dal Rosso, por volta de 2010, o número de assalariados rurais foi o maior já registrado até esse momento da história<sup>46</sup> e isso provavelmente está relacionado não apenas ao crescimento do setor do “agronegócio”, mas também aos processos expulsores e desagregadores dos modos de produção mais tradicionais (produção familiar, parcerias, meeiros, colonos, uso comum da terra, etc.). Esses processos são apontados também por José de Souza Martins (1982 e 2010) como caraterísticos da “modernização”/ mercantilização do campo brasileiro, ou ainda da entrada efetiva do capitalismo moderno em todas as esferas de produção no Brasil. Essa discussão será ainda retomada mais adiante nesse trabalho.

Voltando à caracterização do local da pesquisa, vale ressaltar que dentro do que poderíamos chamar genericamente de juventude local, destacamos o número apontado pelo IBGE (2010) de 5541 pessoas que possuem entre 15 e 24 anos, posto que é aproximadamente dentro desse grupo que se encontra o público alvo da fase inicial da pesquisa (aplicação de questionários e primeiras conversas) e secundária da pesquisa (entrevistas/ acompanhamento)<sup>47</sup> dado que eram jovens concluintes e recém egressos do ensino médio. Essa escolha se deve ao fato de a imensa maioria dos estudantes de ensino médio matutino e noturno regular (ao menos do município estudado) terem essa faixa etária. Segundo o mesmo Instituto o número de matrículas no ensino fundamental era em 2017 calculada em 4422 enquanto no ensino médio foram 1262.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> “Examinando informações relativas ao ano 2010, os assalariados constituem, pela primeira vez na história brasileira, numericamente a maior classe social das pessoas ocupadas no setor primário, em que estão incluídas além de assalariados e empregadores, as categorias de trabalhadores por conta própria, autônomos, camponeses, pescadores, extrativistas etc. O setor primário da economia brasileira manifesta sua face tipicamente capitalista de empregar trabalhadores assalariados, livres de terra, em proporção maior do que outros tipos de trabalhadores. Com efeito, no ano 2000 os empregados assalariados continuavam no mesmo número de 4,2 milhões de pessoas e os trabalhadores por conta própria haviam diminuído de 5,7 milhões para 4 milhões. Em 2010, portanto havia cerca de 200 mil trabalhadores assalariados a mais do que trabalhadores por conta própria no setor agropecuário no país. Com essa transformação no quadro da mão de obra, o Brasil iguala-se aos demais países capitalistas no uso majoritário da força de trabalho assalariada para o desenvolvimento das atividades primárias.” (DAL ROSSO, p.187, 2017).

<sup>47</sup> Durante o período de realização das entrevistas o grupo que acabou fazendo parte dessa etapa tinha idades situadas entre 17 e 21 anos. Logicamente que o grupo selecionado para a pesquisa é apenas uma pequena amostragem deste total.

<sup>48</sup> Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-miguel-arcanjo/panorama>

Localmente os moradores se referem à área urbana como “cidade”. Apesar dos limites entre os espaços tidos como urbanos e os rurais serem bastante fluidos, há também uma noção na localidade a respeito da separação entre esses lugares. Geralmente há entre os moradores do núcleo urbano um discurso (um imaginário) de certa “superioridade” no sentido de que eles vivem em um lugar melhor (por ter maior acesso aos serviços públicos, um pouco mais de diversificação em relação ao trabalho e mais lugares de lazer) se comparado aos da área rural. Às vezes esse sentimento que enxerga o que é urbano como “superior” também aparece nos moradores da área rural, especialmente entre jovens.<sup>49</sup> Nesse mesmo imaginário o “rural” pode ser, em parte dos casos, alocado em segundo plano (enquanto lugar para se viver, trabalhar, estudar, etc.), ainda que haja também um movimento contrário (que tem, inclusive crescido) que valorize o “campo” e aquilo que possa estar associado a ele (símbolos, indumentária, atividades profissionais, etc.).<sup>50</sup>

Entre o que chamamos de área urbana no município pode-se compreender os bairros situados no entorno do centro (além deste, é claro), onde se situa a sede municipal. A maior parte dessa área (sede municipal) é servida por serviços de água e esgoto, energia elétrica, e a grande maioria das ruas são asfaltadas. Mas há também disparidades, especialmente de caráter econômico. Possivelmente as que se observam mais facilmente na área urbana são as diferenças entre os bairros cujos moradores tenham poder aquisitivo mais elevado (Centro, Monte Verde e Nova São Miguel) e os de menor poder aquisitivo que são justamente os que tem uma presença muito mais reduzida dos serviços públicos e infraestrutura (Vila Aparecida, as cinco COHABs, Vila Rica, Portal Califórnia, Vila Xisto e Vila Tomaz)<sup>51</sup>. Dentro do que se considera perímetro urbano há também dois

---

<sup>49</sup> Essas impressões são fruto muito mais de observações vivenciadas na localidade (não necessariamente durante a pesquisa desenvolvida) do que exclusivamente por conta das entrevistas.

<sup>50</sup> No tópico 1.7 faremos uma discussão mais ampla e aprofundada sobre esses imaginários em São Miguel.

<sup>51</sup> Em alguns momentos nesse texto é feito o uso do termo “periférico” ou “periferia” para se referir aos bairros que não constituem o centro da cidade. Essa utilização guarda além da caracterização geográfica um sentido associado à renda dos moradores e infraestrutura presente nessas áreas o que acaba por não incluir bairros que não se situam na área central da cidade “de fato”. Na realidade esses bairros não tão centrais devem ser considerados como uma “expansão” da área central por conta de uma relativa proximidade (com o tal centro) e principalmente pelos critérios associados ao poder aquisitivo dos moradores e infraestrutura dessas áreas. Esse seria principalmente o caso dos bairros “Nova São Miguel e Monte Verde”. Cabe ressaltar, contudo, que o uso do termo periférico feito para o contexto de São Miguel deve ser entendido dentro dos parâmetros de uma pequena cidade que apesar de ter graves problemas de desigualdade sócio- econômica talvez não deve ser levado “ao pé da letra” em uma comparação com áreas periféricas de grandes centros urbanos. Ou seja, são bairros não centrais, com menos infraestrutura (comparando- se ao “Centro de fato e o Centro Expandido”) e cujos moradores tem uma renda menor, mas não devem entendidos como exatamente iguais aos grandes conjuntos periféricos metropolitanos.

bairros que tem um caráter rural muito forte posto que são compostos parcialmente por “chácaras” e “sítios” (pequenas propriedades rurais) além de casas, oficinas, serrarias todas em pequenos terrenos (Rio Acima e Pinhalzinho), esses dois bairros tem crescido bastante como parte da expansão da mancha urbana, tendo sido incluídos como parte do dito perímetro urbano a cerca de uma década. Em São Miguel os prédios mais elevados possuem no máximo quatro andares, a maior parte das lojas e estabelecimentos comerciais se encontram na área central da “cidade” que se desenvolve no entorno da Igreja (católica) Matriz de São Miguel<sup>52</sup>. Recentemente foram abertos três novos loteamentos nos limites da área urbana que possivelmente irão aumentar o espaço desse perímetro.

Quanto aos bairros rurais, cujas dimensões geográficas são bem maiores (ainda que atualmente sejam menos populosos se comparados aos urbanos) pode-se dizer que eles têm características diversas. Alguns deles contam com maior concentração populacional e até mesmo um certo grau de “urbanização”<sup>53</sup> sendo esses caracterizados por um núcleo residencial com praça, escola, estabelecimentos comerciais e até mesmo farmácias, oficinas, lanchonetes (entre outros estabelecimentos associados ao espaço urbano<sup>54</sup>), além, é claro, das chácaras, sítios e fazendas. Já outros possuem a população mais dispersa, sendo seus moradores residentes em pequenas e médias propriedades rurais e por vezes em latifúndios<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> Esse templo foi elevado recentemente (2018) a condição de “Basílica Menor” pelas autoridades eclesiásticas católicas. Há por parte da Igreja local uma tentativa recorrente já a alguns anos de incentivar a devoção à São Miguel Arcanjo regionalmente com a promoção de romarias e criação de “espaços” dedicados aos romeiros nas dependências da referida paróquia (velário, lanchonete e loja de lembranças).

<sup>53</sup> Na falta de outro termo mais adequado usamos o de “urbanização” mas adiantamos que o mesmo é considerado com ressalvas, na realidade há sim bairros da área rural que possuem elementos geralmente atribuídos aos espaços urbanos (em um sentido positivo) como asfaltamento, rede de fornecimento de água e coleta de esgoto, escolas, postos de saúde, etc.

<sup>54</sup> Dentre eles os mais característicos dessa tendência seriam o Distrito do “Gramadão” que quase se junta ao Bairro do “Pocinho” (devendo somar os dois juntos alguns milhares de habitantes) e também os bairros da “Abaitinga” e de “Santa Cruz”. Curiosamente esses bairros mais populosos se acham a uma distância de quase 20 km da sede municipal sendo próximos das áreas de divisa com municípios vizinhos.

<sup>55</sup> O município de São Miguel apresenta raros bairros rurais compostos majoritariamente por “fazendas”, isto é, latifúndios (o que não quer dizer que elas não existam). Na realidade pode-se dizer que há mais bairros com maioria de pequenas e médias propriedades rurais (seria o caso possivelmente dos bairros “Rio Acima”, “dos Paulos”, da “Boa Vista”, “Colônia Pinhal” e “Colônia Tozan”, “Guararema” e “Abaitinga”, “Capão Rico de Baixo”, “Colinas”, “Brejauva”, “Rincão”, “Turvo dos Hilários” e “Faxinal”) onde as grandes propriedades são mais raras (ainda que existam) e há os bairros em que elas parecem ser mais comuns ainda que neles também se encontrem pequenas e médias propriedades, são eles: “Capão Rico de Cima”, “Cereser”, “Cerrado dos Touros”, “Turvinho”, “Turvo da Lagoa”, “Retiro”, “Justinada”, “Ferreirada”, “Santa Cruz”, “Capela de São Roque”, “Turvo”, “Lavrinhas” e “Estiva”.

Os moradores das áreas rurais em sua maioria trabalham (nos locais de sua moradia) na agricultura ou pecuária (para si ou para família ou ainda como assalariados em outras propriedades rurais, em estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços nos mesmos bairros rurais), mas é cada vez maior o número de pessoas dos bairros rurais que estão trabalhando ou buscando emprego na área urbana, seja de forma definitiva (ou prolongada) e nesse caso envolvendo (por vezes) o projeto de mudança de domicílio para a área urbana mas também por meio do recurso a pluriatividade, indo trabalhar na sede municipal, mas mantendo um trabalho (as vezes “secundário”, isto é, não sendo a principal fonte de renda) no sítio ou chácara da família.

O município conta com seis escolas públicas de ensino médio<sup>56</sup>, todas elas estaduais, sendo três localizadas na zona urbana e três na rural<sup>57</sup>. Nessa pesquisa se buscou estudar uma instituição escolar da área urbana: a Escola Estadual Maria Francisca Deoclécio Arrivabene, que possui cerca de 550 estudantes, tendo aulas nos três períodos (matutino, vespertino e noturno) no ensino fundamental II, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como já foi dito a escola fica em área periférica na cidade de São Miguel no Bairro Cohab I, e recebe alunos do seu entorno, da área central, e rural do município. Nessa Instituição são realizados o programa do governo do estado de São Paulo “Escola da Família” (nos finais de semana) que conta com uma participação relativamente grande da população local. Nela também existe o programa do governo federal “Mais Educação” que realiza oficinas com alunos (no contra turno de suas aulas) de horticultura, esportes, iniciação musical, e reforço escolar<sup>58</sup>.

Existe nessa escola também um grêmio estudantil cuja a atuação foi mais discreta nesses dois últimos anos muito provavelmente pelo fato de que no ano de 2017 a maior

---

<sup>56</sup> Há no município de São Miguel (área urbana) uma unidade do Colégio Objetivo que deve abrigar apenas algumas dezenas de alunos (são correntes os comentários de que o mesmo colégio está prestes a fechar) além disso há jovens que se deslocam até a cidade de Itapetininga a fim de cursarem o ensino médio nas ETECs, no Instituto Federal (IFSP), no Sesi ou ainda em outros colégios particulares.

<sup>57</sup> Mesmo havendo escolas rurais há um número relativamente grande de alunos nas escolas urbanas que são oriundos das áreas rurais, esse fenômeno se deve a logística de distribuição da população em relação as escolas rurais, isto é, os bairros mais populosos ou circundados de bairros mais populosos possuem escolas estaduais de ensino fundamental II e ensino médio. Por outro lado, nos menos populosos os jovens são obrigados a ir até a sede municipal para estudar. O transporte para esses jovens é público, mas eles enfrentam recorrentes problemas em relação a ele (o mesmo é fornecido pela prefeitura) que vão desde o horário de transito (as vezes os motoristas pressionam os estudantes a sair antes de terminar a aula) ou ainda o fato de que conforme se aproxima do encerramento do calendário escolar algumas linhas deixam de transitar (seguindo possivelmente uma política de corte de gastos” da prefeitura).

<sup>58</sup> Devido aos vários cortes na área da educação operados pelo governo Temer, ao que parece no primeiro semestre do ano de 2018 só estava funcionando nesse programa as aulas reforço escolar, e mesmo elas correm risco de serem encerradas.

parte dos integrantes haviam concluído o ensino médio e as eleições só vieram a ser realizadas em abril desse ano (2018) de maneira que ainda não foi possível acompanhar muito bem as ações desses jovens na escola. A comunidade local (geralmente ex-alunos) também utiliza com certa frequência a quadra da escola para jogos de futebol e basquete no período noturno quando a mesma não é utilizada pelos docentes e discentes nos treinamentos. No mais até alguns anos atrás (2011) eram realizadas festas abertas à comunidade (“Festas Juninas” e “Festa da Primavera”), muito apreciadas pelos moradores e úteis para a escola (que arrecadava fundos complementares para reformas e compra de itens necessários ao espaço escolar, além de aumentar o envolvimento escola-comunidade) elas acabaram não sendo mais realizadas segundo docentes e equipe gestora por conta de problemas de segurança (brigas e consumos de drogas por parte de alguns frequentadores) e possivelmente também por um menor entusiasmo da própria equipe escolar em realizá-las<sup>59</sup>. Por fim, a comunidade também participa (por meio de representantes) das reuniões dos Conselhos Escolares (onde são apresentados os orçamentos, gastos, problemas, projetos, etc. da escola).

### **1.3-A Categoria Juventude e o “*ser jovem*”.**

A categoria juventude<sup>60</sup> é uma construção histórico e social, variando de acordo com contextos e territórios, não se restringindo a uma faixa de idade. É José Machado Pais (2012) que nos ajuda aqui a problematizar nosso olhar “etarizante”, a partir do exemplo de uma população cuja apreciação etária inexistente, ou no mínimo não se adequa aos moldes ocidentais:

---

<sup>59</sup> Nesse ano (2018) houveram algumas discussões à respeito da tentativa de retomar a realização dessas festas sem que até o momento (julho de 2018) se tenha de fato decidido algo nesse sentido.

<sup>60</sup>Por questões de praticidade para além da discussão conceitual sobre juventude que será feita nesse tópico convém apontarmos que há também uma necessidade de apontar a idade cronológica dos sujeitos e isso inclusive é básico para construção de políticas públicas para tal grupo. Em concordância com a análise de Helena Abramo (2016) percebemos que: “Convencionou-se, no Brasil, que os processos que constituem a juventude ocorrem, na maior parte das vezes, entre 15 e 29 anos de idade. Este arco de idade está em todos os marcos legais que acompanharam a instituição da política nacional de juventude, reafirmada agora pelo Estatuto da Juventude, que define os direitos relativos a este segmento e que foi aprovado e sancionado em 2013. Contudo, para compreender os significados das situações e das questões vividas pelos jovens, é fundamental olhar para as especificidades dos diferentes momentos dessa trajetória, diferenciando, por um lado, a situação dos adolescentes (15 a 17) da dos jovens de 18 a 24 anos, e por outro, daqueles que tem entre 25 e 29 anos”. (p. 19-20). No caso da pesquisa aqui apresentada os sujeitos se encontram (no momento de conclusão da mesma) todos já na fase intermediária (18 a 24 anos).

Por exemplo, entre os Tuareg- tribo nómada da Nigéria- não se contam os anos de vida. Se um antropólogo se dirige a algum nativo da tribo questionando-lhe a idade, o nativo poderá responder: '30 anos'. Se o antropólogo desconfia da veracidade da resposta, sugerindo que o nativo aparenta ter mais idade, este poderá responder-lhe, para satisfazer: 'hum... talvez tenha uns 100 anos'. O que aqui está em causa não é uma incapacidade de contagem, por parte dos Tuareg, mas uma indiferença em relação ao cálculo dos anos da vida (PAIS, p.372. 2012).

É ainda Machado Pais que nos alerta (com base em uma experiência no Brasil), para o risco de se presumir uma classificação etária sem conhecer o contexto onde se pretende aplicá-la:

Nunca me esquecerei da lição que, um dia, um guia- mirim de Olinda me deu a propósito da arbitrariedade das idades. Quando o questionei sobre sua idade e manifestei a minha surpresa por um corpo tão franzino reivindicar dezessete anos, ele esclareceu-me: 'Sabe, senhor? Nós aqui, em Olinda, apenas crescemos em idade', assim justificando o conjunto de privações por que passam jovens da sua condição. (op. cit. p.372).

É claro que as situações narradas por Pais não são inteiramente aplicáveis a todos os casos em que se estude juventude (especialmente a percepção etária dos Tuareg), mas, sem dúvidas, alertam para o necessário cuidado tanto em relação à tendência a "etarização", quanto a "superficialidade das aparências" (em detrimento de um conhecimento mais aprofundado)<sup>61</sup>, que no fundo podem ter como finalidade obedecer mais a interesses institucionais/ estatais (PERALVA, 1997), como veremos adiante.

Relativamente recentes no mundo ocidental, as noções de infância, adolescência e juventude, são frutos da emergência da sociedade burguesa e de seu conjunto ideológico, sendo, por tanto, elementos histórico-culturais, uma vez que são significados de acordo com o contexto vivido por cada sociedade que o elabora, não sendo assim, dados "naturais" (LEVI & SCHIMTT, 1996; PAPPAMIKAIL, 2011, PERALVA, 1997). Como bem observa Lia Pappamikail, para quem a noção que temos de juventude é produto da modernidade:

---

<sup>61</sup>Esse caso do jovem de Olinda, é bastante interessante e revelador na perspectiva de apontar uma possível situação de grande pobreza vivenciada pelo jovem, isso pode dizer muito do lugar também. Ao mesmo tempo pode revelar um olhar "viciado" (que desconhece aquela realidade específica, por partir de outra/ viver outra) do pesquisador.

Pode afirmar-se com razoável grau de segurança que a juventude tal como se concebe actualmente (na sua dupla vertente de fase da vida e categoria social), é um produto da modernidade. Não havia na Europa pré-industrial qualquer dúvida quanto ao estatuto de subordinação simbólica da infância em relação à idade adulta, para a qual se transitava, aliás, diretamente. (2011p. 82).

Outra socióloga que defende postura semelhante é Angelina Peralva, para quem a “consciência moderna”, procurou promover a “cristalização das idades da vida” (PERALVA,1997). Peralva também demonstra como o conceito de juventude é transformado em categoria administrativa e institucional, especialmente a partir do século XIX, e como o mesmo está atrelado a articulações da construção e configuração dos Estados- Nacionais modernos. Paralelamente a essa burocratização da categoria etária de juventude houve uma ampliação dos ambientes institucionais de ensino, nesse caso (principalmente) as escolas, que passam a cumprir uma função regulatória de inserção e adequação dos jovens à sociedade.

Reforçamos aqui a problemática sobre a percepção da juventude enquanto idade da vida mais ou menos delimitada e construída histórico e culturalmente com base nas análises de Jean-Claude Schmitt e Giovanni Levi. Para eles as noções de juventude tal como a de criança são melhor definidas, ou pelo menos passam por um processo definidor mais efetivo a partir do século XVIII. Mas esses dois historiadores entendem que a ideia de juventude não é algo totalmente ausente de significado nos contextos anteriores ao século XVIII, criticando assim a tese de Philippe Ariès, historiador que apontava a infância e juventude como quase imperceptíveis em relação ao “ser adulto” (nessa perspectiva, crianças e jovens seriam “pequenos adultos” ou “quase adultos”), especialmente durante a antiguidade clássica e período medieval ocidental. Para Schmitt e Levi a juventude se trataria de um momento (ou idade) que pode ser percebido como específico (existente mesmo antes do século XVIII ainda que de forma relativizada e mais fluida, isto é, de acordo com o contexto), nesse caso deve ser ressaltado, segundo eles para essa categoria, um carácter de “limite” entre fases da vida, mas também, na esteira de outros especialistas no tema, concordam que essa delimitação é muito mais cultural do que fisiológica (SCHIMITT & LEVI, 1996).

Outro pesquisador que observa especificidades típicas de determinadas idades da vida (com o enfoque na juventude) ressaltando o carácter performático do “ser jovem” é Vitor Sérgio Ferreira (2009) para quem apesar de:

Os limites para a aferição sociológica da juventude não sejam de natureza eminentemente biológica e não se determinarem exclusivamente pela idade dos indivíduos, certo é, que, socialmente, ser jovem passa pela codificação etária de um modelo de corporalidade. (p.167)<sup>62</sup>.

Ferreira considera o aspecto sócio cultural da configuração da juventude enquanto período mais específico das idades da vida, mas questiona um dimensionamento exagerado dessa ideia como aquele expresso por Pierre Bourdieu quando afirma que a juventude é tão pouco e tão somente uma palavra<sup>63</sup>. Instigante também na análise de Ferreira é a importância do olhar para o corpo jovem, por vezes ignorado nas análises sobre a condição juvenil (FERREIRA, 2009).

Diante disso, entendemos que juventude é um conceito socialmente construído<sup>64</sup> e que não teria o menor sentido sem os aportes culturais que o tornam uma categoria delimitada. Por outro lado, é inegável que existem elementos de caráter mais específico dessa idade da vida que se não são circunscritos a ela raramente aparecem fora dela (pensamos aqui especificamente em situações emocionais/ psicológicas e biológicas<sup>65</sup>). Vitor Ferreira aponta, inclusive, para todo um processo de construção do “corpo jovem” em relação aqueles cuja idade da vida é caracterizada como tal (que são vistos como jovens) que se torna inclusive na contemporaneidade um ideal a ser seguido mesmo por aqueles que já passaram do padrão etário entendido como de juventude e que já seriam vistos como adultos de fato (FERREIRA, 2009). Nessa mesma perspectiva de análise que

---

<sup>62</sup> Ferreira entende que há “sinais pubertários” relacionados a condição juvenil, mas para além disso haveria uma “gestalt” relacionada a imagem pública (como o corpo se mostra, se porta, se veste, etc.) que marcam a ideia de juventude (imaturidade) e vida adulta (maturidade) (FERREIRA, 2009, p. 167).

<sup>63</sup> BOURDIEU, Pierre. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

<sup>64</sup> Ao refletir sobre a temática da construção social da juventude e o seu uso pela sociologia da juventude José Machado Pais afirma que: “Com efeito, a juventude começa a ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma ‘unidade social’, um grupo dotado de ‘interesses comuns’ e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil ‘unitária’. No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre os jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente- as diferenças sociais que entre eles existem” (PAIS, p.140, 1990).

<sup>65</sup> Nesse caso novamente o aparecimento dos sinais pubertários seria um indicio de que há algo de específico nessa idade da vida. Reforçamos novamente, que compreender que a ideia de juventude é uma construção histórico cultural não implica, contudo, negar por completo questões de caráter mais psico- biológico, desde que ao se compreender o/a jovem como ser de especificidades biológica ao mesmo tempo em que o/a enxergamos enquanto produto cultural de uma determinada realidade.

percebe “o jovem” como modelo cultural a ser seguido temos a já mencionada Angelina Peralva (1997) afirmando que:

Mas não se trata apenas de aceleração da mudança social. Trata-se também de uma verdadeira mutação biológica do ciclo da vida, introduzida a partir de uma elevação importante da esperança de vida, que já dobrou em menos de um século e cujo processo de alongamento tende a continuar. Desse ponto de vista, a definição das fases da vida, pontuada em seus extremos pelo nascimento e pela morte, sofre também uma alteração profunda, cujas consequências permanecem ainda obscuras para nós. O envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente (p. 23).

Mas para além da reflexão sobre a categoria juventude, também cabe um olhar para os jovens como sujeitos concretos, de “carne e osso”, com características e formas de ser e agir diversas, com modos de inserção e ação nas estruturas sociais diferentes e desiguais. Sobre eles muito se tem esperado e talvez ainda pouco se tenha feito. Espalham-se nos meios de comunicação, no senso comum e nos círculos políticos (da direita à esquerda) que a juventude deve receber o encargo de “salvar a nação”, “transformar o país”, etc. Acreditamos no potencial dos jovens, mas também acreditamos na sua imensa diversidade e formas de ser. E pensamos, portanto, que talvez eles precisem ser muito mais compreendidos em suas demandas, do que investidos nos papéis de “salvadores”.

Pensar o tema juventude só pode ser feito, em nosso entendimento, de forma plural. Afinal, a experiência de ser jovem se altera de acordo com a singularidade de cada caso, isto é, há desigualdades estruturais que atravessam os percursos, as trajetórias e também há modos diversos de enfrenta-las, vive-las e significa-las. É com esse olhar que a presente pesquisa propõe a compreensão dos jovens de São Miguel Arcanjo, e assim contribuir para a compreensão dos modos plurais e desiguais de ser jovem no Brasil.

#### **1.4- Ser jovem no Brasil de 2016- 2018: dificuldades, diversidade e desigualdades.**

A condição juvenil no Brasil contemporâneo deve ser analisada levando em consideração a diversidade e as desigualdades. Cada jovem tem suas trajetórias influenciadas pelo meio social em que ele está inserido, e isso significa que as condições materiais têm um peso importante, por exemplo, nas escolhas acadêmicas/ escolares e

profissionais. Some-se a isso as desigualdades de gênero<sup>66</sup>, raça/etnia<sup>67</sup> e territoriais que também contribuem para reforçar a complexidade de se compreender o que é ser jovem no Brasil atual.

É um fato que em vários aspectos a situação dos jovens melhorou no Brasil desse início do século XXI. É inegável que hoje muito mais jovens tem acesso à escolarização básica e superior (SOUSA e SPOSITO, 2014 e FREITAS, 2015), e o próprio fato de termos uma maior demora na entrada no mundo do trabalho por parte dos jovens pode demonstrar que suas famílias têm conseguido adiar um pouco mais a entrada desses no mundo do trabalho. O próprio mercado de trabalho brasileiro passou nesse período por sensíveis melhoras no sentido de um aumento no número de vagas e uma maior formalização dos postos de trabalho que paralelamente (mediante a mobilização/pressão de setores políticos, da sociedade civil, grupos de pesquisadores e movimentos sociais) se deu com a ampliação de políticas públicas para a juventude que passaram inclusive a considerar melhor as necessidades e especificidades desse grupo, como nos mostram Helena Wendel Abramo, Laís Wendel Abramo e Maria Carla Corrochano:

As alterações observadas no mercado de trabalho brasileiro a partir de 2004, em função da progressiva diminuição do desemprego e expansão do assalariamento e da formalização do emprego, terão importante impacto nos indicadores relativos à situação juvenil no mercado de trabalho. É também nesse período que começa a se fortalecer um outro modo de conceber as políticas públicas para a juventude. A mobilização de setores da sociedade brasileira –organizações da sociedade civil, movimentos sociais, pesquisadores, gestores governamentais de diferentes instâncias etc., assim como dos próprios jovens e de organizações juvenis– contribuíram para a emergência e consolidação de uma perspectiva segundo a qual a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, para a qual o Estado e a sociedade devem estar atentos e estruturar políticas públicas capazes de garantir a cidadania e a plena satisfação de seus direitos em diferentes domínios da vida. Tal perspectiva passa

---

<sup>66</sup> Sobre o tema Ver: GUIMARÃES, N. A. & MARTELETO, L. & BRITO, M.M.A. Trajetórias e transições. Os múltiplos e difíceis caminhos dos jovens brasileiros no mercado de trabalho. Comunicação disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Nadya-Araujo-Guimaraes.-Leticia-Marteleto.-Murillo-Marschner-Alves-de-Brito.pdf>

<sup>67</sup> Nesse caso vale lembrar que a juventude negra no Brasil vivencia além de toda uma série de processos de exclusão um crescente “extermínio” conta dos índices assustadores na proporção de jovens negros mortos (SINHORETO, 2016).

a reconhecer a juventude como um momento marcado por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades. (2017, p. 144).

Mas mesmo com o conjunto de redução das desigualdades sociais (especialmente visando a redistribuição de renda), e da criação e ampliação de políticas públicas<sup>68</sup> beneficiando a sociedade e mais especificamente a juventude e que visavam diminuir os problemas oriundos das desigualdades que o nosso país historicamente vivenciou, é essencial que percebamos nesse processo que muitas delas ainda se fazem sentir. Um exemplo disso é que mesmo com as várias iniciativas vinculadas a promoção da igualdade de gênero e igualdade racial, o Brasil é ainda um país com altos níveis de desigualdade de gênero e de raça o que se reflete inclusive nas desigualdades de renda entre homens e mulheres e brancos e negros, sendo que essas também se fazem sentir no plano da escolarização (especialmente no quesito racial) (GUIMARÃES, 2003 e FREITAS, 2015).

Todas essas desigualdades estão presentes na condição juvenil brasileira, além disso há também “desigualdades geográficas” como a do “urbano versus rural”, demonstrada geralmente com maiores rentabilidades e acesso ao mercado de trabalho formal e maior escolarização (e acesso aos serviços públicos) para os moradores do primeiro ambiente (urbano) em relação ao segundo (rural) (CASTRO, et. Al. 2009 e CASTRO, 2015). De toda a forma, ainda que menor se comparada a dos anos 1990, mesmo nesse período de melhorias persistiu uma elevadíssima taxa de concentração de renda<sup>69</sup>. E é obvio que tais desproporções (aliadas as várias outras desigualdades) são

---

<sup>68</sup> Além das políticas públicas que abrangem as famílias de forma mais ampla (e consequentemente) os jovens e de iniciativas mais locais (municipais) que visavam amparar os jovens é importante perceber que no nível nacional houver uma verdadeira ampliação dos ganhos por parte da juventude como nos mostram Pinheiro e Ribeiro (2015). “Em 2015, o país completou uma década de um potente ciclo de políticas públicas de juventude, iniciado com a Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que criou a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e instituiu o “Programa Nacional de Inclusão de Jovens”, o Projovem, que seria o primeiro de um rol de programas e políticas públicas voltados diretamente para a inclusão, autonomia e emancipação da juventude brasileira. A culminância desse processo deu-se com a promulgação do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852), em 05 de agosto de 2013, que dispõe sobre os direitos dos jovens, sobre as diretrizes das políticas públicas de juventude e sobre o estabelecimento de um Sistema Nacional de Juventude para as pessoas entre 15 e 29 anos. Assim, podemos concluir que se vive nos últimos dez anos, um período rico em políticas sociais (redistributivas e de reconhecimento), que vêm atingindo. Direta ou indiretamente a juventude brasileira” (p. 07).

<sup>69</sup> Mesmo com todos os avanços em distribuição de renda e geração de empregos o Brasil é ainda um país profundamente desigual. Segundo o relatório da OXFAM “No início de 2017, os seis maiores bilionários do País juntos possuíam riqueza equivalente à da metade mais pobre da população. Ao mesmo tempo, iniciamos o ano com mais de 16 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Entre os países para os quais existem dados disponíveis, o Brasil é o que mais concentra renda no 1% mais rico, sustentando o 3º pior índice de Gini na América Latina e Caribe (atrás somente da Colômbia e de Honduras). Segundo o último Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) o Brasil é o 10º país mais desigual do mundo, num ranking de mais de 140 países. Por aqui a

vividas pela juventude. Desse modo um jovem cuja família possua um poder aquisitivo mais elevado obviamente terá maiores condições de se dedicar mais plenamente aos seus estudos, provavelmente terá mais oportunidades de realizar outros cursos e atividades que contribuam com sua formação acadêmica e profissionais futuras, e obviamente, terá mais chance de conseguir adiar sua entrada no mercado de trabalho, aumentando, conseqüentemente, também suas possibilidades de formação educacional/ acadêmica ampliada, o que lhe dará muito mais oportunidades profissionais futuramente.

Então, podemos dizer que os últimos 15 anos marcaram o período de maior distribuição de renda, mas que não chegou a dismantelar o “abismo” da desigualdade no país, ainda que tenham sido observados avanços nesse sentido. O fato, é que mesmo com os já mencionados desenvolvimento de políticas públicas e aumento da renda das famílias brasileiras operados nos últimos anos ainda existem muitos jovens que precisam trabalhar, seja por conta de uma necessidade clara de contribuir com a renda familiar, seja por ter como horizonte a necessidade por pouco tempo adiável de deixar de ter sua própria renda (isto é: sustentar a si mesmo). Além disso pelo menos desde aproximadamente 2014, e mais especificamente com a chegada de Michel Temer ao governo federal em 2016<sup>70</sup>, os sinais de que todas as políticas de inclusão social e distribuição de renda estão diminuindo ainda mais é constante e real, especialmente diante dos problemas econômicos pelos quais o país tem passado<sup>71</sup>. Importa ainda dizer que esses problemas econômicos aliados as políticas de austeridade refletem também diretamente na geração de empregos e que o contexto atual em relação a essa temática é bastante desfavorável com um número de desempregados crescente (LEITE & SALAS, 2017).<sup>72</sup>

---

desigualdade é extrema (OXFAM BRASIL, Relatório “A distância que nos une: Um retrato das desigualdades Brasileiras”, 2017, p. 18).

<sup>70</sup> Após um conturbado e contraditório processo de impeachment a presidenta Dilma Rousseff foi substituída pelo seu vice Michel Temer, este em aliança com os setores políticos e da sociedade que apoiaram o processo de retirada da governante eleita colocaram em prática um conjunto de medidas de austeridade e uma série de reformas que vem a atender as demandas de grupos empresariais brasileiros (como a Reforma Trabalhista e da Previdência) relacionados aos interesses do grande capital nacional e internacional.

<sup>71</sup> A respeito da questão econômica no Brasil contemporâneo Carlos Salas e Márcia Leite (2017) afirmam que “Todavia, depois de atravessar um ciclo de doze anos com taxas de crescimento do PIB per capita de 2,7% ao ano, a partir do primeiro trimestre de 2015 a economia brasileira iniciou uma trajetória recessiva que já dura oito trimestres consecutivos e que levou a uma queda acumulada do PIB de 7,2% (ou de 9,1% em termos per capita), constituindo-se na maior crise recessiva da história do país” (p.2).

<sup>72</sup> Os dados relativos à desocupação indicam uma inflexão na tendência anterior de diminuição constante das taxas de desemprego no período 2004/2012. Essa inflexão ocorre já em 2013, ainda que nesse ano e em 2014, os aumentos das taxas de desemprego tenham sido pouco expressivos, indicando que a inflexão pronunciada ocorre em 2015. Vale observar que o aumento do desemprego é mais pronunciado entre os homens e negros. De fato, o desemprego aumenta em quase 100% para os homens e pouco mais de 50% para as mulheres, 65% para os brancos/as e 75% para os não brancos/as. Isso significa que se as mulheres

Observado o atual contexto econômico e político, é importante compreender de que forma ele se constitui e como ele afeta e possivelmente afetará a vida da sociedade brasileira<sup>73</sup> e conseqüentemente dos jovens, grupo social dos mais afetados pelas políticas de austeridade do atual governo. E como já vimos, mais afetados ainda serão os jovens das chamadas classes populares diante da ausência de repasses para políticas públicas.

Ou seja, as expectativas atuais sinalizam o recrudescimento das políticas públicas, arrocho dos investimentos em saúde e educação, risco de privatização de grande parte do patrimônio público brasileiro, implementação de políticas de austeridade as mais diversas, reformas da previdência (totalmente incoerentes com a realidade brasileira) e trabalhistas (que prometem maior precarização aos trabalhadores) além de uma série de outras posições conservadoras e preconceituosas que tem sido promovidas ou no mínimo tido maior eco perante o grupo político que assumiu o poder de 2016 em diante (PAULANI, 2017).

O fato é que após um período de melhorias sociais já mencionados, nota-se ainda a permanência de muitas desigualdades entre a população brasileira e conseqüentemente entre os jovens. E essas desigualdades marcam, portanto, as trajetórias juvenis de tal forma a dificultar para a grande maioria desse grupo uma possibilidade de “linearidade” no desenvolvimento de seus projetos (de escolarização e trabalho), em especial no contexto em que essa pesquisa tem sido desenvolvida (2016-2018). Esse é o Brasil que é

---

conseguiram resguardar mais seus empregos do que os homens, o mesmo não aconteceu com os negros, o que sugere que a melhoria da situação para eles no período 2004/2012 se deveu mais ao crescimento econômico do que a políticas públicas duradouras, capazes de garantir uma inserção mais permanente a esse setor mais vulnerável da população. (p. 5).

<sup>73</sup>Segundo PAULANI (2017) O Programa de governo de Temer (endossado por seus aliados) chamado uma “*Ponte para o futuro*” tem por objetivos reativar a “agenda neoliberal vigente no Brasil anterior aos governos petistas o que significa, em sua visão, entre outras coisas que “ele busca principalmente destruir a Constituição de 1988 e os direitos sociais que ela garante. Sob o pretexto de que ‘um novo regime fiscal requer um novo regime orçamentário’, o programa de Temer fala claramente em acabar com a obrigatoriedade constitucional dos gastos com educação e saúde, o que significa menos escolas e creches e menos verbas para as universidades públicas e para a valorização dos professores em todos os níveis. Significa também a impossibilidade de terminar e aprimorar a construção do SUS, o fundamental e civilizatório Sistema Único de Saúde do Brasil (o ministro da saúde de Temer já disse, aliás, num arroubo de sinceridade, que o SUS não pode ser para todos)” p. 74. Ocorre que com a chegada desse grupo político ao poder se ampliou a aplicação das práticas de austeridade que já estão afetando e afetarão ainda mais o desenvolvimento do país por anos caso não sejam revertidas, e obviamente os grupos mais jovens das classes trabalhadoras estarão entre os que mais sentirão os efeitos de tais medidas, uma vez que há uma crescente dificuldade de inserção no mercado de trabalho (que ao ocorrer possivelmente precária) por conta do fenômeno do desemprego juntamente com a ausência de investimentos em educação e pesquisa trarão grandes dificuldades para os que vivenciam e vivenciarão a condição juvenil no Brasil se as coisas continuarem nesse ritmo (2018).

encontrado e vivenciado por nossos jovens. Vejamos, agora, mais pontualmente alguns dados sobre a escolarização e inserção no trabalho de jovens nesse início de século XXI.

### **1-5- Os jovens e a educação escolar.**

O cenário educacional brasileiro nesse início do século XXI é de uma significativa ampliação/popularização do ensino básico se comparado aos índices anteriores a esse período<sup>74</sup>. É facilmente verificável que houve um aumento não só no número de vagas, mas também no tempo de escolarização dos jovens brasileiros como aponta Maria Virginia de Freitas (2016):

O aumento da quantidade de anos de estudo entre as novas gerações faz com que os jovens de hoje constituam a geração mais escolarizada da história do país. Esse é, certamente, um dos traços marcantes da condição juvenil no país, constituindo um dos elementos centrais do contexto no qual se desenvolvem as relações entre jovens e a educação. (p.129).

Mas se a ampliação do acesso ao ensino formal é uma realidade, o que também se percebe são as contradições existentes nesse processo, como apontam SOUZA e SPOSITO (2014), para as quais essa “democratização” em relação ao acesso as vagas nas escolas públicas (e no ensino médio) não significa total inserção e aproveitamento pleno dos jovens das classes trabalhadoras:

A expansão do ensino médio levou um público novo para os bancos escolares, público este historicamente alijado do acesso a trajetórias mais longilíneas de escolarização, mas está longe de se conformar como uma etapa universalizada, conforme determina nossa legislação educacional (Lei n. 9.394/ 1996; Lei n. 12. 061/ 2009). Novos sujeitos acessaram a escola de nível médio, mas um contingente significativo da população está fora dela, ou porque simplesmente se encontra excluído do sistema educacional ou porque ainda frequenta a etapa que precede a escola média (o ensino fundamental). (op. cit. p.36).

Essa dinâmica de exclusão ainda que por vezes combatida tanto por ações mais isoladas e pontuais de docentes/ pessoas/ coletivos (envolvidos nas questões

---

<sup>74</sup> Segundo Freitas (2016), “Após a popularização do acesso ao ensino fundamental, ocorrida na segunda metade do século passado e ao lado de políticas de correção de fluxo escolar, o Brasil assistiu, nas últimas décadas, a uma intensa ampliação das matrículas no ensino médio e, apesar de todas as limitações, também no ensino superior.” (p.129).

educacionais) como pela implantação de programas/políticas sociais/ educacionais de caráter mais amplo<sup>75</sup>, acaba sendo verificada no ambiente escolar em questão, mas ainda assim ao longo do ano são vários os alunos que evadem<sup>76</sup>, especialmente considerando o ensino médio<sup>77</sup>. É também possível que entre os que permaneçam até o final, o sentimento de ausência de perspectivas seja uma constante, fazendo assim, portanto, parte de uma lógica excludente que é construída socialmente por um sistema educacional tradicionalmente orientado para a manutenção do “status quo” na sociedade.

Importa lembrar também que muitas vezes os jovens se deparam com uma parca oferta de possibilidades acadêmicas e profissionais (como ocorre em São Miguel)<sup>78</sup>, de maneira que tais sujeitos sejam mais facilmente inseridos na já citada lógica excludente o que talvez encontre eco nos grandes centros urbanos (especialmente em áreas periféricas), mas também em pequenas cidades posto que é bastante visível em São Miguel. Esse fenômeno da baixa oferta de oportunidades acadêmicas (ausência de faculdades/ universidades e escolas técnicas no município pesquisado) e profissionais mais diversificadas (posto que são muito restritas ao comércio e agricultura locais) possivelmente influencia na criação de uma realidade cujas expectativas estão dialogando com o tema da migração dos jovens para grandes cidades visando mais oportunidades, temática que será tratada mais adiante (capítulo III) e que foi amplamente debatida por Maria Zenaide Alves (2013) em estudo realizado em um município mineiro rural<sup>79</sup>.

---

<sup>75</sup> Pensamos aqui em políticas (federais) de distribuição de renda e apoio à inclusão escolar, como o “Bolsa Família”, ou de ampliação/ integração do ensino regular com outros segmentos de aprendizado como PRONATEC, “Mais Educação”, etc.

<sup>76</sup> Ainda que relevante, não cabe aqui uma discussão mais aprofundada sobre evasão. Em nosso caso, apenas uma jovem abandonou o ensino médio e retornou a tempo de ser incluída no primeiro grupo a participar da pesquisa.

<sup>77</sup> Andrea Caldas e Luiz Araújo apontam (com base em dados do IBGE) que “Estima-se que 1,6 milhão de jovens estejam fora da escola e entre os que frequentam a escola, 59,5% estão matriculados no Ensino Médio. A escolaridade média da população de 18 a 29 anos no campo, é de 7,9 anos de estudo, entre os 25% mais pobres é de 8,1%, e entre os negros, de 9,2%. (ARAÚJO & CALDAS, p. 238, 2017)

<sup>78</sup> Mesmo o acesso oficial ao ensino formal é menor entre as populações rurais, como observou FREITAS (2015) com base na pesquisa “Agenda Juventude Brasil”: “Os jovens da área rural permanecem com mais dificuldades de acesso à escola que os da área urbana. Eles são 16% da amostra, mas somam 14% dos estudantes. Estão também mais concentrados entre os que cursaram apenas o ensino fundamental: são 19% entre os que estão estudando e 26% entre os que não estão. Sua presença entre os jovens que chegaram ao ensino superior é bastante pequena: são 6% dos que estão estudando e 4% dos que não estão.” (p.132-133).

<sup>79</sup> A tese de Maria Zenaide Alves aponta a presença da imigração enquanto um objetivo de grande parte da juventude local, especialmente uma tradicional imigração para os EUA. (ALVES. 2013). Boa parte das constatações de sua tese foi sintetizado em um artigo feito pela mesma em conjunto com Juarez Dayrell. “Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida” disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0375.pdf>

Por outro lado, quando se pensa na educação formal, apesar de todas as contradições já observadas convém destacar que mesmo diante das várias limitações apontadas anteriormente ela ainda pode ter um significado relevante, no sentido de se alcançar um “algo mais” para populações de pequenos centros urbanos ou áreas rurais como observaram a mesma Maria Zenaide Alves em conjunto com Juarez Dayrell (2015):

Algo que ficou marcado nessa categoria [sobre o trabalho na roça] foi a recusa, quase sempre tendo em vista um membro da família, um amigo ou um parente próximo como referência, e a crença na escola e na educação como meio para sair, fugir desse futuro indesejado. Não é à toa que os próprios pais e mães por vezes usavam, além das surras, a ameaça do trabalho pesado como estratégia para estimular os filhos a frequentarem a escola: “Se não quiser ir pra escola, cabo da enxada”, ou ainda “ou a escola ou o cabo da vassoura”. Esses eram os meios que algumas mães encontravam para colocar os filhos na linha quando eram chamadas para ouvir reclamações na escola. (p. 385-386).

Nessa mesma linha, Alves (2013) aponta em sua já mencionada pesquisa de doutorado, que a constituição de projetos de vida dos jovens passava a ser mais efetiva no momento de encerramento do ensino básico, reforçando, de certa forma, a relação da presença do ensino médio nas vidas dos jovens em um momento decisivo de suas trajetórias:

O marco para as análises dos projetos de vida dos jovens é o término da escolarização básica, por considerar essa uma etapa escolar significativa na condição juvenil no Brasil contemporâneo. No caso dos jovens desta investigação que são, em sua maioria, a primeira geração da família a alcançar esse nível de ensino, concluir o ensino médio é uma conquista comemorada por toda família. A realidade deste município evidencia que a expansão do Ensino Médio, que vem sendo apontada por estudos que analisam essa etapa da educação tem provocado impactos positivos para essas famílias que costumam se orgulhar de estarem realizando o sonho de poder “estudar os filhos”. (p.29).

Entendemos então, que o ponto de partida para buscarmos compreender o papel da escola e escolarização na vida dos jovens juntamente com as experiências vividas e sentidos que são atribuídos a ela (e ao ensino formal) devem ser orientados pela percepção de que essa instituição tem uma função social relevante. Seu papel pode ser tanto libertador quanto opressor, revolucionário ou reproduzidor (no sentido de reproduzir as desigualdades, de manter o “status-quo”), e mesmo produtor de novas desigualdades

(DUBET, 2009), mas também pode contribuir para combater-las e auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária (FREIRE, 2006 [1996]). E é sob esses olhares que nos propomos a analisar a presença da escola e da escolarização na vida dos jovens são-miguelenses que são parte dessa pesquisa.

### **1.6-Os jovens e mundo do trabalho.**

Como já destacado, não é exagero afirmar que o trabalho faz parte do cotidiano dos jovens brasileiros. Já na infância ele pode participar das realidades de nossas crianças seja de maneira real (situação do trabalho infantil) seja virtual/ideal (projeções no futuro)<sup>80</sup>, de modo que ao chegar na “adolescência” muitos jovens, caso não tenham já sido inseridos no mundo do trabalho, começam a pensar com mais frequência nessa inserção, havendo a possibilidade de ocorrerem pressões diversas para que ela se efetive. (CORROCHANO, 2014).

Diante disso, considerar que a juventude brasileira é uma “juventude trabalhadora” (SPOSITO, 2004 e SOUZA & SPOSITO, 2015), não significa dizer que todos os jovens do Brasil trabalham. Mesmo entre os grupos das classes trabalhadoras observou-se nas últimas décadas um alargamento da vida escolar de muitos jovens, e paralelo a esse processo ocorre também uma maior “postergação” ou “moratória” na entrada no mercado de trabalho por parte significativa deles (PAIS, 2001; POCHMANN, 2013). Esses fenômenos estão fortemente relacionados aos “avanços inegáveis, como a recuperação da renda, o maior acesso da população aos bens de consumo e aos programas sociais” obtidos pela sociedade brasileira no início do século XXI (CORROCHANO, 2014). Por outro lado, a participação dos jovens no mercado de trabalho passou por avanços importantes caracterizados por períodos de relativa diminuição do desemprego juntamente com uma maior estabilidade e formalidade na oferta de empregos nesse mesmo período, não obstante os indícios de “retração no período mais recente<sup>81</sup>” (CORROCHANO & FREITAS, p. 155-156, 2015).

---

<sup>80</sup> “O mundo do trabalho, seja como realidade no tempo presente, seja como projeto de futuro, tem intensa presença na vida dos jovens. Desde muito cedo, eles se deparam com perguntas sobre suas escolhas profissionais ou com a necessidade de trabalhar antes mesmo da idade legal, ainda na infância ou na adolescência” (CORROCHANO, p. 206, 2014).

<sup>81</sup> Especialmente a partir de 2014- 2015.

Mas se a oferta de trabalho para os jovens (inclusive no sentido de ampliar a formalidade) passou por significativos avanços entre os anos de 2003 e 2014, convém apontar, de maneira geral, que a tendência à precarização (em níveis globais) também é um fenômeno sentido<sup>82</sup> como explica o economista Marcio Pochmann (2013):

Do contrário, há riscos de retrocessos na divisão do trabalho entre países, com parcela deles comprometida fundamentalmente com a produção de menor custo de bens e serviços. Essa produção geralmente está associada ao reduzido conteúdo tecnológico e ao valor agregado e dependente do uso de trabalho precário e de execução em longas jornadas sub-remuneradas. Ou seja, a reprodução do passado, com elevadas jornadas de trabalho, reduzida remuneração e forte instabilidade contratual, sem a possibilidade de fazer valer a transição dos sistemas de educação e formação contemporâneos da sociedade pós-industrial. (p. 41-42).

As trajetórias e inserção dos jovens no mercado de trabalho são, em grande medida, entendidas como marcadores da transição da juventude para a “vida adulta”. Mas esses marcadores não são fixos ou pré-determinados, especialmente se considerarmos uma situação mais ou menos permanente de crises e transformações no mundo do trabalho (desde pelo menos o último quarto do século XX avançando até o momento que vivemos)<sup>83</sup>, sendo esses caminhos enfrentados pelos jovens, as vezes mais tortuosos, por vezes menos (CORROCHANO & FREITAS, 2015). Esses caminhos cheios de meandros, idas e vindas, tem características quase sempre “labirínticas” para a maioria dos jovens brasileiros das classes trabalhadoras, cabendo aqui lembrar a forte tendência de suas trajetórias se assemelharem ao movimento de um “ioiô”, (PAIS, 2001), inclusive no tocante à sua inserção e permanência no mundo do trabalho. Desse modo não é difícil notarmos algumas “idas e vindas” nas trajetórias profissionais quando jovens arranjam empregos e saem deles para depois retornarem dependendo da situação, ou transitam de

---

<sup>82</sup> Acreditamos que no caso brasileiro (no período posterior a publicação do mencionado texto de Pochmann que é de 2013) se passou a vivenciar processos de precarização ainda mais evidentes com a aprovação de legislações e aplicação de políticas de benefício aos setores empresariais em detrimento dos trabalhadores (vide a reforma trabalhista recentemente aprovada no Brasil de 2017).

<sup>83</sup> Essas transformações profundas em escala mundial são caracterizadas pela maior “alterações nos processos de acumulo de capital” a “reestruturação produtiva” e conseqüente transformação no mundo do trabalho (com crescente flexibilização e aumento da precariedade). Obviamente as relações sociais também sofreram mudanças em paralelo as transformações culturais que foram aprofundadas (além dos motivos já apontados) pela “revolução tecnológica” (meios de comunicação e informática) e também pelas grandes crises dos anos 1970 e do começo dos anos 2000, em muitos casos com sérias conseqüências para as conquistas das classes trabalhadoras. Sobre essas questões ver: HARVEY, 2014 [1989], PAIS, 2001 e SENETT, 2012.

serviço em serviço ou de “bico em bico”, arranjando um trocado aqui outro ali, sempre como um forte teor de inconstância e tortuosidade em tais caminhos, tendo inclusive, por vezes, de recorrer as estruturas parentais e de afetividade para “sobreviver” no mundo do trabalho<sup>84</sup>.

Em São Miguel, local de nossa pesquisa, não é raro que os jovens tenham como primeiros trabalhos serviços junto a familiares ou pessoas conhecidas dos mesmos, e por vezes também essa inserção se dá de forma bem prematura<sup>85</sup> (com dez, onze anos ou até antes disso) de modo similar ao que se percebe em várias áreas rurais do interior do Brasil como mostram Deise Arenhart e Sandra Luciana Dal Magro (2015)<sup>86</sup> e como também já foi constatado por grande parte da literatura por nós consultada referente ao tema no contexto brasileiro como um todo (CORROCHANO, 2012; CORROCHANO & FREITAS, 2015; SPOSITO & SOUZA, 2015; POCHMANN, 2013). Porém, se a entrada no mercado de trabalho (dentro do âmbito da informalidade) pode se dar em muitos casos bastante cedo (e de maneira ilegal) para uma parcela de jovens é verdade também que ela tem sido cada vez mais adiada como nos mostra essa mesma bibliografia.

As dificuldades que o jovem enfrenta para arranjar um trabalho conjuntamente a uma melhoria em termos econômicos no quadro geral das famílias de baixa renda, especialmente a partir da década passada (como já mencionamos anteriormente), tem atrasado o ingresso dos jovens no mercado de trabalho o que pode ser verificado a partir dos relatos dos jovens se comparado ao de seus familiares<sup>87</sup>. Além disso a presença dos

---

<sup>84</sup> Machado Pais nos mostra que “uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte, a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência. O próprio *capitalismo flexível* bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais. *Carreira* é um caminho pelo qual se circula, mas esse caminho aparece bloqueado para um número considerável de jovens; outras vezes surgem encruzilhadas de sentidos vários, carreiras de retorno, becos de circulação difícil, ou mesmo sem saída. Por isso, os sociólogos da juventude adjectivam as transições dos jovens para a vida adulta, de modo a acentuarem a sua vulnerabilidade e imprevisibilidade. Falam de trajetórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas. (PAIS, p. 7 -8, 2001).

<sup>85</sup> O assunto é abordado melhor no capítulo III no tópico referente ao tema.

<sup>86</sup> Essas autoras exploram as motivações que levam as crianças do meio rural a serem inseridas no trabalho, mais especificamente elas pesquisaram crianças em assentamentos do MST, e perceberam que os sentidos do trabalho para elas iam desde a necessidade de trabalhar visando a própria sobrevivência econômica do grupo familiar (e muitas vezes por imposição deste), passando pela possibilidade de valorização e interação social (para com o grupo familiar e outras pessoas da comunidade) até se chegar a uma possibilidade de se extrair também dele até mesmo uma dimensão lúdica especialmente quando o mesmo é coletivo (ARENHART & DAL MAGRO, 2015, in: ARROYO, M., VIELLA, M. e SILVA, M. “Trabalho e Infância.” Ed. Vozes. Petrópolis, 2015). É claro que nesses ambientes de trabalho familiar a lógica da “ajuda” é a predominante, e não pode ser tomada em muitos casos como uma experiência exatamente igual a de ser trabalhador assalariado em uma empresa ou de um “patrão”.

<sup>87</sup> Dentre os familiares entrevistados (quatro) todos foram unânimes em apontar seu início no mercado de trabalho (assalariado ou “trabalhando como adulto”) antes dos dez anos de idade, enquanto seus filhos tal

mesmos no núcleo doméstico tem se prolongado cada vez mais, mesmo após a conquista do primeiro trabalho. Paralelo a isso, é necessário lembrar que os níveis de escolarização da juventude brasileira têm aumentado significativamente e tal realidade, sem dúvidas está relacionada a essa maior demora na entrada no mercado de trabalho e maior tempo de vida junto a família (juntamente com a já mencionada maior oferta de escolarização básica e superior nos últimos anos).

Outro ponto intimamente relacionado à nossa problemática de pesquisa e que não poderia ser deixado de lado é o do ato de “migrar” ou “mudar-se”. As migrações (temporárias ou permanentes) também fazem parte da rotina de nossos jovens, que são por eles realizadas quase sempre em torno das necessidades de arranjar trabalho (além das oportunidades de estudo), no caso de São Miguel (seja do campo para o núcleo urbano local ou do campo/ núcleo urbano para outra cidade) são recorrentes e quase sempre estão entre os principais motivos apontados pelos jovens e seus familiares para se mudar<sup>88</sup>.

Dessa forma, retornando a questão da entrada e experiência do trabalho, ao pensarmos na condição juvenil no Brasil e nas trajetórias desses jovens, convém destacar que para esses sujeitos a presença do trabalho se mostra significativa, mas também bastante desigual, como apontam Maria Carla Corrochano e Maria Virgínia de Freitas (2015):

Para uns, a juventude se constitui mais fortemente como um momento de preparação para o ingresso no mercado de trabalho; para outros o trabalho ou as múltiplas combinações entre trabalho e estudo fazem parte de sua realidade desde muito cedo. Como já afirmado por outros autores, pode-se dizer aqui, que “o trabalho também faz juventude”, sem que isso signifique fazer “uma defesa ingênua e talvez equivocada do trabalho de adolescentes e jovens” [...]. (p. 161-162.).

Como já mencionamos é sempre importante lembrar que há uma série de elementos de desigualdade (de classe, raça/etnia, gênero, territorial) que atingem os jovens no tocante a inserção no mundo do trabalho e sua relação com a escolarização. É essencial ressaltar que os que são inseridos mais rapidamente e com maior intensidade no

---

como a maioria dos demais jovens só o fizeram em média entre 12 e 14 anos, ainda que alguns mencionem “ajudar a família” em períodos anteriores (onze ou dez anos). Além disso em pelo menos uma das famílias houve uma jovem que afirmou nunca ter trabalhado sendo que sua mãe foi iniciada no trabalho rural junto com a família com menos de dez anos de idade.

<sup>88</sup> Esse assunto também será melhor abordado no Capítulo III.

mundo do trabalho são os jovens mais pobres como apontam as autoras citadas a cima ao se referirem ao contexto brasileiro “Aqui, diversamente do contexto dos países ditos desenvolvidos, esta transição tem apresentado duas características diferenciadoras, particularmente para aqueles oriundos das classes populares” (op. cit. p.157). Essas desigualdades devem ainda ser observadas também por um recorte de gênero e raça/cor. No primeiro caso CORROCHANO & FREITAS (op. cit. p.159) apontam justamente que:

As mulheres representam as maiores parcelas dos que não estão estudando, trabalhando ou buscando trabalho, mas as diferenças em relação aos homens se acentuam conforme a idade: entre elas, essa parcela, que é de 8% na faixa dos 15-17 anos, aumenta para 19% na de 18-24 anos e para 23% na e 25- 29 anos, enquanto entre os homens ela nunca ultrapassa 5%. (p.159).

É evidente que as jovens mulheres enfrentam maiores índices de desemprego; ao mesmo tempo as jovens mulheres negras estão ainda mais propensas a sofrerem com essa situação, por outro lado elas também estão mais presentes nos empregos domésticos, fenômeno esse perceptível inclusive em nossa pesquisa, o que remete justamente as desigualdades de gênero que persistem em nossa sociedade. Afinal muitas dessas mulheres presentes na estatística dos que não estudam e não trabalham na realidade estão desempenhando afazeres domésticos, cuidado dos filhos e outros familiares<sup>89</sup> como apontam CORROCHANO e ABRAMO e ABRAMO (2017).

Os dados sobre o desemprego também são preocupantes no contexto vivido nesses últimos anos, sendo que no momento próximo a finalização desse texto a pesquisa PNAD (junho de 2018) apontava para o Brasil os seguintes índices de desocupação e renda média:

**Tabela 3- Taxa de desocupação e Rendimentos no Brasil- 2017-2018.**

<b>Indicador/Período</b>	<b>Mar-Abr-Mai 2018</b>	<b>Dez/17-Jan/18-fev/18</b>	<b>Mar-Abr-Mai 2017</b>
Taxa de desocupação	12,70%	12,60%	13,30%
Rendim. Real Habitual.	R\$ 2.187	R\$ 2.200	R\$ 2.167

Fonte: IBGE, 2018

Os dados nos mostram uma oscilação pequena, onde no primeiro trimestre apontado (2017) os índices de desocupados foram piores, juntamente com a renda média

<sup>89</sup> Situação inclusive visualizada em nossa pesquisa com moças e familiares suas que precisavam cuidar de crianças e idosos.

dos que estavam ocupados. No período intermediário (virada de 2017 para 2018) houve uma leve diminuição do desemprego seguida de um sensível aumento salarial médio. O último trimestre avaliado mostra o aumento novamente do desemprego e a queda na renda média dos brasileiros empregados.

Enfim, em um cenário de crescente precarização do trabalho e aumento do desemprego (em níveis globais, e obviamente no Brasil) agravados pela conjuntura de crise econômica e política enfrentada no país nos últimos anos<sup>90</sup>, é que voltamos o olhar para o município de São Miguel, onde a produção de bens e serviços é de baixo valor agregado, sendo visível a maior possibilidade desse lugar tornar-se um espaço próprio para a ampliação dessa nova fase de exploração do capital que tem se operado nesse início de século XXI. Some-se a essa conjuntura do mundo do trabalho brasileiro o fato dos vários exemplos na história recente nos mostrarem como os jovens estão entre os mais amplamente atingidos pelos efeitos do desemprego e precarização vivenciado nas sociedades (CORROCHANO, 2012.), sentimos a necessidade de compreender essas experiências e trajetórias juntamente com a busca por entender os sentidos a elas atribuídos (pelos sujeitos que as vivenciam) e como o contexto de transformações percebidas em um nível “macro” (nacional) podem ser verificados em um ambiente local como o de São Miguel.

### **1.7- Traços de “ruralidade” e o “ser jovem em São Miguel”: uma experiência “rurbana”.**

---

<sup>90</sup> Na percepção de Armando Boito Jr. o contexto vivido atualmente em nosso país pode ser explicado mediante o enfraquecimento de um ciclo ou uma fase de grande força “neodesenvolvimentista” operante entre 2006 e 2012 que impulsionou a economia nacional, mas começou a entrar em decadência já no final desse período “a partir de 2011, com o prolongamento da crise do capitalismo internacional e também em decorrência de medidas de políticas internas, o crescimento econômico brasileiro entrou em declínio. No início de 2013, o capital internacional e a fração da burguesia a ela integrada iniciaram uma ofensiva política contra o governo Dilma. Devemos denominá-la uma ofensiva restauradora, porque seu objetivo era restaurar a hegemonia do neoliberalismo puro e duro. Essas forças viram no declínio do crescimento econômico a oportunidade de lutar contra as medidas de radicalização do neodesenvolvimentismo tomadas pela presidenta Dilma- redução inusitada da taxa básica de juros, novas medidas protecionistas e depreciação cambial, entre outras.” (BOITO JR, 2016, p. 28). É evidente que o cenário de precarização se vê ainda mais refletido após a saída da presidenta Dilma do poder, ainda que se possa notar que já havia uma sinalização a aplicação de políticas de austeridade caracterizado justamente pelo enfraquecimento do projeto neodesenvolvimentista, mas em um nível muito menor do que tem sido observado especialmente diante do golpe institucional e efetivação do governo Temer que tem se alinhado totalmente a práticas neoliberais (BOITO Jr. 2016).

Uma das peculiaridades de São Miguel é a de ser um município com um significativo percentual de pessoas residentes na zona rural<sup>91</sup>, sendo que tais traços<sup>92</sup> de ruralidade são facilmente verificados mesmo entre os moradores do núcleo urbano (sede municipal)<sup>93</sup>. Ao mesmo tempo, um outro fenômeno percebido a respeito desse município vem a ser justamente o êxodo rural que ele tem vivenciado nos últimos anos<sup>94</sup>, ainda que menos agressivo se comparado com localidades vizinhas<sup>95</sup>. Soma-se a isso o fato de que parte dos moradores da zona urbana trabalha direta ou indiretamente na rural, enquanto uma parcela moradora na área rural é empregada na urbana ou em ofícios não agrícolas<sup>96</sup>. Há ainda um segmento de trabalhadores (predominantes no núcleo urbano) que exercem seus ofícios em outros municípios com um destaque para prestadores de serviço na silvicultura, citricultura e em frigoríficos<sup>97</sup>. Observando essas características é que começamos a pensar as conexões entre o rural e o urbano no ambiente de nossa pesquisa. Ampliamos aqui a discussão do nível micro (São Miguel) para o macro (Brasil) por meio do olhar para alguns problemas presentes na bibliografia que consultamos, procurando,

---

<sup>91</sup>De acordo com o último censo oficial (2010) do IBGE a proporção entre população da zona urbana e rural aproximada é de 68% (urbana) e 32% (rural).

<sup>92</sup> Ao longo do tópico esses traços serão melhor explicados, mas adiantando algumas informações podemos dizer que além de ter uma população significativa moradora na área rural (já mencionada), esses traços estão também relacionados a origem rural e fortes vínculos que a população do núcleo urbano tem para com o campo. Além disso a economia do município está totalmente ligada a agricultura.

<sup>93</sup> No município a sede administrativa é conhecida como “cidade” pela imensa maioria da população (apenas alguns idosos se referem a ela como “vila” ou como “São Miguel”). Desse modo quando nos dissermos “cidade” ou núcleo urbano, estaremos nos referindo ao mesmo local, a maior aglomeração urbana do município que é também a sede municipal. Da mesma maneira quando falarmos área rural, bairro rural ou “sítio” queremos dizer a mesma coisa. Inclusive o termo “sítio” é o mais utilizado pela população local para se referir as áreas e bairros rurais do município.

<sup>94</sup> Se compararmos esse dado ao que se verificava nos recenseamentos do município anteriores como em 2000 e 1991 (Em 2000 havia cerca de 59% da população na zona urbana para 41% na rural e enquanto em 1991 a proporção era de 54% urbana e 46% rural- Informações obtidas em [http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/1297](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/1297) ) esse processo fica mais evidente. Em nossa pesquisa esse fenômeno é exemplificado nos casos do jovem “Junior” que com sua família emigrou para a área urbana de São Miguel durante o período que estava cursando o 3º ensino médio (2016). Há também os casos das irmãs Aline e Glória que migraram para a “cidade” (de São Miguel) em momentos distintos (2015 e 2017) e mais recentemente (meados do ano de 2017) o jovem Eduardo mudou-se da casa de seus pais na zona rural para a do avô na zona urbana e disse (fevereiro de 2018) estar com planos de ir morar no Rio de Janeiro (ver descrição dos jovens).

<sup>95</sup> Pilar do Sul, Capão Bonito e Itapetininga (as populações reconhecidas como rurais em 2010 pelo IBGE equivaliam respectivamente a 22%, 18% e 9% dos totais nesses municípios). Mais próximos aos índices de São Miguel estariam Tapiraí e Sete Barras respectivamente com 29% e 46% da população rural frente a urbana.

<sup>96</sup> Principalmente na construção civil, mas também em pequenos comércios, serrarias, olarias, e na prestação de serviços em geral. Por fim, alguns moradores da área rural também trabalham no serviço público municipal e estadual (especialmente na saúde e educação). Tais fenômenos se inscrevem no conceito de “Pluriatividade” bastante estudado por Maria José Carneiro (1998, 1998 e 2014) e que procuraremos abordar mais adiante.

<sup>97</sup> Algumas empresas terceirizadas do ramo da silvicultura ao prestar serviços deslocam os trabalhadores locais para municípios vizinhos, as vezes a mais de 100 km de distância.

por tanto, relacionar a realidade desse território em questão com o que se tem escrito sobre a percepção das “novas ruralidades” (GRAZIANO DA SILVA 1998) e o “projeto rurbano” (CARNEIRO, 1999).

No processo de compreensão desse espaço de realização da pesquisa, torna-se necessário discutir os conceitos contemporâneos de rural e ruralidade usados no Brasil atual. Uma primeira abordagem crítica a respeito da dicotomia “campo versus cidade” é a do geógrafo José Eli da Veiga (2003) que se dedicou em seus estudos a pensar o papel e a dinâmica da urbanização em nosso país e no mundo. Para esse pesquisador não se deve pensar nos processos de urbanização como marchas avassaladoras e efetivas que promovam um “desaparecimento ou extinção do rural” de forma permanente. É fato que as áreas urbanas têm crescido e muito, mas cada vez mais se encontram ambientes rurais inseridos em dinâmicas econômicas e sociais bem desenvolvidas (e pretensamente urbanas) e poder-se ia falar mesmo (atualmente) em alguns casos de uma “atração pelo rural”<sup>98</sup>. Ainda sobre esse assunto caberia ressaltar dois pontos da tese de Veiga: o primeiro é que “não faz sentido amalgamar desenvolvimento e urbanização” (p. 26) e sendo assim pode-se afirmar também que “a ruralidade não é deficiência nem sinônimo de declínio” (p. 28), enquanto o segundo é que uma parcela significativa das ditas cidades brasileiras não poderiam ter este status (cidade), isso se deve à tradição formada ao longo do século XX de aceitar como cidade todas as sedes municipais, fazendo com que pequenos aglomerados sejam considerados urbanos simplesmente pelo fato de terem uma prefeitura em seu espaço. Essa noção “brasileira” de cidade seria eminentemente “administrativa” e não baseada em critérios demográficos ou de estrutura como costuma ser em outros países (Veiga menciona de forma mais contundente o caso de Portugal). Para Veiga, portanto, dentre as mais de 5.500 cidades existentes no Brasil no início do século XXI existiriam apenas 715 sedes de município que contariam com mais de 25 mil habitantes (um dos critérios europeus para se aceitar um território enquanto cidade) ainda

---

<sup>98</sup> Nessa questão encontramos as análises da antropóloga Maria José Carneiro (2014) que observou em uma de suas pesquisas na região serrana do Rio de Janeiro um fenômeno de revalorização do rural ligado a preocupação ambiental de grupos que “voltam” permanentemente ou temporariamente as áreas rurais (sitiantes, turistas e simpatizantes e/ou envolvidos com o movimento ambiental e agroecológico), mas também enquanto discurso de agricultores locais hostis a presença de tais “forasteiros”. Para os agricultores locais “os de fora” não conhecem a realidade e interferem no seu modo de vida tradicional ao defender práticas de preservação que não levam em conta as atividades produtivas dos pequenos agricultores (CARNEIRO, 2014).

que parte delas não contassem com todos os “equipamentos” próprios de uma cidade nos termos apontados.

Portanto, pensamos que a caracterização de São Miguel enquanto um município rural pode ser utilizada enquanto um instrumento de auxílio da compreensão desse tipo de dinâmica social a pouco apresentada. Talvez a expressão mais adequada para caracterizar a experiência “são- miguelense” seria a “rurbana”, que procuraremos abordar mais adiante. Além disso, a agricultura<sup>99</sup> faz parte da vida dos moradores locais, seja pelo fato de trabalharem nela ou em serviços a ela ligados, seja por que o comércio e turismo locais são também bastante dependentes dela.<sup>100</sup>

Ainda sobre discussão das novas ruralidades e ambientes “rurbanos” outro ponto de vista bastante instigante para compreender o espaço de estudo é aquele defendido por José Graziano da Silva: para este pesquisador especialista em questões agrárias e no “rural brasileiro”, que vem a ser um dos idealizadores do “Projeto Novo Rural”<sup>101</sup> o campo brasileiro passa por um processo acelerado de transformações que não poderiam passar despercebidas, de modo que:

Em poucas palavras, pode-se dizer que o meio rural brasileiro se urbanizou nas duas últimas décadas, como resultado do processo de industrialização da agricultura, de um lado, e, de outro, do transbordamento do mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como rural. Como resultado desse duplo processo de transformação, a agricultura - que antes podia ser caracterizada como um setor produtivo relativamente autárquico, com seu próprio mercado de trabalho e equilíbrio interno - se integrou no restante da economia a ponto

---

<sup>99</sup>A experiência “rurbana” leva em consideração especialmente a dinâmica heterogênea dessas novas ruralidades que por vezes terão na “pluriatividade” sua principal forma de vida (por tanto não se vive por vezes exclusivamente do trabalho agrícola). O caso dos trabalhadores agrícolas que vivem na cidade é bastante exemplar disso. Por fim, o próprio José Eli Veiga (2003) alertou para o risco de se considerar “urbanas” pequenas sedes municipais cujas relações de sociais e de trabalho são muito mais voltadas aos tempos da agricultura ou do campo do que para uma lógica do urbano- industrial.

<sup>100</sup> Ao conversar com os comerciantes locais, geralmente, a grande maioria apontara as épocas de colheita da uva ou da batata como boas épocas para vendas. Parte do segmento turístico local também explora a questão agrícola (via turismo rural, vinícolas e festas temáticas ligadas a agricultura).

<sup>101</sup> Segundo constatou Roberta Agostinho da Silva ao pesquisar o tema: “Os estudos sobre o ‘novo rural’ fazem parte do ‘projeto rurbano’ iniciativa acadêmica surgida em 1997, que, até o presente momento, representa o mais importante esforço orientado a quantificar o fenômeno da pluriatividade no País e outras mudanças no campo. Esse projeto de investigação situa esse fenômeno no marco das grandes transformações que experimenta a sociedade rural brasileira, destacando principalmente as mudanças produzidas na estrutura das ocupações e no mercado de trabalho, assim como o crescente protagonismo das atividades extra- agrícolas nos processos de reprodução social das famílias rurais. (SILVA, 2015, p.33).

de não mais poder ser separada dos setores que lhe fornecem insumos e/ou compram seus produtos. Já tivemos oportunidade de mostrar que essa integração terminou por se consolidar nos chamados “complexos agroindustriais” que passaram a responder pela própria dinâmica das atividades agropecuárias aí vinculadas (GRAZIANO DA SILVA, 1998, p.1).

Essas mudanças teriam íntima relação com um contexto de expansão da industrialização no Brasil (especialmente da agroindústria) desde meados do século XX, ganhando maior impacto entre o final desse e começo do XXI. Por outro lado, essa época é também a fase de grande expansão econômica do chamado agronegócio brasileiro mediante a maior valorização das *commodities* (começo dos anos 2000) aqui produzidas e em grande medida exportadas como observam Sergio Pereira Leite e Sergio Lauer (2014):

A alta dos preços das *commodities* no mercado internacional nos últimos três anos tem evidenciado o intenso processo de expansão do chamado *agribusiness* brasileiro, em especial daquelas culturas comumente associadas ao setor, tais como a soja, a cana-de-açúcar, o algodão, entre outras, bem como de atividades criatórias, como o gado bovino e a produção de aves. Esse movimento, no entanto, encobre um feixe maior de transformações que passam pela modificação nas relações de trabalho nas áreas objeto dessa produção; pelo aumento no preço das terras e pelo avanço sobre regiões anteriormente ocupadas por áreas de preservação ambiental e/ou populações tradicionais; pelos novos mecanismos de atuação do Estado por intermédio das suas políticas agrícolas (financiamento, negociação de dívidas, etc.) e agrárias (incluindo as políticas diferenciadas e territoriais); pela participação cada vez maior do capital internacional na aquisição de imóveis rurais; por um processo de reprimarização da pauta de exportações; pela permanência da forte concentração fundiária, pela emergência de novos atores no meio rural (agricultores familiares, assentados de reforma agrária, etc.); e a eclosão de novos conflitos, entre outros aspectos. (p. 193).

Segundo esses autores, as mudanças observadas na economia global interferem na economia rural, afetando inclusive a população do campo. Por essa lógica percebe-se uma tendência de penetração de ideias que defendem uma maior racionalização do trabalho rural pautada pela lógica produtiva urbano-industrial. Paralelo a esse ideal cresceria cada

vez mais a busca por praticar uma “agricultura empresarial”: o “agronegócio”<sup>102</sup>. Talvez essa perspectiva esteja relacionada tanto a uma propaganda midiática que tem sido cada vez mais recorrente (de um “empreendedorismo jovem”), que também pode ser disseminada em outros meios, inclusive relacionados à educação (em cursos de profissionalização oferecidos pela “Casa da Lavoura” local e pela própria escola)<sup>103</sup>.

Por outro lado, essa expansão do agronegócio e de um modo de vida rural pautado por valores urbano/industriais devem ser vistos com cuidado, uma vez que ainda que se trate de uma tendência recorrente em algumas regiões brasileiras e certos contextos<sup>104</sup>, creditar a esse movimento um valor muito alto pode ser muito simplista como nos mostra Maria José Carneiro:

Nesse processo de intensificação da comunicação entre universos culturais distintos, as fronteiras entre o ‘rural’ e o ‘urbano’ tornam-se cada vez mais imprecisas no que concerne às diferentes idealizações e projetos dos jovens. Contudo é certo que o resultado não aponta para a conformação de um todo homogêneo. Nesse sentido, seria temerário e simplista falarmos da *urbanização* do campo como expressão que qualificaria a perda da especificidade de um desses dois polos. Ao contrário, na ‘modernidade’ ou, nos termos de Giddens, no contexto das sociedades ‘pós- tradicionais’ – onde ‘não temos outra escolha senão decidir como ser e agir’ – a possibilidade de escolha como regra seria uma maneira de enfrentar a multiplicidade de opções na vida cotidiana [...] estariam abertas as alternativas de sermos ‘rurais’ na cidade e ‘urbanos’ no campo [...]

---

<sup>102</sup>Esse não é um dos objetivos da pesquisa, mas em uma busca em sites especializados em localização de cursos de graduação nota-se um elevado número de opções na área do chamado agronegócio (tecnólogo em Agronegócio), enquanto os cursos relacionados a uma visão de agricultura menos empresarial e mais voltada para questões de sustentabilidade, segurança alimentar e de valorização da pequena produção orgânica e familiar são muito mais raros (caso das graduações em Agroecologia).

<sup>103</sup> Retomaremos a discussão no Capítulo III.

<sup>104</sup> Há várias regiões brasileiras onde se pode observar toda uma disseminação forte do ideal do agronegócio, promovida mediante uma articulação midiática juntamente com elementos culturais desenvolvidos pelas próprias relações com o mercado, o que faz tanto com que haja por vezes uma elevação da propriedade privada enquanto algo sacralizado tal como uma exaltação do ideal do “ser produtor rural”. Segundo a geógrafa Marta Inês Medeiros Marques não obstante muitas das “promessas” da modernidade industrial (menos trabalho, mais produtividade para todos, oportunidades para todos, etc.) não terem sido efetivadas ainda se percebe que “a concretização da modernidade resulta numa experiência única na história da humanidade, devido a três aspectos: a importância assumida pelas abstrações concretas, substituindo relações imediatas; o seu projeto de transformação social radical; e o fato de a mudança passar a constituir a normalidade, submetendo as relações sociais a uma condição de instabilidade constante. A esse conjunto de aspectos se soma a mediação crescente exercida pelo mercado, implicando, entre outras consequências, uma tendência de desenraizamento e perda de vínculos com a terra. A lógica do mercado é naturalizada e pensada como uma lógica social atemporal. A vida social passa a se estruturar a partir de relações pautadas na impessoalidade e racionalidade e tende a formalização e institucionalização, com a formação de um espaço público regulado pelo Estado.” (MARQUES, p.155-156, In: OLIVEIRA, A & MARQUES, M. “O Campo no século XXI”, 2004).

contudo, quando observado a partir da perspectiva das sociedades com forte referência a ‘tradição’, como as de Nova Pádua e de São Pedro da Serra, esse processo supõe também, como resultado da relação de alteridade, a reafirmação de valores e modos de vida locais – sobretudo os que são elaborados no interior do universo familiar. Disso resulta a afirmação da sociedade local a partir de definições e redefinições de identidades sustentadas não mais na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identificamos como *rurbanização*. (CARNEIRO, 1998, p.115).

É assim que nos propomos a pensar a partir dos exemplos de Carneiro a experiência social vivida pela grande maioria dos habitantes de São Miguel Arcanjo como uma experiência de “rurbanidade”, e nesse sentido nos referimos não apenas aos que são moradores antigos ou recentes do núcleo urbano, mas também a quase totalidade dos que viveram praticamente toda a vida na pequena área urbana desse município. Afinal o transito entre um ambiente e outro é bastante recorrente.

Tal como para aqueles que vivem mais intensamente o transito “rural e urbano” existe a intenção de aproveitar o que há de melhor dos “dois mundos” (CASTRO, 2015), inclusive para jovens que passaram a maior parte de suas vidas no meio rural também pode ocorrer um certo interesse pelos ambientes urbanos e pelos trabalhos a eles associados que no fundo pode significar também a procura por obter mais experiências profissionais e de vida, e não necessariamente uma “recusa ao rural”. Pelo contrário, muitos desses jovens visam um futuro retorno para o seu bairro ou lugarejo rural de origem, ou no mínimo reaproximar-se dele. No fundo não desejam perder os vínculos.

Sendo assim, os jovens de São Miguel por nós definidos como “rurbanos” seriam, em princípio, mais especificamente aqueles oriundos da zona rural que vivem na sede municipal (de forma temporária ou permanente) ou moradores dos bairros rurais em contato constante com a “cidade” (de São Miguel). Mas esse termo também pode contemplar perfeitamente aqueles/as nascidos e moradores na zona urbana de São Miguel, onde dadas as configurações locais costumam frequentar amiúde a casa de um avô ou tio na zona rural, ou ainda aqueles jovens moradores zona urbana que na safra da batata ou uva se “alistam” junto aos “turmeiros”<sup>105</sup> que os levam para trabalhar nas fazendas e sítios

---

<sup>105</sup> Indivíduo que contrata a mão de obra em caráter informal para trabalhar por empreitada nas áreas rurais de São Miguel e em municípios vizinhos. Há alguma semelhança deste quanto ao ofício do “gato” presente em outras regiões brasileiras (como no Vale do Jequitinhonha) mas talvez a sua presença e influencia na

locais. Em geral esse tipo de trabalho tem início nas madrugadas e término ao entardecer<sup>106</sup>, em tal ambiente amplia-se a oportunidade de os laços entre os moradores do campo e da “cidade” (São Miguel) se ampliem e se aprofundem. Além disso não são raros os jovens oriundos do núcleo urbano que passaram também pela experiência de morarem alguns anos ou meses nas áreas rurais em uma ocasião de oportunidade de emprego dos pais ou familiares<sup>107</sup>.

Por fim, ocorrem outros momentos mais específicos (eventos) em que os contatos entre o rural e o urbano se fazem sentir com grande intensidade, tais como as festas locais de São Miguel (setembro) e da Uva (março) realizadas na área urbana<sup>108</sup>, e as feiras livres semanais que ocorrem as quintas-feiras e domingos. Nessas feiras os “limites” entre o rural e o urbano são ainda mais fluídos, uma vez que convivem feirantes vindos das áreas rurais que vendem hortaliças, legumes, frutas, queijos, doces, animais (galinhas/ frangos) produzidos por eles mesmos, ao lado de moradores da área urbana que comercializam (além de hortifrúti comprados) alguns salgadinhos (como coxinhas, pastéis ou os famosos “bolinhos de frango”<sup>109</sup>) além de objetos industrializados usados (eletrodomésticos, enfeites, utensílios, roupas, etc.). Algumas vezes comerciantes de outras cidades também levam seus produtos para serem vendidos nas feiras de São Miguel contribuindo ainda mais para o ambiente de contatos múltiplos em uma verdadeira atmosfera de “*cosmopolitismo caipira*”. Programa de muitos moradores da “cidade” e também dos bairros rurais (desde idosos a jovens) de São Miguel, o passear e fazer compras na feira (e às vezes trabalhar nela) faz parte do cotidiano dos moradores do

---

comunidade por nós estudada sejam bem menores se comparadas a estas outras áreas. As “turmas” formadas geralmente são de trabalhadores que residem nos bairros periféricos da zona urbana e são destinadas para o trabalho na Uva (“desbaste” e colheita), colheita da batata e feijão. Outros segmentos de trabalho rural que abarcam grande parte da mão de obra urbana são a silvicultura (eucalipto) e a produção de cítricos, sendo que na primeira a grande maioria dos trabalhadores é registrada apesar de serem terceirizados, no caso da segunda também existe o registro em grande parte dos casos (fazendas com grande produção) mas também ocorrem casos de ausência de registro (média produção), no mais com exceção da silvicultura as outras atividades são todas sazonais.

<sup>106</sup> Há jovens que no tempo das safras da uva e batata abandonam temporariamente os estudos para participar das colheitas. Essa situação foi comumente vivenciada até poucos anos atrás, e se elas não se tornaram relatos diretos nas entrevistas a fontes indiretas (conversas) que informa sobre esse tipo de ocorrência.

<sup>107</sup> Trabalhos como “caseiros”, “mceiros”, “porcenteiros”, etc.

<sup>108</sup> Essas duas são as maiores e mais concorridas, há outras menores na área urbana e dezenas delas nas áreas rurais que são as famosas “quermesses” que também contam com participantes entre rurais e urbanos.

<sup>109</sup> Essa é uma “iguaria” local feita com ingredientes também locais geralmente (farinha de milho, batata, cheiro verde e frango). O “Bolinho de Frango” é um prato típico de São Miguel Arcanjo e municípios vizinhos ou próximos (Capão Bonito, Itapetininga, Pilar do Sul, Sarapuí, Buri, Itapeva, etc.).

município e entrelaçam os aspectos de ruralidade e urbanidade do mesmo, ainda que com maior destaque para o primeiro destes.

No mais além das conexões ligadas a uma circulação e convívio direto com pessoas e ambientes ditos “rurais” é preciso lembrar também que o campo ou rural também podem ser vistos como elementos pertencente a cultura urbana, nesse caso é justo apontar a chamada “cultura country” ou de um “novo sertanejo”<sup>110</sup> como representativa de muitos jovens oriundos da área urbana, mas que se interessam bastante por rodeio, festas e indumentária pertinente a essa expressão cultural<sup>111</sup>. Os rodeios e festas similares são bastante esperadas por uma parcela expressiva da população de São Miguel e entre os jovens isso não é diferente. Há no município também uma presença constante de cavalgadas e romarias a cavalo que são bastante disputadas, sendo que algumas delas

---

<sup>110</sup> Ainda que em vias de desaparecimento, (terá sido muito mais comum até cerca de dez ou quinze anos atrás) entre os jovens locais ainda haveria um certo apreço pela música e estilos “gaúchos” demonstrado principalmente nos “bailões”. O público mais jovem mais identificado com o estilo rural hoje parece ter aderido muito mais aos gostos e estilos do country, como se verifica em grande parte do interior paulista e de outros estados brasileiros. Não podemos deixar de citar também a revitalização de uma espécie de “mito fundador” típico do Sul de São Paulo que é o do “Trapeiro”, as menções e celebrações (inclusive com a construção de monumentos ou homenagens em logradouros públicos) são recorrentes na região, havendo inclusive- possivelmente por influência dos CTGs. (Centros de Tradições Gaúchas) – a formação dos CTTs e Centros de Tradições Tropeiras) em municípios vizinhos a São Miguel (Itapetininga, Pilar do Sul, Capão Bonito). Ao que parece tais centros (que mereceriam um estudo a parte) parecem divulgar um misto de “tradições” do campo do Sul do Brasil com as do estado de São Paulo possibilitando, portanto, a construção de conexões com as culturas sertanejas do interior paulista (que em certa medida tem influência do chamado country). Dentre os jovens entrevistados a exceção de um deles não foi possível perceber nos demais um envolvimento tão grande com essa “cultura sertaneja”. Mas andando pelas ruas locais em dia de festa ou convivendo com jovens na escola esses aspectos nos saltam aos olhos como em um caso em que vimos ao participar de uma cerimônia de formatura de 9º ano um grupo de formandos (deveriam ser de oito a dez) todos vestidos com camisas xadrez, botas e as calças jeans com suas fivelas reluzentes e o infalível boné ou chapéu de peão que foram retirados de suas cabeças apenas para pegar o diploma, junto desse jovens formandos haviam também amigos de outras séries escolares e familiares todos com a mesma indumentária o que nos dá uma ideia do quão forte ainda é a presença desses aspectos culturais em São Miguel, ou ainda do quanto esses jovens acham necessário demarcar ou realçar suas identidades dentro e fora de seus grupos de pertencimento. Para Maria José Carneiro (2014) esse fenômeno poderia ser explicado da seguinte maneira: “A recomposição do rural na sociedade contemporânea tem repercussão direta sobre as identidades sociais e as delimitações de fronteiras sociais que supõem a disputa por imagens e bens culturais considerados emblemáticos da localidade. O deslocamento de determinados instrumentos e utensílios e o festejo de tradições resgatadas (valorização de certas práticas e elementos culturais do passado) são mecanismos acionados na elaboração dessas novas identidades, cabendo investigar o papel dos diferentes atores sociais (turistas, neorrurais, agricultores, agentes de organismos oficiais) nesse processo e, em particular, o lugar da agricultura a construção dessas identidades”. (CARNEIRO, p. 34-35)

<sup>111</sup> “Desse modo, o campo ou o ‘rural’ pode ser visto como valor da cultura urbana, seja através das expressões culturais urbanas de um modo de ser rural, como a cultura country, por exemplo, seja mediante a realização de um ideal urbano de estilo de vida que incorpora visitas periódicas ao campo (turismo ecológico e turismo rural, por exemplo) como uma condição da urbanidade moderna”. (CARNEIRO p.35. 2014).

inclusive tem como meta chegar a cidade litorânea de Iguape que é um importante polo de peregrinação católica dos moradores do Vale do Ribeira e do Sul Paulista.

Ser jovem em São Miguel é algo que, sem dúvidas, não pode ser inteiramente respondido nas linhas deste trabalho, tampouco, uma pesquisa mais ampla poderá dar conta também de responder em definitivo o que é esse “ser jovem”, condição essa bastante relativa de acordo com as vivências de cada um. As semelhanças com as juventudes do Brasil a fora são fáceis de serem percebidas, especialmente quando se tratam de jovens de áreas rurais ou pequenas cidades dos interiores do país, mas também existem pontos comuns com os jovens dos grandes centros urbanos, uma vez que mesmo os jovens do campo fazem um uso cada dia mais frequente de objetos/símbolos tradicionalmente ligados ao ambiente urbano/industrial como: vestuários, ornamentos, tecnologia etc. (CASTRO, 2015).

Por outro lado, é importante lembrar que ocorre também na localidade pesquisada a permanência de traços rurais tradicionais da população do Sul Paulista, sendo essa região do estado ainda portadora de uma ruralidade talvez não mais tão facilmente encontrada em outras partes do estado (e mesmo do país). Não se pode deixar de mencionar aqui que o “rural” de São Miguel (e de certa forma o do Centro-Sul do estado de São Paulo) é descendente direto daquele identificado nos chamados “Parceiros do Rio Bonito” pesquisados por Antônio Candido nos anos de 1940 e 1950<sup>112</sup>, este foi um grupo de camponeses portadores de um modo de vida ainda bastante tradicional e paradigmático para se compreender tanto a formação do antigo caipira paulista quanto para se entender as transformações que este vinham vivendo. Dessa maneira ser jovem em São Miguel equivaleria a ser “neto ou bisneto” de um “parceiro do Rio Bonito”, ou de um camponês similar aos retratados nessa importante obra sociológica.

Sabemos que essa é uma tentativa de explicar o “ser jovem” em São Miguel, com enfoque nas experiências, trajetórias e sentidos que a escolarização e o trabalho têm nas vidas desses sujeitos, e que perpassa pela experiência “rurbana” em maior ou menor medida de acordo com o jovem, posto que para alguns a experiência e os projetos se dão de forma muito mais vinculada ao campo (ou rural) enquanto para outros nem tanto. De

---

<sup>112</sup> Ver CANDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. Editora 34. São Paulo. 10ª Ed. 2003 [1964]. “Rio Bonito” corresponde ao atual município de Bofete- SP situado a pouco mais de 100 Km de São Miguel Arcanjo, ambos os territórios fizeram parte da área do município de Itapetininga até a primeira metade do século XIX.

maneira geral, no entanto, todos acabam compartilhando o “ser jovem” em uma pequena cidade do interior paulista chamada São Miguel Arcanjo, e dessa maneira compartilham a experiência “rurbana”. Talvez essa nossa proposta possa lançar mais luzes sobre a compreensão das “juventudes” não apenas de São Miguel, mas também em contextos sociais mais amplos (região, estado e país), sempre partindo da noção que se pesquisa um ambiente “micro” em consonância com o “macro” (FERREIRA, 2003). E é partindo desses pressupostos teóricos que nos propomos a pensar um grupo de jovens com o enfoque em suas experiências com a escola e trabalho e os sentidos atribuídos a elas.

## Capítulo II- ENTRANDO EM CAMPO: OS PERCURSOS METODOLÓGICOS E OS SUJEITOS DA PESQUISA.

### 2.1-Percursos metodológicos.

A pesquisa aqui proposta teve início em 2016. Em um primeiro momento, realizou-se levantamento bibliográfico sobre os temas pesquisados (condição juvenil, juventude rural, experiências de escolarização e trabalho, fluxos de migração, etc.) com a perspectiva de se obter um maior suporte teórico, partindo do princípio de que se pretendia nesse estudo analisar e compreender as experiências, trajetórias e sentidos atribuídos pelos jovens à escolarização e ao trabalho. A partir disso, optou-se por uma metodologia de caráter qualitativo com o recurso a entrevistas semiestruturadas.

Em princípio, pretendia-se realizar uma pesquisa entrevistando jovens e seus familiares (moradores no mesmo núcleo doméstico), de forma que a pesquisa inicialmente focaria nos grupos domésticos ou familiares. Mas uma série de dificuldades se impuseram especialmente no momento de estabelecer contato com os jovens e principalmente na chamada para participação de seus familiares<sup>113</sup>. Diante desses problemas optou-se por deixar a participação dos familiares para uma pesquisa posterior, focalizando nesse momento os e as jovens.

O ponto de partida inicial foi a aplicação de um questionário<sup>114</sup> para 96 jovens estudantes que estavam concluindo o ensino médio na já mencionada Escola Estadual

---

<sup>113</sup> Vários alegaram que os familiares não queriam participar, pois teriam pouco tempo, vergonha, ou simplesmente não gostaria. Mesmo entre os jovens houve bastante recusa a participar na etapa das entrevistas. Como já tive a oportunidade de afirmar considero que muitos deles se sentiram de alguma forma intimidados (talvez por eu ter sido professor), ou talvez tenham tido receio de se “exporem em uma pesquisa”. Dentre os que toparam participar das entrevistas, houveram muitas demonstrações de timidez e receio “de não falarem o que era certo”. Por outro lado, acredito que alguns dos jovens que toparam participar só o fizeram por me conhecerem, do contrário talvez fossem ainda mais relutantes.

<sup>114</sup> O formulário ou questionário de conhecimento prévio segue no anexo na íntegra. Adianta-se aqui que ele pedia informações variadas sobre os jovens e suas famílias, mas com enfoque nas experiências de escolarização e trabalho dos mesmos. O interesse em utilizar esse instrumento ganhou força nas orientações e discussões sobre a pesquisa e foi reforçado a partir do que diz **Patrick Rayou** a respeito do tema: “Na realidade, uma dialética anima a utilização dessas duas metodologias. Se as entrevistas fazem sobressair o excepcional que informa sobre a norma, os questionários definem a pertinência desta última em situações cujas entrevistas permitiram também estabelecer uma espécie de cartografia. Elas autorizam igualmente uma sorte de classificação dos entrevistados, pois se torna possível, a posteriori, saber se o que foi dito por um ou outro aluno faz dele um porta-voz típico e autorizado de todos cujo nome ele fala ou, pelo contrário, um caso extremo na experiência dos alunos considerados. O desejo de associar as diferentes abordagens do assunto, de modo evidentemente bastante intuitivo e incompleto, revela sem dúvida uma convicção íntima segundo a qual os universos sociais das crianças e dos jovens, no caso presente a maneira de eles se situarem

Maria Francisca Deoclécio Arrivabene, cabe destacar que eu era docente nessa escola e já havia dado aulas para algumas dessas turmas<sup>115</sup>, o que teve implicações para a pesquisa que serão discutidas a seguir. A aplicação dos questionários foi feita na sala de aula, mas considerando o número de faltas<sup>116</sup> nesse primeiro momento, voltei às turmas alguns dias depois. É importante observar que nesse curto período de tempo, alguns jovens, especialmente moradores das áreas rurais, haviam desistido de continuar a frequentar as aulas<sup>117</sup>.

Após a etapa de aplicação dos questionários foram contatados cerca de trinta jovens que haviam demonstrado interesse em participar da pesquisa<sup>118</sup>. No entanto, ao final do processo de realização desta foi possível entrevistar apenas 14 deles (doze em 2017 e outros dois em 2018). Alguns jovens passaram a apresentar uma série de dificuldades, o que atrasou a realização de algumas entrevistas, já outros acabaram se recusando a participar alegando motivos diversos. No começo as recusas mais recorrentes se davam pela impossibilidade dos pais em participar. Posteriormente ao abandono da ideia de entrevistar os familiares, alguns (que não participaram mesmo) apresentaram outros motivos, como: dificuldade de arranjar horários (por conta do trabalho e estudos) e vergonha em conceder a entrevista. Houve quem não retornasse as mensagens enviadas

---

com relação à organização social urbana, não são idênticos aos universos dos adultos, nem totalmente heterogêneos.” (RAYOU, 2005, p. 478.).

<sup>115</sup>Na ocasião da primeira etapa de aplicação dos questionários (novembro de 2016) feita com três turmas eu já não era mais professor de nenhuma delas (na verdade havia dado aulas para o terceiro ensino médio noturno no primeiro semestre) ainda que conhecesse boa parte dos estudantes por terem sido meus alunos em outros anos, ou por conhece-los do próprio ambiente escolar. Em 2017, fiz nova aplicação para uma turma de concluintes do ensino médio noturno, nessa ocasião todos eles eram meus alunos.

<sup>116</sup> Dentre os motivos apresentados pela turma para explicar as ausências dos colegas haveriam a proximidade com o exame do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que fora realizado alguns dias antes e que nessa escola era apontado pelos jovens (do terceiro ensino médio) como momento de finalização do ano letivo. Mas essa situação não era observada da mesma maneira nas três turmas (com menor presença de jovens rurais) de modo que possivelmente a questão geográfica (e possivelmente profissional) desses jovens poderiam estar relacionadas, nesse caso a maior urgência nos trabalhos agrícolas sazonais (com início nos últimos meses do ano) poderiam estar relacionadas a baixa procura pela escola nesse período. **(Notas do caderno de campo novembro/dezembro de 2016).**

<sup>117</sup>Além dos motivos apresentados na nota anterior a maior parte dos jovens concluintes já possuía no mês de novembro uma clara noção de sua situação escolar em termos de aprovação e reprovação o que possivelmente facilita para muitos “antecipar o final do ano”. **(Notas do caderno de campo novembro/dezembro de 2016).**

<sup>118</sup> Foram levados em consideração principalmente os que tinham experiências de trabalho, mas contemplou-se também aqueles que não as tinham. Buscamos assim levantar perfis variados de jovens: oriundos da zona rural, mas moradores na urbana, outros de famílias com baixo poder aquisitivo, outros com um pouco mais. Jovens com várias experiências de trabalho, outros sem nenhuma. Por fim, jovens em situação de maior regularidade no mercado de trabalho (aprendizes ou registrados corretamente) e jovens na total informalidade dentro dele. Buscou-se constituir um público variado em termos de gênero e raça também. Além disso incluímos no questionário um item onde se perguntava para o jovem se ele possuía interesse em participar da pesquisa, e as afirmativas nessa questão também auxiliaram na escolha dos jovens para a etapa da pesquisa.

por mais de uma vez (sem que se descobrisse o motivo), de modo que entendemos esse ato como uma recusa ou impossibilidade de participação. Dessa maneira o grupo foi se reduzindo até chegarmos no número de entrevistados apontado acima.

A realização das entrevistas seguiu orientações de Rosália Duarte (DUARTE, 2002) que compreende a realização destas em pesquisas qualitativas da seguinte maneira:

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado” (DUARTE, 2002, p. 141).

Seguindo as sugestões de Duarte (2002) procuramos, então localizar um grupo de sujeitos que pudesse representar por suas características um público mais amplo. Contudo, essa pesquisa não foi isenta de dificuldades<sup>119</sup>. Todas as entrevistas tiveram apenas o áudio gravado tendo cada uma durado em média entre 27 a 30 minutos<sup>120</sup>. Algumas foram realizadas em locais<sup>121</sup> de escolha dos jovens, sendo dadas como sugestões as próprias residências deles, a escola onde haviam estudado ou ainda outro lugar em que se sentissem mais à vontade. Os roteiros das entrevistas semiestruturadas contavam com questões norteadoras para a sua condução<sup>122</sup>. Vale lembrar que no momento das entrevistas também foram utilizadas outras perguntas suscitadas pelas falas dos entrevistados e que eles tiveram ampla margem para discorrerem sobre assuntos que

---

<sup>119</sup> Eu próprio não dominava de forma efetiva as técnicas de entrevista com jovens e estes demonstraram em várias ocasiões profunda timidez e relutância em falar.

<sup>120</sup> Algumas entrevistas foram realmente muito curtas diante da pouca disposição em aprofundar assuntos demonstrada por esses jovens, durando menos de 20 minutos. No geral, contudo, as entrevistas demoraram em média o tempo que já demonstramos (de 27 a 30 minutos), mas também houveram casos em que a duração foi de mais de 40 e até de 50 minutos. Foi respeitada nas a disposição dos jovens em falar, de maneira que quando os mesmos demonstravam que preferiam parar um assunto, evitamos continua-lo para não os constranger.

<sup>121</sup> Por escolha dos próprios jovens nove deles preferiram que as entrevistas fossem feitas na escola. Um jovem preferiu ser entrevistado em sua própria casa (foram duas entrevistas com ele), outro pediu que a mesma fosse feita na casa dos tios em um bairro urbano posto que ele próprio era morador da área rural (mesmo diante da insistência em fazermos a entrevista no seu sítio, ele preferiu vir até o núcleo urbano). Um terceiro jovem preferiu que a entrevista fosse realizada em uma praça próxima a escola.

<sup>122</sup> Os roteiros utilizados estão disponíveis no anexo.

tivessem vontade (FERREIRA, 2003), fossem estes relacionados ou não com a pesquisa<sup>123</sup>.

No tocante às técnicas utilizadas na pesquisa é preciso dizer que se não se promoveu durante sua realização um trabalho de “campo” no sentido de uma observação mais detalhada (em um modelo puramente etnográfico). Houve, contudo, um acompanhamento do cotidiano de parte dos jovens, afinal, ao menos o ambiente escolar foi constantemente frequentado<sup>124</sup>. Talvez essas “observações” feitas no “calor” do próprio trabalho docente (na escola) não tenham um valor metodológico efetivo ao ponto de serem utilizadas como fontes primordiais, mas, sem dúvidas podem auxiliar de uma maneira complementar na interpretação de certas situações que apareçam na pesquisa. Aqui nos embasamos nas propostas elaboradas por C. WRIGHT MILLS, em sua reflexão sobre o processo de pesquisa enquanto forma de “artesanato”:

Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de sua vida no seu trabalho continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Dizer que poder “ter experiência” significa que seu passado influi e afeta o presente, e que define a sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, ele terá de controlar essa interinfluência bastante complexa, saber o que experimenta e isolá-lo; somente dessa forma pode esperar usá-la como guia e prova de suas reflexões, e no processo se modelará como artesão intelectual. Mas como fazer isso? Uma resposta é: deve-se organizar um arquivo, o que suponho ser a forma do sociólogo dizer: mantenha um diário. Muitos escritores criadores mantêm diários; a necessidade de reflexão sistemática exige que o sociólogo o mantenha.

No arquivo que vou descrever unem-se a experiência pessoal e as atividades profissionais, os estudos em elaboração e os estudos planejados. Nesse arquivo o estudioso, como artesão intelectual, tentará juntar o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Não terá medo de

---

<sup>123</sup> Referindo-se a utilização do roteiro de questões para as entrevistas Maria Inês Ferreira afirma que “Não houve a preocupação de obedecer fielmente ao roteiro, afinal ele orientou as discussões que interessavam à pesquisa e não foi uma camisa de força. O objetivo não foi colecionar informações quantitativas, mas compreender os fenômenos introduzidos pelos entrevistados, principalmente a partir da perspectiva de construir um diálogo com as formas de organização social na cidade e as transformações recentes no tecido urbano”. (2002, p. 9-10.)

<sup>124</sup> Além disso, a cidade de São Miguel por ser de pequeno porte possibilita encontros casuais relativamente frequentes com os alunos e ex-alunos.

usar sua experiência e relacioná-la diretamente com os vários trabalhos em desenvolvimento. (MILLS, 1975[1959], p. 212.).

Desse modo durante e após as entrevistas foi construído um “caderno de campo” ou “diário de campo” que nos ajudou a lembrar de detalhes e situações que não ficariam claras apenas com a transcrição dos áudios. Além disso, nesse material escrito há uma série de impressões tidas durante e após a realização das entrevistas dos jovens. Possivelmente, o fato do autor dessa pesquisa também trabalhar como professor na escola que os jovens estudaram também deve ter influenciado muito na composição dessas impressões. Afinal, sendo docente ou não dos jovens entrevistados a escola era um ponto de encontro recorrente, sendo que com alguns o contato já era existente há três ou quatro anos.

Dentre os vários problemas observados no percurso da pesquisa destacamos o contato/ convite para as entrevistas<sup>125</sup>. A impressão inicial que eu tinha era a de que o fato de ser alguém que os conhecia auxiliaria bastante no processo da pesquisa, o que aos poucos mostrou-se bem mais complexo. Não sei exatamente como os jovens interpretaram a pesquisa (mesmo que eu a explicasse e falasse dos objetivos e da sua importância), senti, às vezes, uma “ausência” deles para comigo, ou para utilizar a experiência de GERTZ (1989) uma “indiferença estranhada”<sup>126</sup> que é preciso reconhecer aqui.

Pensando em toda essa trajetória não podemos esquecer que a localidade em que se realizou a pesquisa é uma pequena cidade interiorana que mantém uma série de hábitos e práticas que demonstram uma grande preocupação com o que os jovens estão fazendo ou deixando de fazer, e esse fato deve ser levado em conta. À primeira vista o fato do

---

<sup>125</sup>Havia, inclusive, inicialmente também a intenção de alcançar as famílias dos jovens de maneira bastante abrangente na pesquisa, e esse intento só foi conseguido em uma parcela muito pequena (apenas familiares de três jovens contribuíram com entrevistas), de modo que aos poucos abandonamos esse objetivo.

<sup>126</sup> Ao chegar nos anos 1950 com sua esposa a uma pequena aldeia balinesa com a finalidade de realizar uma pesquisa etnográfica Geertz sentiu-se constantemente ignorado pela população local, em suas palavras: *“Nós éramos invasores, profissionais é verdade, mas os aldeões nos trataram como parece que só os balineses tratam as pessoas já que não fazem parte de sua vida e que, no entanto, os assediam: como se nós não estivéssemos lá. [...] Para eles, e até certo ponto para nós mesmos, éramos não-pessoas, espectros, criaturas invisíveis. A indiferença, sem dúvida, era estudada; os aldeões vigiavam cada movimento que fazíamos e dispunham de uma quantidade enorme de informações bastante corretas sobre quem éramos e o que pretendíamos fazer. Mas eles agiam como se nós simplesmente não existíssemos e esse comportamento era para nos informar que de fato nós não existíamos, ou ainda não existíamos”* (GERTZ, 1989, p. 185,). Seria injusto da minha parte dizer que fui absolutamente ignorado em todos os momentos e situações (houveram jovens e familiares que foram muito solícitos e atenciosos para comigo), mas em alguns casos me senti um verdadeiro “invasor” de suas vidas, uma “não- pessoa” de seu convívio (mesmo que não fosse totalmente estranho a eles.).

pesquisador ser também professor poderia significar um ponto a favor em relação aos jovens e suas famílias (e na aceitação da participação na entrevista) e isso pode ter contribuído mesmo em alguns casos. Por outro lado, alguns jovens também podem ter interpretado as entrevistas como algum tipo de “avaliação escolar” pós- período letivo, ou algo próximo a isso. É possível que os jovens tenham acabado por construir uma imagem ambígua a meu respeito, que oscilava entre pesquisador e professor. É importante também acrescentar que a minha diferença de idade em relação a esses jovens não é muito elevada (em alguns casos era de menos de dez anos) e isso gerou provavelmente situações de constrangimento da parte deles e, confesso, de minha também<sup>127</sup>. Não é impossível (mesmo com inúmeros cuidados por mim tomados nas abordagens a esses jovens) que alguns deles possam ter ficado envergonhados ou com medo de que poderiam sofrer com fofocas<sup>128</sup> dos amigos diante de uma experiência onde iriam conversar sozinhos com o professor/ pesquisador. Alguns jovens afirmaram que os familiares não autorizaram sua participação e raramente deram explicações mais detalhadas sobre isso. Por fim, o simples fato de que esses jovens possam ter se sentido expostos, tendo que falar de suas vidas sem que a iniciativa partisse deles, com toda a certeza dificultou muito a participação de alguns (que acabaram recusando) e mesmo numa maior qualidade de algumas das entrevistas cujas falas se tornaram extremamente lacônicas e apressadas.

O “ser pesquisador e professor” foi, portanto, um “problema” durante a pesquisa. E não obstante os vários alertas (tanto de minha orientadora quanto de outros docentes e mesmo de parte da bibliografia utilizada) dos riscos de se fazer uma pesquisa com um grau de “proximidade” como esse, resolvi assumir a empreitada, mesmo por que eu considerava importante realizar uma pesquisa na comunidade em que vivo e na escola em que leciono. Havia nesse ambiente, segundo o que percebia, uma expectativa de que eu fizesse uma pesquisa ali, de maneira que me senti impulsionado a realizá-la mesmo considerando os riscos. E como já foi dito esse aspecto da pesquisa se constituiu, em grande medida, como problema metodológico. Nesse caso, o problema talvez tenha sido o excesso de proximidade entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

---

<sup>127</sup> Nunca percebi nenhum tipo de “insinuação” ou “indireta”, e a ética na pesquisa foi, sem dúvidas, uma das diretrizes do meu procedimento, mas a timidez foi uma constatação, e é nesse sentido que se pode falar em constrangimento, no mais, os jovens poderiam sofrer também com os “comentários” dos colegas diante de uma potencial incompreensão dos motivos da pesquisa.

<sup>128</sup> A antropóloga Vanda Silva também identificou problema semelhante em sua pesquisa com jovens no Vale do Jequitinhonha, onde as “fofocas” tinham uma presença e papel relevante no controle moral dos grupos sociais (SILVA, 2009).

Por outro lado, seria ingênuo de nossa parte julgar que um distanciamento tão grande em relação aos sujeitos da pesquisa seria garantia de uma “neutralidade” que possibilitaria automaticamente uma maior eficiência na compreensão sobre eles. Reforçando ainda mais essa ideia de que caso os sujeitos da pesquisa fossem outros e não os conhecêssemos, ainda assim seria improvável nos distanciarmos totalmente e permanentemente deles como nos mostra Claudia Fonseca (1998) sobre essa questão da proximidade entre pesquisador e sujeito:

Ninguém nega que somos parte da realidade que pesquisamos. Quer seja na linha de Marx, Bourdieu ou Foucault, não há pesquisador que ainda nutra a ilusão de ser “neutro”. A reação do “nativo” diante de nossa pessoa — seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença — é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação. Mas seria um engano igualmente ingênuo reduzir a realidade àquela dimensão que diz respeito a nossa presença. (FONSECA, 1998, p. 65).

Tais questões apontadas por Fonseca em relação à pesquisa em sua etapa de campo também se aproxima das considerações de Magnani (2002) sobre a complexidade de um olhar “de perto e de dentro”, ao realizar pesquisa em espaço que eram parte de seu cotidiano. Ao mesmo tempo, é este mesmo autor que reconhece o quanto esta também pode ser uma maneira de interpretação social bastante relevante. Esse exercício, no entanto, deve ser antecedido por uma tentativa de um “distanciamento inicial” seguido pela reaproximação<sup>129</sup>, onde o pesquisador será “afetado”; transformado pelo seu objeto ou sujeitos de pesquisa (MAGNANI, 2002), de modo que:

O pesquisador não apenas apreende o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esse significado e conseguir descrevê-lo agora nos seus termos (dele, analista), é capaz de atestar sua lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores. (MAGNANI, 2002, p. 11).

---

<sup>129</sup> Para Magnani: “O primeiro deles é uma atitude de estranhamento e/ou exterioridade por parte do pesquisador em relação ao objeto, a qual provém da influência de sua cultura de origem e dos esquemas conceituais de que está armado e que não é descartada pelo fato de estar em contato com outra cultura e outras explicações, as chamadas “teorias nativas”. Na verdade, essa copresença, a atenção em ambas é que acaba provocando a ambiguidade, a possibilidade de uma solução não prevista, um olhar descentrado, uma saída inesperada”. MAGNANI, 2002, p. 10).

Pesquisar os jovens do lugar em que se vive e trabalha, caso dessa pesquisa, requereu uma constante busca por promover um distanciamento inicial (em relação a quem já me era próximo) para promover em seguida uma reaproximação, num processo em que, afinal de contas, a subjetividade não poderia mesmo ser deixada totalmente de lado. Sem dúvidas, esse fenômeno do distanciamento- reaproximação também acabou por ampliar a afinidade para com os sujeitos da pesquisa. Nela pude enxergar a mim mesmo em condição similar há pouco mais de dez anos atrás, com sonhos e anseios parecidos com os dos sujeitos da pesquisa. Foi possível ver nesses jovens muito do que eles são, mas também muito do que já fui e do que sou. Essas implicações geraram ansiedade, mas também empatia, e levaram a uma situação onde nos aproximamos e fortalecemos vínculos<sup>130</sup>. Explicando melhor, utilizamos novamente Magnani que citando Levi Strauss nos diz que:

Num nível mais geral essa experiência tem como condição o pressuposto de que ambos, pesquisador e nativo, participam de um mesmo plano: o dos ‘fenômenos fundamentais da vida do espírito’. Ambos são dotados dos mesmos processos cognitivos que lhes permitem, numa instância mais profunda, uma comunhão para além das diferenças culturais. Afinal, as milhares de sociedades que existem ou existiram sobre a superfície da terra são humanas e por esse título participamos delas de maneira subjetiva: poderíamos ter feito parte delas e portanto podemos tentar compreendê-las como se fôssemos parte delas. (op. cit. p. 11)

Apontadas essas questões, voltamos agora aos procedimentos de caráter mais técnico adotados. Após a finalização da primeira etapa de entrevistas iniciamos um processo de análise do material coletado. Considerando que a banca de qualificação indicou a necessidade de retorno ao campo, voltamos a conversar com alguns dos jovens já entrevistados. Além disso sentimos a necessidade de entrevistar mais jovens (ainda não entrevistados), especialmente aqueles que ainda fossem moradores da área rural<sup>131</sup>. Novamente algumas dificuldades surgiram tais como falta de tempo (por conta do

---

<sup>130</sup> Ao menos com alguns dos jovens sujeitos acompanhados com mais proximidade, que são principalmente os que forneceram mais de uma entrevista, foi possível desenvolver um vínculo maior, que inclusive, creio, facilitou na compreensão de suas trajetórias, experiências, visão de mundo e sentidos atribuídos sobre as temáticas da pesquisa e até mesmo outros assuntos não tão próximos aos objetivos da pesquisa (visão política, religiosidade, afetividade, entre outras coisas).

<sup>131</sup> Ainda no ano de 2017 foi feita a aplicação do mesmo questionário com uma turma de concluintes do ensino médio noturno. Nessa ocasião a turma estava também bastante reduzida, de modo que foram aplicados apenas doze questionários. Destes escolhemos mais dois jovens para participar das entrevistas (realizadas em fevereiro).

trabalho ou estudos), dificuldade de comunicação (demora excessiva nas respostas ou ausência delas), problemas familiares, e, por fim, alguns jovens já não moravam mais na cidade de São Miguel. Desse modo foram realizadas entrevistas com quatro jovens que já haviam sido entrevistados em 2017 e outros dois que ainda não haviam sido entrevistados<sup>132</sup>. Pode-se considerar, contudo, que nos aproximamos do objetivo almejado em relação ao número de jovens a serem novamente entrevistados, posto que não se pretendia entrevistar todos os que o foram anteriormente, mas no máximo metade deles.

Encerrada a segunda rodada das entrevistas (maio de 2018), e com o número novo de entrevistados reiniciamos as análises aprofundando aquelas já elaboradas e contemplando outras, procurando sempre ter como exemplo a perspectiva apontada por Rosália Duarte sobre esse tipo de pesquisa:

Vencida a etapa de organização/ classificação do material coletado, cabe proceder a um mergulho analítico profundo em textos densos e complexos, de modo a produzir interpretações e explicações que procurem dar conta, em alguma medida, do problema e das questões que motivam a investigação. As muitas leituras do material de que se dispõe, cruzando informações aparentemente desconexas, interpretando respostas, notas e textos integrais que são codificados em ‘caixas simbólicas’, categorias teóricas ou ‘nativas’ ajudam a classificar, com um certo grau de objetividade, o que se depreende da leitura/interpretação daqueles diferentes textos. (DUARTE, p. 152. 2002).

Ampliamos novamente a consulta a bibliografia sobre os temas mais recorrentes e passamos a tentar identificar algumas categorias, que pudessem traduzir um pouco melhor as experiências dos jovens sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, a categoria “juventude em fluxo” pareceu ser a mais visível e adequada para traduzir as experiências escolares e de trabalho dos jovens. Nela vislumbramos as trajetórias desses jovens que se movimentando (uns mais outros menos) parecem viver a experiência “rurbana” de forma constante, dados o caráter de fluidez e reversibilidade desses trânsitos, como ficará evidente a seguir (Capítulo III).

---

<sup>132</sup> Com um desses jovens (Caleb) conseguimos realizar uma nova breve entrevista de atualização cerca de um mês e meio depois da primeira (realizada em fevereiro de 2018), o outro estava morando em uma cidade distante e vinha com pouca frequência para São Miguel, de modo que só foi possível conversar via internet.

Finalizando essa discussão sobre nosso “caminho até aqui”, nas “idas e vindas” dessa pesquisa, à maneira de um “trabalho artesanal” (emprestando a metáfora de Wright Mills), fomos moldando nosso material até alcançar uma forma, que insatisfatória é reformulada até chegar a um “produto” ou resultado (“provisoriamente”) final. Cabe observar que mesmo não tendo sido nosso objetivo inicial abordar a “história de vida” dos jovens, ela acabou aparecendo em seus relatos, afinal, não havia como perguntar sobre as experiências de escolarização e trabalho e não perceber que elas estavam profundamente implicadas com as histórias de vida desses jovens e de suas famílias. Os relatos obtidos a partir das entrevistas permitiram compreender quem são, de onde vieram, para onde já foram, como vivem, o que fazem, que experiências tiveram de escolarização e trabalho, o que pensam delas. São então essas experiências que buscamos compreender à luz desses referenciais metodológicos mencionados nesse tópico e que procuramos daqui em diante explicar de forma mais efetiva, primeiramente coletivamente (conjunto dos jovens entrevistados) e em seguida individualmente (perfil individualizado) nos tópicos seguintes.

## **2.2- Os sujeitos da Pesquisa<sup>133</sup>.**

Com o propósito de auxiliar a situar inicialmente os jovens sujeitos da pesquisa. Elaboramos dois quadros explicativos (tabela 4 e tabela 5) mostrando de maneira geral algumas informações sobre os jovens entrevistados entre março de 2017 e fevereiro de 2018<sup>134</sup>. Na primeira tabela é retratada a situação dos mesmos durante a realização da entrevista enquanto na segunda temos informações atualizadas dos jovens no momento de finalização da pesquisa (coletadas entre abril e julho de 2018):

---

<sup>133</sup> É importante ressaltar que os nomes atribuídos aos jovens pesquisados (que aparecem nesse texto) foram inventados de modo que se preservasse a identidade dos envolvidos.

<sup>134</sup> As primeiras entrevistas com todos foram realizadas nesse período. As entrevistas de “retorno” (segunda entrevista) vieram a ocorrer entre fevereiro e maio de 2018.

**Tabela 4: Jovens entrevistados entre março de 2017 e fevereiro de 2018. Situação durante a primeira entrevista.**<sup>135</sup>

Jovens	Idade No momento da entrevista	Cor/Raça	Trabalha	Já trabalhou	Trabalho que mais tempo exerceu	Lugar que mora no momento da entrevista	Já morou na zona rural	Estudava no momento da entrevista.
Adilson	18	Pardo	Sim	Sim	Auxiliar de mecânico e “Lava rápido”	COHAB I	Não	Sim, E. Superior. Administração.
Aline	20	Branca	Sim	Sim	Gestora em Projeto social.	Monte Verde.	Sim	Sim, E. Superior. Biologia
Caleb	17	Branco	Sim	Sim	Agricultor e “bicos diversos”	Sítio da família no Bairro Turvinho	Sim	Não.
Eduardo	17	Branco	Não	Sim	Aprendiz em agência bancária.	Casa do avô no Centro.	Sim	Sim, E. Superior. Economia
Helen	17	Branca	Não	Não	Não teve.	Centro	Não	Sim, E. Superior. Enfermagem
Claudia	18	Parda	Sim	Sim	Loja de roupas	Vila Aparecida	Não	Não.
Jaqueline	18	Branca	Não	Sim	Aprendiz em Instituição Bancária.	Portal Califórnia	Não	Não.
Juliana	20	Parda	Não	Sim	Cuidadora de Crianças	Portal Califórnia	Sim	Não.
Nazaré	20	Branca	Sim	Sim	Supermercado	Vila Aparecida.	Sim	Não.
Junior	18	Branca	Sim	Sim	Lavoura e ótica.	Centro	Sim	Não.
Gabriel	18	Branca	Não	Sim	Aprendiz em Escritório Contábil.	Centro	Não	Sim, ensino superior. Ed. Física.
Jacira	19	Branca	Não	Sim	Cuidadora de crianças.	COHAB IV	Não	Não.
Marcus	18	Branca	Não	Sim	Vendedor de trufas.	Centro.	São	Não.
Glória	18	Branca	Não	Não	Não teve.	Vila Aparecida.	Sim	Não.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

<sup>135</sup> No item cor/ raça foram consideradas as informações dadas pelos próprios jovens em um questionário aplicado antes das entrevistas. Vale observar que a maioria dos jovens que se dispuseram a participar das entrevistas foram predominantemente brancos, sendo uma minoria de pardos (três). Apesar de chamados outros jovens que se declararam (no questionário) pardos (cinco) ou negros (dois) não aceitaram participar das entrevistas o que poderia, inclusive, render uma discussão sobre essa “ausência” enquanto um receio de exposição (?) e que poderá ser melhor investigado em uma pesquisa posterior.

**Tabela 5: Situação dos jovens entrevistados no período final da pesquisa (junho/ julho de 2018).**

Jovens	Idade (junho de 2018).	Cor/Raça	Trabalha Atualmente?	Já trabalhou	Trabalho Atual.	Lugar que mora atualmente.	Estuda atualmente? Se sim o que estuda?
Adilson	19	Pardo	Sim	Sim	Estagiário (escriturário) em uma Junta comercial	Sorocaba-SP	Sim, E. Superior. Adm. de Empresas.
Aline	21	Branca	Sim	Sim	Profª Eventual em escola estadual.	Monte Verde.	Sim, E. Superior. Biologia
Caleb	18	Branco	Sim	Sim	Agricultor e “bicos diversos”	Sítio da família no Bairro Turvinho	Não.
Eduardo	18	Branco	Não	Sim	Não tem.	Rio de Janeiro- RJ.	Sim, E. Superior Economia.
Helen	18	Branca	Não	Não	Não tem.	Centro	Sim, E. Superior turismo.
Claudia	19	Parda	Sim	Sim	Caixa em Loja de roupas	Vila Aparecida	Sim, curso técnico de serviços jurídicos.
Jaqueline	20	Branca	Não	Sim	Não tem.	Portal Califórnia	Sim, curso técnico em Secretariado.
Juliana	21	Parda	Não	Sim	Vendedora em loja de roupas.	Sorocaba-SP	Não.
Nazaré	22	Branca	Sim	Sim	Atendente em padaria.	Vila Aparecida.	Não.
Junior	19	Branca	Sim	Sim	Caixa em ótica.	Centro	Não.
Gabriel	19	Branca	Não	Sim	Auxiliar em Academia (estagiário)	Centro	Sim, ensino superior. Ed. Física
Jacira	20	Branca	Não	Sim	Cuidadora de crianças.	COHAB IV	Não.
Marcus	19	Branca	Não	Sim	Estagiário na Prefeitura - oficina pedagógica	Centro.	Sim, ensino superior Letras.
Glória	19	Branca	Não	Não	Não tem.	Vila Aparecida.	Sim, curso técnico em enfermagem

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Os dois quadros nos mostram algumas alterações efetivadas entre os jovens nos planos profissional e educacional que revelam que parte deles, de fato, alcançou algumas expectativas demonstradas na primeira série de entrevista. Esse aspecto ficou mais visível

para nós em relação a alguns dos jovens com os quais fizemos uma segunda entrevista<sup>136</sup> (até mesmo por ter tido maior contato com esses). Os que demonstraram maior satisfação com o ambiente profissional são justamente os que conseguiram se inserir em atividades que se aproximavam das áreas que estão estudando. É o caso de Gabriel que cursa educação física e Aline que cursa licenciatura em biologia, no caso do primeiro, conseguir um estágio em uma academia em sua cidade (São Miguel) na atual circunstância (de ainda não ter terminado o curso e ter poucas opções de trabalho) tem sido visto por ele como uma coisa muito boa, isto é, bem melhor do que trabalhar como auxiliar em um escritório (seu serviço anterior). Já a segunda jovem que mencionamos e que atualmente é professora eventual em uma escola estadual (além de ser voluntária em um projeto de educação/ não formal local – o já mencionado “Cidade Escola”) demonstra satisfação em estar se aprofundando mais em uma área que sempre almejou, que é a da educação, ainda que hajam alguns problemas apontados por ela ligados a situação precária dos profissionais da educação da rede pública estadual (especialmente contratados e eventuais, como no caso dela) Aline está, em grande medida, satisfeita com seu percurso profissional atual.

Outro jovem cujas mudanças foram realmente grandes em um período de menos de um ano foi Adilson. Esse rapaz trabalhou a maior parte de sua vida (desde mais ou menos os dez anos de idade) em oficinas de mecânica/funilaria e lavadores de automóveis. E após terminar o ensino médio conseguiu uma bolsa em Administração pelo PROUNI. Depois de um ano de curso (época em que ainda estava trabalhando em oficina) surgiu uma oportunidade de ser estagiário em Sorocaba (cidade onde estuda) em uma junta comercial, e apesar de na opinião dele ainda não ser exatamente o que ele deseja profissionalmente considera que esse outro trabalho e seus estudos estão muito mais próximos, além disso, Adilson também teve de mudar de cidade para conciliar o novo trabalho com os estudos.

Outras três jovens também tiveram alterações em suas trajetórias educacionais foram Glória, Claudia e Jaqueline. As três iniciaram cursos técnicos em uma ETEC no município vizinho de Itapetininga. E ao menos no caso das duas primeiras os cursos correspondem a alguns dos projetos demonstrados nas entrevistas, Glória queria estudar

---

<sup>136</sup> Mesmo tendo feito a segunda rodada de entrevistas com apenas quatro jovens, pudemos saber a respeito das trajetórias dos demais de formas diversas que vão desde conversas (não gravadas com os mesmos) até informações obtidas com familiares dos que não foram encontrados.

algo na área da saúde e faz técnico em enfermagem e Claudia pretendia trabalhar e estudar algo no segmento do direito e está cursando o técnico em auxiliar de serviço jurídico. Quanto a Jaqueline ela demonstrou interesse na ocasião da entrevista em seguir uma área próxima à administração de empresas e está cursando técnico em secretariado. No quesito profissional, a única que está trabalhando atualmente das três é Cláudia que se mantém no mesmo trabalho e função (caixa em uma loja de roupas), as outras duas estão em busca de trabalho, mas ainda não conseguiram um.

Outro jovem, Marcus<sup>137</sup>, começou a estudar e trabalhar nesse ano. Iniciou a graduação em Letras em um Instituição particular na cidade de Sorocaba e começou a fazer estágio na prefeitura de São Miguel em uma oficina pedagógica (com foco em educação infantil), onde tem um contrato de dois anos. Disse pretender começar a dar aulas na rede estadual também, sem abandonar o estágio que já está fazendo.

Uma Outra jovem que passou por uma mudança provavelmente significativa é Juliana<sup>138</sup> que se mudou para Sorocaba e estaria morando com um grupo de amigas em uma república nessa cidade, seu objetivo era arranjar trabalho o que para ela estava difícil de se conseguir em São Miguel. As últimas notícias que tivemos sobre ela (junho de 2018) eram de que estava trabalhando em uma loja de calçados em Sorocaba.

Houve também um outro jovem que se mudou de São Miguel, o Eduardo, que está fazendo a graduação em economia no Rio de Janeiro. A entrevista com esse jovem foi feita no começo desse ano (fevereiro de 2018) e só conseguimos fazer um acompanhamento da trajetória do mesmo por conversas em redes sociais virtuais. Segundo o que o mesmo disse na entrevista o seu foco era se concentrar nos estudos e depois de um tempo pensaria em tentar um estágio ou trabalho desde que fosse na sua área. Para isso contava com uma ajuda financeira da Instituição que lhe forneceria uma bolsa de estudos e auxílio de custeio, além de também ter todo o apoio da família para fazer isso.

Os quadros não apresentam outras grandes alterações nas trajetórias dos demais jovens como fica evidente na comparação de um para outro, e a função dos mesmos é apenas situar os percursos. Os que não foram mencionados nessa breve descrição

---

<sup>137</sup> Só foi possível ter uma breve conversa com esse jovem após sua entrevista concedida em 2017. Essa conversa ocorreu no começo do mês de julho de 2018 e simplesmente serviu para atualizarmos as informações sobre ele e vermos um pouco de sua empolgação com o novo curso e trabalho.

<sup>138</sup> Essas informações foram fornecidas por sua irmã, e em conversas em rede social da internet.

(Junior<sup>139</sup>, Nazaré, Helen<sup>140</sup> e Jacira), com base em nossa análise, aparentemente não tiveram profundas alterações nas suas trajetórias profissionais e acadêmicas.

### **2.3- Os jovens entrevistados e seus trajetos**

Visando uma maior compreensão dos sujeitos participantes da pesquisa aqui trazemos um relato sobre cada jovem entrevistado e das trajetórias dos mesmos com base no que conseguimos acompanhar desde o começo da pesquisa (final de 2016) até o mês de julho de 2018.

#### **Junior.**

Junior é um jovem de 19 anos, que atualmente mora com a mãe (40 anos) e uma irmã (15 anos) em uma casa alugada na região central da cidade de São Miguel, as duas trabalham, sendo que a primeira em um restaurante como cozinheira e a segunda como cuidadora (babá) dos filhos da proprietária do mesmo estabelecimento. A mãe tem o ensino fundamental incompleto enquanto a filha está cursando o ensino médio. No ano passado (na ocasião da primeira entrevista em março de 2017) o pai de Junior também havia ido a pouco tempo viver com eles na casa alugada na área urbana, estava procurando trabalho como jardineiro, mas não conseguiu arranjar um emprego fixo e acabou voltando para o sítio da família onde já trabalhava plantando legumes. Os demais integrantes da família permaneceram na “cidade” e visitam o “sítio” com pouca frequência<sup>141</sup>.

Tendo mudado do bairro rural (onde passou a maior parte de sua vida)<sup>142</sup> para a cidade de São Miguel no começo de 2016, ocasião em que havia conseguido um trabalho registrado em uma ótica na mesma localidade, ele permanece nesse trabalho até o momento (julho de 2018). No final do ano (mês de dezembro) de 2017 ele recebeu a

---

<sup>139</sup> Junior, fez alguns cursos na área de atendimento ao público e comércio na Associação Comercial de São Miguel, mas foram bem curtos. Esse jovem também morou cerca de um mês em Itapetininga a mando da empresa que trabalha para cobrir férias de um companheiro de trabalho dessa cidade, após esse período voltou para São Miguel onde permanece com a família e no mesmo trabalho.

<sup>140</sup> Helen teve a perda do pai e mudou de curso superior (de enfermagem para turismo).

<sup>141</sup> É possível que tenham havido problemas de relacionamento entre o pai e a mãe de Junior, esse pode inclusive ter sido um dos motivos da migração da mãe e irmã desse jovem para a área urbana de São Miguel no começo do ano passado. Segundo ele o pai não se acostumou a “cidade” e por não ter arranjado um trabalho fixo preferiu voltar para o sítio de sua propriedade onde atualmente cultiva produtos agrícolas como pimentão e tomate por conta própria. A mãe de Junior trabalha como cozinheira e auxiliar de serviços gerais em um restaurante- pousada na área urbana de São Miguel e a irmã dele além de cursar o ensino médio trabalha cuidando de uma criança da mesma família dos patrões da mãe dele.

<sup>142</sup> “Forquilha” fronteira de Capão Bonito e São Miguel, cerca de 25 km da primeira e 20 km da segunda.

proposta de trabalhar em uma outra loja da ótica localizada em um shopping na cidade de Itapetininga, ali ficou por dois meses morando em um hotel e quase não vindo pra São Miguel posto que suas folgas eram durante a semana (segunda ou terça-feira) retornando novamente para a loja que já trabalhava.

Essa sua experiência no shopping foi avaliada (por ele) de forma positiva, por ser algo diferente ao que estava acostumado, principalmente por conhecer pessoas de vários lugares (inclusive outros países) e pela confiança que a empresa depositou nele (seu cargo seria o de um subgerente), mas para além dos pontos positivos Junior ressaltou o sentimento de intensa exploração pelos horários de trabalho extenuantes (ainda que em sua opinião todos corretamente pagos) que chegavam até as dez da noite ou mais, o fato de trabalhar em domingos e feriados (“tendo de folgar durante a semana quando todos trabalhavam”). No mais o ritmo de trabalho na loja de São Miguel para ele parece ser mais suave do que no Shopping em Itapetininga, mas ainda assim interfere bastante em seus planos, tanto de estudar quanto de lazer, tendo inclusive atrapalhado em algumas ocasiões em que pretendia participar em uma competição de corrida em outra cidade (o horário de trabalho impediu que ele pudesse ir competir).

É interessante que Junior apesar de afirmar não pretender (em um futuro muito próximo) voltar a morar na zona rural ele também demonstra ter um carinho especial pelo “sítio da família” e pelo bairro de origem, mesmo apontando a existência de vários problemas em relação a esse lugar, dentre eles; o isolamento, a distância e despovoamento do mesmo<sup>143</sup> que inclusive influenciaram muito na sua saída e da família (mãe e irmã) deste, e a busca por “novas oportunidades” tanto de trabalho quanto de estudos. Suas experiências de trabalho rural anteriormente a migração para área urbana são vistas como de exploração menos intensa do que aquelas do seu trabalho atual, por outro lado, segundo ele o trabalho de pequeno produtor agrícola tem uma inconstância em relação ao rendimento, isto é, uma insegurança no tocante a quanto você ganhará em termos monetários, posto que os lucros dependem de uma série de variáveis. Deste modo, apesar dos vários problemas, haveria maior liberdade no trabalho rural familiar, uma vez que o mesmo pode ser mais ou menos organizado pelos próprios produtores (por conta do

---

<sup>143</sup> Segundo o seu depoimento e de seus familiares (mãe e pai) o bairro Forquilha passa a mais de dez anos por um despovoamento constante. Pequenas propriedades acabam sendo englobadas por outras maiores dedicadas ao cultivo da soja ou a plantação do eucalipto, esse fenômeno é observado em vários outros bairros rurais na região do município de São Miguel. (Conversa com Junior e familiares, **Caderno de Campo**, março de 2017)

caráter familiar), podendo assim ter um pouco mais de autonomia de escolha sobre os horários e ritmos de trabalho, o que não é, em sua opinião, algo presente em seu trabalho urbano atual.

Em suma entendido como uma espécie de “plano B”, o retorno ao trabalho e meio rural para Junior não é descartado, ainda que figure enquanto uma “segunda opção” nesse momento de sua vida. Para ele um retorno para o sítio da família, visando trabalhar nele, poderia ser mais facilmente pensado caso tivesse reunido um capital para se investir especialmente no maquinário agrícola que auxiliaria na maior produção da lavoura e menor esforço físico nas tarefas do seu cuidado e colheita.

Nesse momento (abril de 2018) o foco de Junior é retornar aos estudos (pretende fazer faculdade de administração ou ciências contábeis no município de Itapetininga), especialmente depois de ter feito um curso profissionalizante de gestão empresarial na Associação Comercial local que durou quatro meses. Em seus planos não demonstra querer trocar de emprego em um espaço breve de tempo, mas pensa também em um futuro não muito distante em ter talvez um negócio seu (empresa), ainda que sem ter uma ideia clara do que iria fazer.

### **Aline**

Aline é uma jovem de 21 anos que também tem origem rural, viveu até os 18 com a família<sup>144</sup> em um sítio no bairro “Turvinho”, nessa ocasião como já frequentava bastante a área urbana tanto por já trabalhar nela (primeiro em Lan House e posteriormente em um projeto social) optou por vir morar na área urbana, tal mudança foi também impulsionada pela sua entrada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSCar- Sorocaba, onde está atualmente cursando o quarto ano. Além de estar estudando, Aline também trabalha atualmente como professora eventual na escola que estudou<sup>145</sup>, para ela essa condição de ser professora eventual tem aspectos positivos e negativos, mas excetuando-se o fato de se considerar jovem demais e de trabalhar como eventual (o que em sua opinião atrapalha para que os alunos prestem mais a atenção e participem da aula),

---

<sup>144</sup> Sendo anteriormente trabalhadores e moradores em um Sítio no Bairro rural do Turvinho no início do ano passado (2017) a família de Aline (mãe, pai, irmã e avô) mudou-se para a cidade de São Miguel na casa de um tio dela. Atualmente eles ainda moram nessa casa (Bairro periférico da Vila Aparecida) sendo que o pai é trabalhador rural (uma condução do patrão vem busca-lo para o trabalho na zona rural) e a mãe cuida da casa e do idoso (avô) que está adoentado, a irmã (será apresentada mais adiante) estava fazendo um curso técnico em enfermagem e buscava trabalho (maio de 2018).

<sup>145</sup> A mesma dos demais jovens sujeitos dessa pesquisa.

considera a profissão docente algo muito bom, está bastante empolgada com toda a experiência, ainda que esteja sendo bastante difícil conciliar seu trabalho, os estudos e sua vida social.

No começo quando se mudou para a cidade (de São Miguel) morou com familiares, posteriormente com uma amiga e desde o começo do ano passado passou a morar com o namorado e a família deste (sogra e cunhado). Seu companheiro também é professor na mesma escola que Aline trabalha, sua sogra dona de casa e o cunhado trabalha na lavoura do sítio da família.

Aparentemente as ligações de Aline com o bairro de origem parecem não ser tão fortes, afinal não ficaram no mesmo familiares seus, e tão pouco o sítio em que morava pertencia a sua família<sup>146</sup>. Por outro lado, a família com a qual ela vive agora (de seu companheiro) é uma família também de agricultores que mesmo vivendo na “cidade” (área urbana de São Miguel) “vão ao sítio” ao menos nos finais de semana com grande frequência, e para além do lazer (descanso) que tal ambiente pode proporcionar, segundo a mesma há também muito trabalho por lá, pois “sempre tem alguma coisa para você fazer no sítio”, nesses momentos essa jovem acaba revivendo um pouco das suas experiências do passado de trabalho rural com sua família.

Essa jovem aparentemente pretende continuar sendo professora, seu interesse pela educação é verdadeiramente grande, promovendo grande envolvimento com seus estudos e trabalho (ser professora) posto que o vê como um agente transformador da realidade em que vivemos. Ela pretende inclusive após terminar sua graduação continuar a estudar e tentar fazer mestrado na área da educação. Além disso, Aline, participou por anos na escola do grêmio estudantil e em um coletivo local que tinha como pauta a luta por mais direitos e políticas públicas para a juventude chamado “Capital Juvenil”, cujos integrantes (juntamente com ela) acabaram por criar o projeto social educativo chamado “Cidade Escola” que visa atender crianças e jovens e situação de vulnerabilidade<sup>147</sup>.

---

<sup>146</sup> Os pais de Aline eram “caseiros”, isto é, “tomavam conta do sítio” (este tipo de trabalho envolve quase sempre grupos familiares e se caracteriza por tarefas diversas que vão de fazer a manutenção com serviços de jardinagem e cuidado da “casa sede” até trabalhos na lavoura e cuidado de animais) em que viviam, mas que não era de sua propriedade, e em troca disso recebiam um salário como pagamento além de poder residir no local. Segundo Carneiro (1998) o fato de uma propriedade ser da família ou não pode influenciar diretamente nos laços com a terra de onde se veio. Desse modo famílias que não detêm a posse do sítio em que trabalham talvez não sintam uma ligação tão forte com o local quanto a que é sentida pelos que são donos (ou “coproprietários” como no caso de terras coletivas) da terra que trabalham.

<sup>147</sup> O Projeto Cidade Escola foi praticamente abandonado pela prefeitura municipal no segundo semestre de 2017 tendo que reduzir suas atividades com as crianças em situação de vulnerabilidade a praticamente

## Caleb

Caleb é um jovem de 17 anos, que mora com a mãe<sup>148</sup>, o pai<sup>149</sup> e uma irmã de 15 anos no sítio da família no bairro Turvinho. Terminou o ensino médio no final do ano passado. No momento não está estudando, e apesar de não ter planos muito claros a respeito da continuidade dos estudos, interessa-se pelas áreas de agricultura, pecuária e mecânica. Desde os doze anos de idade começou a trabalhar com cultivos de legumes em estufas no bairro onde mora, primeiramente com seu padrinho com quem trabalhou até a metade do ano passado (2017) e de setembro até o momento (abril de 2018) com seu primo também com legumes em estufas, mas na modalidade de cultivo orgânico<sup>150</sup>. Segundo Caleb como a certificação e adequação das estufas do primo ainda estão em processo de finalização ele ainda não tem registro em carteira nem benefícios, mas existe a expectativa por parte dele que as coisas melhorem num futuro próximo. No mais ele considera seus serviços no trabalho como pouco exaustivos, e seu primo segundo ele é um verdadeiro “parceiro de trabalho”, preocupado com todos os equipamentos de segurança necessários para as funções que ele venha a desempenhar<sup>151</sup>.

Caleb demonstra gostar muito do bairro que mora, e mesmo pretendendo no futuro ter uma “empresa sua” (talvez com algum familiar ou amigo) para ele a mesma deveria ser voltada para o trabalho rural, tendo no máximo um escritório ou algo assim na “cidade” (área urbana de São Miguel). Para ele essa “empresa” deveria sim trazer benefícios para ele, mas também para todos que a procurassem. Talvez de todos os jovens que conversamos até o momento (junho de 2018) Caleb seja o que mantém a maior proximidade com o trabalho e a vida no campo, seja por sua situação atual (de viver e trabalhar na área rural, que é vista por ele de maneira bastante positiva) seja por

---

“encontros esporádicos”, nesse começo de 2018 (março) o mesmo perdeu parte significativa dos seus profissionais e tenta se manter por meio de captação de recursos em editais federais e em campanhas de arrecadação junto a população local, além disso a persistência de voluntários tem sido o que dá vida para o projeto ainda.

<sup>148</sup> Sua mãe retomou os estudos, cursa o ensino fundamental na modalidade EJA, na mesma escola que Caleb estudou, o pai tem o fundamental completo e a irmã cursa o ensino médio regular.

<sup>149</sup> Atualmente os pais que são pequenos proprietários tem uma estufa onde plantam legumes, esse trabalho é dividido entre ambos (juntamente com a filha caçula) mas o pai como forma alternativa de renda está trabalhando junto com um irmão na construção civil em uma obra no próprio bairro em que residem. Desse modo a produção nas lavouras da família (em estufas) é comandada pela mãe ajudada pela filha e mais esporadicamente pelo pai e pelo próprio Caleb, posto que ambos têm outros trabalhos.

<sup>150</sup> A produção orgânica nas plantações do primo de Caleb e de alguns vizinhos do mesmo bairro é adquirida por uma empresa rural que revende produtos orgânicos para fora do município.

<sup>151</sup> Em um ambiente de forte exploração do trabalho e pouca fiscalização trabalhista como o vivenciado no município de São Miguel o fato de um empregador fornecer equipamentos de segurança e condições um pouco mais dignas de trabalho costuma ser visto como algo incomum e muito bom.

demonstrar uma profunda vontade de manter-se (mesmo que não exatamente como está) no campo. A “cidade” para Caleb não chega a ser um lugar ruim, mas perto do seu “sítio” ou bairro fica sendo um lugar apenas “para passear e fazer algumas coisas” (como “comer pizza”). A verdade é que a grande maioria das coisas que Caleb gosta de fazer em seu cotidiano podem ser feitas no bairro rural ou em bairros rurais vizinhos<sup>152</sup>, desse modo, esse jovem só recorre a “cidade” quando lhe é de fato necessário.

Nas falas de Caleb nos fica claro também um dos grandes dilemas que parecem afligir os jovens de famílias do campo no tocante ao trabalho agrícola familiar que é o do trabalho junto aos familiares acompanhado por uma rentabilidade menor.<sup>153</sup> Afinal muitos jovens que trabalham com suas famílias no campo não recebem exatamente um salário por parte delas, é claro que podem desfrutar de benefícios diversos e quando precisam comprar algo recorrem aos pais para tal compra, mas o fato do dinheiro “não ser seu” os motiva a buscar fontes de renda alternativas em relação àquela conquistada pelo núcleo familiar, seja no próprio trabalho agrícola, seja por meio da “pluriatividade<sup>154</sup>”. No caso de Caleb a escolha por trabalhar como assalariado nas estufas de seu padrinho e posteriormente com seu primo, tal como as experiências de bicos como jardineiro na área urbana e no conserto de motos e veículos de conhecidos no próprio bairro em que reside podem ser exemplares dessa situação<sup>155</sup>.

## **Glória**

Com 19 anos Glória é uma jovem que veio morar na área urbana de São Miguel junto com os pais e o avô no começo do ano passado (2017), irmã de Aline, já mencionada anteriormente, atualmente essa jovem mora no bairro periférico da Vila Aparecida. Em sua opinião, essa mudança para a “cidade” apesar de não ser ruim gerou um certo desconforto (por conta da maior agitação e “violência” visíveis onde mora atualmente) se comparado com o bairro rural de onde a família veio (Bairro Turvinho). Mas se existe o

---

<sup>152</sup>Dentre elas: andar de moto em trilhas, andar de trator, nadar na cachoeira, pescar, andar a cavalo, tocar música na capela do bairro e até para namorar Caleb não precisa ir longe, posto que sua namorada vive em um bairro rural vizinho ao seu.

<sup>153</sup> Segundo CARNEIRO (1998) esse seria um problema posto que os jovens rurais que trabalham com suas famílias têm uma rentabilidade menor por de certa forma “terem de contribuir com a família mediante o trabalho” o que geraria uma rentabilidade menor do que se ele trabalhasse para outro empregador.

<sup>154</sup> Sobre o tema da Pluriatividade ver CARNEIRO 1998 e CARNEIRO 2014.

<sup>155</sup> Caleb também ajuda na estufa “tocada” pelos pais, mas geralmente no final de semana ou após o expediente em momentos de maior necessidade que demandam mais pessoas (colheita, manutenção da estufa, etc.).

estranhamento em relação a área urbana Glória acredita que a mesma lhe trará maiores facilidades para os estudos e oportunidades melhores de trabalho. Suas experiências de trabalho se resumem ao auxílio nas tarefas domésticas e quando vivia no campo com a família auxiliava nos momentos de maior necessidade (no cuidado do sítio onde eles tabalhavam), no mais ela já buscava trabalho na área urbana de São Miguel desde que ainda estava cursando o terceiro ano do ensino médio, contudo, sem ter tido sucesso.

Glória até o momento (junho de 2018) não havia conseguido arranjar trabalho, mas conseguiu entrar em um curso que se aproxima de suas expectativas profissionais que é o de técnico de enfermagem, fornecido em uma ETEC (escola técnica) no vizinho município de Itapetininga para onde vai todas as manhãs. E ao que tudo indica parece estar bastante satisfeita com seu curso atual.

### **Gabriel**

Jovem oriundo e morador da zona urbana do município Gabriel tem 19 anos. Concluiu o ensino médio no final de 2016, ocasião em que trabalhava com auxiliar em um escritório na condição de jovem aprendiz. Mora no centro da cidade de São Miguel com o pai, mãe um irmão mais velho, uma irmã mais nova e o avô materno. Em uma casa ao lado mora a avó paterna. Sua mãe e seu pai tem formação superior (a mãe Ciências Contábeis- completa, mas sem trabalhar na área e o pai Educação Física- incompleta, sem trabalhar no ramo também).

Sua família tem forte ligação com os esportes em São Miguel, seu avô paterno era jogador e treinador de futebol (talvez um dos mais conhecidos na localidade entre a década de 1960 1990), e o pai apesar de ser comerciante de insumos agrícolas chegou a cursar educação física também. Seu irmão mais velho trabalha como professor de educação física em um projeto da prefeitura e ele próprio (Gabriel) está cursando (no momento da entrevista) o bacharelado em educação física na cidade de Sorocaba como bolsista do PROUNI.

Como foi dito, Gabriel trabalhou por um ano como auxiliar na qualidade de aprendiz em um escritório de contabilidade na cidade de São Miguel, seu contrato, contudo, acabou não sendo renovado (final de 2016). Afirmou que quando trabalhava o fazia por cerca de meio período de segunda a sexta-feira. Até o momento da primeira

entrevista (maio de 2017) ele atuava como voluntário no projeto que seu irmão trabalha (Escolinha de Futsal), além de jogar futsal pela equipe municipal também estava em busca de um novo emprego. Por ocasião da segunda entrevista (abril de 2018) Gabriel estava fazendo um estágio em uma academia na cidade de São Miguel, tendo demonstrado estar muito satisfeito pois fazia uma coisa que gostava (trabalho com esporte) e que estava relacionada com seus estudos. Contudo, no período anterior a entrada nesse trabalho e posterior a primeira entrevista (maio de 2017) ele havia voltado a trabalhar no escritório que já trabalhara anteriormente de onde saiu para fazer o estágio no começo desse ano (janeiro de 2018).

Esse jovem disse que nunca foi obrigado a trabalhar por parte de seus familiares, mas afirmou também que a satisfação demonstrada por eles quando arranhou seu primeiro trabalho foi bastante elevada, e que apesar de não sentir uma desaprovação nos momentos em que estava desempregado (apesar de estudar) sentia que os pais gostariam que ele trabalhasse. Gabriel também disse querer ser preparador técnico de algum time esportivo no futuro e para isso tem feito (além da faculdade) cursos preparatórios na área (técnico em arbitragem, condicionamento físico, etc.). Esse jovem acredita que São Miguel não lhe oferecerá muitas oportunidades no ramo de trabalho que pretende seguir e cogita mudar-se futuramente para Sorocaba ou São Paulo a fim de ter mais oportunidades. Mas apesar da intenção de sair de São Miguel que o mesmo demonstra agora, ele pretende também, em um futuro mais distante, retornar a sua terra natal para viver e desenvolver um projeto social com enfoque nos esportes voltado para crianças carentes.

### **Adilson**

Adilson é um jovem nascido no bairro paulistano de Guaianazes, veio com poucos anos com a mãe para a cidade de São Miguel, lugar de origem da mesma e onde viviam seus familiares<sup>156</sup>. Atualmente (março de 2018) esse jovem está trabalhando e tem dezoito

---

<sup>156</sup> Em maio de 2018 viviam em sua casa (São Miguel): sua mãe, um irmão mais novo (dez anos) e o padrasto, naquele momento apenas ele estava trabalhando, a mãe era aposentada. São moradores da COHAB I, bairro periférico da cidade de São Miguel, onde fica a escola frequentada pelos jovens sujeitos da pesquisa. Adilson também tem tios e primos em São Miguel. Adilson atualmente (maio de 2018) está vivendo em Sorocaba em uma quitinete com um amigo também de São Miguel que trabalha na fábrica da Toyota, ambos dividem o aluguel do imóvel. Adilson demonstrou certo desconforto em falar da família nas duas entrevistas, de modo que preferimos não nos aprofundar nas questões relacionadas a esse tema (**notas do caderno de campo/ julho de 2017 e maio de 2018**).

anos de idade. O mesmo disse que já trabalha desde mais ou menos os dez<sup>157</sup>, sendo que tais experiências laborais tiveram início ajudando um tio materno em uma oficina, época em que seu trabalho era bastante informal, posteriormente arranhou trabalho em uma oficina de aviões (ficou lá cerca de dois anos), onde também viveu situação informal. Passou a trabalhar em um lavador de automóveis no centro da cidade (São Miguel), onde ficou cerca de dois anos<sup>158</sup>. Nessa ocasião não possuía carteira assinada nem direito trabalhista algum, mas seu patrão aceitou contratá-lo apenas por meio período<sup>159</sup> uma vez que ele (Adilson) estava fazendo o curso de administração no período da manhã. Desde o começo desse ano ele arranhou um estágio em uma Junta Comercial em Sorocaba por intermédio de um professor de sua faculdade<sup>160</sup>, e por conta do novo trabalho e de sua faculdade ser próxima a ele se mudou no início desse ano para a cidade de Sorocaba.

Bolsista do PROUNI, Adilson faz seu curso em uma faculdade particular. Na primeira entrevista que fizemos com ele em julho de 2017 ele disse que na verdade gostaria de fazer o curso de Engenharia de Produção, mas como conseguiu a oportunidade da bolsa resolveu cursar administração de empresas mesmo, até por ter alguma proximidade com a área de seu interesse também. Mantem-se no momento da segunda entrevista (maio de 2018) no mesmo curso tendo começado o terceiro semestre de sua graduação ainda bolsista do PROUNI, mas agora uma grande mudança se operou em sua vida, como já foi dito ele está morando em Sorocaba e trabalhando em uma “Junta Comercial” (o mencionado estágio) nessa cidade. Seu trabalho consiste em um estágio remunerado com acesso a vários benefícios previstos a qualquer trabalhador em regime da CLT, disse ter um pouco de dificuldade em exercer o ofício em alguns momentos (trabalha como escriturário) mas sente-se apoiado pelos colegas e encarregados. Atualmente de acordo com o que disse na nova entrevista parece não ter planos de voltar tão cedo para São Miguel posto que considera que teria poucas oportunidades de trabalho na localidade de origem que fossem compatíveis com seus estudos.

---

<sup>157</sup> Dentre os entrevistados em nossa pesquisa esse jovem está entre os que mais cedo foram inseridos no mercado de trabalho.

<sup>158</sup> Na primeira entrevista (julho de 2017) Adilson estava trabalhando no Lavador. Na segunda (maio de 2018) já estava no estágio em Sorocaba.

<sup>159</sup> Na realidade sua carga horária deveria ultrapassar o “meio período” já que ele entra no trabalho em torno de uma da tarde e fica até o estabelecimento fechar, o que não acontece antes das 18:00h, chegando a acontecer de passar deste horário.

## **Jacira**

Com 19 anos, Jacira é uma jovem que cursou o ensino médio no período noturno, tendo terminado o mesmo no final de 2016. Ela é (junho de 2018) moradora de um bairro periférico da cidade de São Miguel (COHAB IV) e faz parte de um núcleo familiar composto atualmente por seu pai, mãe<sup>161</sup> um irmão mais velho e dois irmãos mais novos (um de 17 anos e outra de 11). No momento da primeira entrevista (abril de 2017)<sup>162</sup> dentre os familiares residentes em sua casa apenas o pai trabalhava (pedreiro) enquanto ela contribuía coma renda da casa vendendo produtos de um catálogo. Atualmente (junho de 2018) Jacira também está trabalhando, tal como seu pai. É importante lembrar também que seu pai cursou o ensino fundamental no período noturno na modalidade EJA tendo encerrado o curso ao mesmo tempo em que a filha terminou o ensino médio (final do ano de 2016). No momento seus três irmãos estão estudando também, sendo que o mais velho cursa o ensino fundamental na modalidade EJA, o outro o ensino médio e a caçula começou o fundamental II, todos na escola que Jacira e seu pai estudaram.

Quanto ao trabalho remunerado, suas experiências (três) foram como cuidadora de crianças, geralmente de pessoas conhecidas de sua família. Nessas experiências não possuía carteira assinada nem direito algum (vale transporte, alimentação, férias, 13º salário, etc.). Entre o final de 2016 e abril de 2017 (ocasião da entrevista) estava desempregada e afirmava estar à procura de trabalho, mas dizia sentir bastante dificuldades em concretizar sua busca. Jacira disse ainda por ocasião da entrevista que se interessava bastante por biologia, e apesar de não ter conseguido até aquele momento entrar em uma universidade demonstrou vontade de continuar tentando<sup>163</sup> com uma clara preferência por realizar esse curso.

---

<sup>161</sup> O pai é natural de São Miguel e a mãe natural de Minas Gerais. Sua mãe é dona de casa e em algumas épocas do ano trabalha em lavouras no município (diarista sazonal) já o pai é trabalhador (autônomo) na construção civil e também voluntário em uma Casa Terapêutica para dependentes químicos. Seu pai que também foi entrevistado (abril de 2017) afirmou ser nascido na área urbana mas iniciou-se no “mundo do trabalho” trabalhando em “roças ou lavouras” de parentes e conhecidos na zona rural, posteriormente trabalhou por anos na silvicultura do eucalipto tendo abandonado o segmento a partir da onda de terceirizações aplicadas no final da década de 1990. Sua mãe (que não pode participar da entrevista pois tinha que cuidar dos filhos menores) é oriunda também da área rural.

<sup>162</sup> Jacira está (maio de 2018) trabalhando novamente como cuidadora de crianças, e ainda não voltou a estudar. Não foi possível realizar uma segunda entrevista com esta jovem ainda que ela tenha sinalizado inicialmente com a intenção de ser novamente entrevistada (a alegação dela foi a falta de tempo, posto que além de trabalhar após seu expediente precisava ajudar na casa). As informações mais atualizadas sobre ela e sua família foram transmitidas por um dos irmãos que estuda na mesma escola que ela e os demais jovens estudaram.

<sup>163</sup> Até o momento ainda não conseguiu dar sequência aos estudos, apesar de demonstrar vontade de vir a fazê-lo.

Jacira também demonstrou como os demais entrevistados o sentimento de que o ato de trabalhar tem uma grande importância para o aprendizado das pessoas, e é algo necessário para se conseguir continuar sobrevivendo em nossa sociedade, mas talvez tenha sido a única dentre os jovens que apontou de maneira bastante incisiva que o trabalho muitas vezes se resume apenas a exploração, no sentido de que quem trabalha acaba sendo quase sempre explorado.

### **Eduardo**

Eduardo tem no momento (fevereiro de 2018) 17 anos, é um jovem oriundo da zona rural do município, seu bairro é o “Faxinal dos Almeidas”<sup>164</sup>. Mora na área urbana na casa de seu avô desde a metade do ano de 2017 quando começou a fazer um estágio como aprendiz na agência local da Caixa Econômica Federal. Terminou o ensino médio no final do ano passado ocasião em que teve fim o seu estágio. Estava nesse momento sem procurar emprego pois pretendia fazer faculdade de Economia na FGV do Rio de Janeiro, onde obtivera uma bolsa de estudos e auxílio moradia vinculados a um programa dessa Instituição de inserção de jovens de escolas públicas.

Filho único de pequenos proprietários rurais (a mãe é de uma família mineira e o pai filho de imigrantes japoneses radicados na região oeste do estado e que depois migraram para São Miguel) Eduardo parece ser um jovem rural um tanto quanto incomum posto que disse ter tido ao longo de sua vida no sítio da família uma rotina pouco voltada para o trabalho rural, tendo apenas auxiliado a família em momentos de maior necessidade como colheitas.

Sobre o estágio como aprendiz na agência bancária teve boas impressões, e se não fosse o término do contrato e sua mudança de cidade prevista teria gostado de continuar em seu trabalho. Bastante envolvido nos estudos, esse jovem já teve experiências de iniciação científica e em diversos projetos e concursos sempre relacionados a educação durante o ensino básico, inclusive, segundo o que disse, foi por essa atuação constante que conseguiu ser aprovado para receber a bolsa de estudos e auxílio para estudar na faculdade que pretende cursar a partir de março.

---

<sup>164</sup> Situado cerca de 15 km da sede municipal de São Miguel.

Dentre os jovens oriundos “de fato”<sup>165</sup> do ambiente rural Eduardo é o que demonstrou no momento de sua entrevista o menor interesse por viver e trabalhar no campo, lugar em que seus pais ainda vivem. Eduardo tem tido um profundo interesse por economia (curso que irá fazer) e não tem certeza se voltaria nem mesmo para a cidade de São Miguel após o término do seu curso já que imagina que nela não teria muitas oportunidades de trabalho em sua área. Pretende se dedicar bastante aos estudos no começo e depois de um tempo buscar um estágio relacionado a sua área de estudos para complementar sua renda e aumentar sua experiência.

### **Marcus**

Marcus tem 18 anos e é morador no Centro da cidade de São Miguel. Na ocasião da entrevista (maio de 2017) viviam em sua casa o pai, a mãe, um irmão mais novo e um mais velho juntamente com a esposa deste. Atualmente (junho de 2018) os moradores de sua casa são os mesmos com exceção do irmão e a cunhada que se mudaram.

Suas experiências no campo do trabalho se resumem a “bicos”, geralmente com familiares ou amigos. A mais duradoura foi a venda de trufas (produzidas pelo irmão) na rua, atividade em que trabalhou por cerca de dois meses seguidos no ano anterior, nessa atividade trabalhava meio período de segunda a sexta. Na escola era integrante do grêmio estudantil e parece ter sido muito atuante, inclusive participando de reuniões do conselho escolar<sup>166</sup>.

Seus pais são naturais de São Miguel mesmo, sendo o pai representante comercial que trabalha viajando por cidades da região e a mãe professora de educação básica (PEB I) na rede municipal, ambos possuem formação superior completa, já seu irmão mais velho na ocasião da entrevista (maio de 2017) estava desempregado<sup>167</sup>, enquanto o mais novo de 13 anos estudava e ainda não trabalhava.

Dono de uma boa retórica, Marcus forneceu uma das mais longas entrevistas (quase 50 minutos) na qual falou muito sobre sua visão de educação, seus sonhos (que vão desde ser professor, passando por participar de projetos sociais até fazer intercâmbio

---

<sup>165</sup> No sentido de ser alguém que vive ou viveu até pouco tempo atrás no campo.

<sup>166</sup> Estudou o ensino médio no período matutino.

<sup>167</sup> O irmão de Marcus atualmente arranhou trabalho e está morando em Sorocaba (junho de 2018). Mas não conseguimos obter maiores informações sobre ele.

em outro país). Afirmou (maio de 2017) estar participando (a pouco tempo) das discussões e mobilizações do já mencionado Projeto Social “Cidade Escola” que atua na assistência educacional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Seu envolvimento com as questões da educação ainda permanece (julho de 2018) posto que o mesmo começou a cursar a licenciatura em letras e está trabalhando em uma oficina pedagógica da secretaria de educação municipal de São Miguel. Em conversa recente (junho de 2018) ele disse também pretender dar aulas em uma escola estadual, o que parece reforçar ainda mais seu interesse já mencionado.

### **Claudia**

Claudia é uma jovem de 19 anos que já trabalha desde os 16, no momento da entrevista (junho de 2017) ela exercia o ofício de “caixa” em uma loja de confecções no centro da cidade de São Miguel<sup>168</sup>. Sua expressão é de responsabilidade e seriedade ainda que não perca a simpatia. Claudia trabalhava tendo carteira assinada e os benefícios básicos (13ºsalário, férias, etc.) mas não recebia vale transporte nem auxílio alimentação. Seu trabalho era de oito horas por dia de segunda sábado (como é o costume na maior parte dos pontos comerciais de São Miguel). Ela também já trabalhou por alguns meses em uma sorveteria (seu primeiro trabalho) serviço que conseguiu pelo estabelecimento ser de uma conhecida de sua família.

Em sua casa (Vila Aparecida) moravam ela, a mãe e uma irmã mais nova (15 anos). Sua mãe e sua irmã não trabalham no momento da entrevista (junho de 2017)<sup>169</sup>. Seu pai é pedreiro. Enquanto sua mãe é de família de São Miguel o pai é natural de um bairro rural do município de Itapeva- SP.

Muito religiosa, Claudia é católica, frequenta grupos de oração além de ser ministra eucarística, função que parece lhe dar um certo orgulho. Apesar de trabalhar no comércio ela demonstra interesse pelo direito (pretende prestar concurso de oficial de justiça e buscar formação na área). Além dessa possível carreira demonstra interesse por ser professora também, tendo intencionado a pouco tempo atrás (época da entrevista, junho de 2017) cursar pedagogia em uma instituição particular com polo EAD na cidade

---

<sup>168</sup> Claudia ainda está no mesmo serviço (julho de 2018).

<sup>169</sup> A mãe era aposentada por problemas de saúde, mas anteriormente trabalhava na construção civil com o esposo.

em que vive (São Miguel), mas acabou mudando de ideia. Claudia disse também que se necessário fosse poderia se mudar de São Miguel caso tivesse uma boa oportunidade profissional.

Não conseguimos realizar uma nova entrevista com essa jovem, mas apenas uma breve conversa que nos possibilitou algumas informações (junho de 2018). Claudia continua a trabalhar na mesma loja e função que já exercia quando nos forneceu a entrevista, mas ela também nos informou com empolgação que está fazendo curso técnico de auxiliar de serviço jurídico em uma ETEC em Itapetininga, algo que está bem mais próximo do horizonte profissional futuro (na área do direito) que essa jovem almeja, cujo interesse já havia sido manifestado um ano antes na ocasião da entrevista.

### **Nazaré**<sup>170</sup>

Nazaré é uma jovem de 22 anos que vive com seus familiares em São Miguel, no bairro urbano da Vila Aparecida, tendo a mesma morado por duas ocasiões em outros municípios<sup>171</sup>, sempre por períodos que não chegaram a um ano (morou em Pilar do Sul e Anhembi). Reside atualmente apenas com o pai e a mãe<sup>172</sup> em um bairro periférico da cidade de São Miguel, a Vila Aparecida. Seu pai trabalha na construção civil<sup>173</sup> e sua mãe na ocasião da entrevista era dona de casa.

Trabalhou por cerca de um ano e meio como caixa em um supermercado na área urbana, tendo largado o emprego em uma das vezes em que se mudou (para o município de Anhembi- SP). Disse que o emprego era cansativo, mas muito bom, e lamentou-se por tê-lo deixado, uma vez que sua mudança não foi duradoura<sup>174</sup>. Ao voltar, segundo ela, não havia ainda arranjado emprego e dizia estar à procura de um, de preferência no comércio (alguma loja de roupas). Nazaré disse, primeiramente, por ocasião da entrevista que não estava trabalhando, mas mais adiante afirmou que trabalhava aos finais de semana em uma padaria da família do seu namorado aos finais de semana. Essa jovem afirmou também gostar bastante de moda, e pretendia na ocasião da entrevista arranjar

---

<sup>170</sup> A entrevista feita com Nazaré ocorreu em 30 de junho de 2017. Posteriormente a isso só conseguimos atualizar algumas informações em uma conversa rápida.

<sup>171</sup> Uma primeira vez com a família (Pilar do Sul-SP) na segunda sozinha (Anhembi-SP).

<sup>172</sup> Tem uma irmã mais velha casada que já não vive com a família.

<sup>173</sup> Prestava serviço para uma rede de supermercados locais, por sinal a mesma em que Nazaré trabalhou.

<sup>174</sup> Parece ter evitado aprofundar o assunto, para não ser inconveniente resolvemos não insistir (Nota do caderno de campo Junho-julho de 2017).

um trabalho nessa área (talvez em uma loja). Em junho de 2018 ainda residia com os pais e trabalhava nos finais de semana na mesma padaria.

### **Jaqueline**

Com 19 anos a jovem Jaqueline é Moradora no “Portal Califórnia”, bairro periférico da cidade de São Miguel, ela pertence a um grupo familiar relativamente grande, composto no momento da entrevista (junho de 2017) por sete pessoas: seu pai, sua madrasta e mais quatro irmãos mais novos (Jaqueline têm outros três mais velhos que já se casaram e saíram da casa dos pais). Nessa ocasião apenas o pai trabalhava como pedreiro autônomo. Nascida em São Miguel mesmo, essa jovem disse que seu pai é natural de Avaré e a mãe também é de São Miguel.

Nossa entrevistada trabalhou por cerca de um ano como estagiária em uma agência da Caixa Econômica Federal na condição de aprendiz, disse ter sido uma experiência bastante interessante apesar de não ter tido renovação ao término do contato, coisa que a mesma desejava que ocorresse<sup>175</sup>.

Sobre os estudos na escola disse ter sido também uma ótima experiência, mas sem muitas coisas a declarar<sup>176</sup>. Disse na entrevista ter vontade fazer um curso de administração de empresas e trabalhar nessa área. Em uma breve conversa mais recente (fevereiro de 2018), ela disse ainda estar entregando currículos pela cidade de São Miguel na esperança de encontrar um trabalho, mas nessa ocasião estava estudando novamente, fazendo curso técnico em Secretariado em uma ETEC (escola técnica) no município de Itapetininga, demonstrou também estar bastante animada com o curso que fazia.

### **Juliana**

---

<sup>175</sup> Aparentemente essa a não renovação de contrato de estágio é regra dessa Instituição bancária, posto que temos outro caso similar de jovem que não foi recontrato e tivemos a oportunidade de conhecer outros jovens (não participantes da pesquisa) que também passaram por experiência similar. Desse modo, ao concluir o ensino médio a Caixa Econômica Federal costuma ocorrer o término do contrato dos estagiários e é aberto um novo processo para jovens que ainda cursam o ensino médio.

<sup>176</sup> A entrevista com Jaqueline foi realizada na escola por escolha dela mesma. Quando abordada a respeito da participação da entrevista ela se prontificou de imediato, mas durante a entrevista ela ficou bem retraída (creio que por conta da timidez) o que acabou fazendo com que sua fala tenha sido uma das mais curtas (dezoito minutos). Mesmo sendo muito gentil e atenta suas falas acabaram sendo lacônicas. (Informações do Caderno de Campo- junho de 2017).

Juliana tem 20 anos e é nascida em Ribeirão Branco- SP<sup>177</sup>. Lá Juliana disse ter vivido na zona rural com seus familiares, e por falta de oportunidades de trabalho sua mãe resolveu se mudar para São Miguel, nessa ocasião deveria ter cerca de 10 anos de idade. Até o final de 2017 a mesma era moradora no bairro urbano periférico do Portal Califórnia, onde residia com sua mãe e uma irmã mais nova. No momento da entrevista em junho de 2017, apenas sua mãe trabalhava (em uma Fazenda de cultivo de Laranjas na área rural de São Miguel). Juliana, contudo, trabalhou por mais de dois anos como cuidadora de crianças, serviço que disse gostar muito de executar, apesar de não ter tido nele registro nem direito trabalhista algum. Na ocasião de sua entrevista afirmou que havia perdido o trabalho no final do ano de 2016 pelo fato de que a criança que ela cuidava ter atingido uma idade que não requeria mais o cuidado que se tivera com a mesma antes já que começaria a frequentar à escola.

Sobre a vida escolar essa jovem disse que tem sentido bastante falta dos colegas (terminou o ensino médio noturno no ano de 2016). No momento da entrevista ela não estava estudando, mas disse pretender estudar (algo relacionado a crianças) e trabalhar com crianças. Afirmou pensar em trabalhar na educação infantil (monitora ou auxiliar de creche), ou algum serviço próximo a isso<sup>178</sup>. Atualmente (junho de 2018) está morando em Sorocaba trabalhando em uma loja nessa cidade<sup>179</sup>, mas ainda não voltou a estudar. Na casa de sua família vivem atualmente (junho de 2018) sua mãe (ainda trabalha na mesma fazenda) e a irmã (estudante do ensino médio e não trabalha) ambas permanecem morando no mesmo bairro na cidade de São Miguel.

## **Helen**

Aos 18 anos Helen, mora no centro da cidade de São Miguel junto com sua mãe. E de todo o conjunto de jovens entrevistado ela era uma das poucas que não havia exercido atividade remunerada<sup>180</sup>. No momento de sua entrevista ela cursava a faculdade

---

<sup>177</sup> Também possuidor de fortes características rurais, esse município é conhecido como “capital do tomate”, por conta de ter uma das maiores áreas de cultivo desse produto em todo estado de São Paulo. Situado a cerca de 130 Km de São Miguel fica próximo à divisa com o estado do Paraná.

<sup>178</sup> Em novembro de 2017 Juliana já estava residindo em Sorocaba- SP.

<sup>179</sup> Não foi possível falar diretamente com Juliana, as informações atualizadas sobre ela e sua família foram passadas pela sua irmã mais nova que ainda reside em São Miguel.

<sup>180</sup> Segundo a mesma (abril de 2017) nunca teve um emprego nem chegou a procurar por um. Vale observar que sua família possui um poder aquisitivo relativamente elevado se comparado as dos demais entrevistados.

de enfermagem em uma instituição privada em Sorocaba<sup>181</sup>. Nessa ocasião ela dizia ter uma grande vontade de ajudar as pessoas e afirmava que a escolha da carreira estava relacionada com isso (nesse caso, visava ajudar na saúde das pessoas). Extrovertida, Helen gosta muito de artes cênicas também e diz que apreciaria trabalhar na TV, essa seria uma segunda escolha profissional no seu entendimento, e, portanto, não era totalmente deixada de lado em seus planos.

Sua mãe é professora e diretora na rede estadual (aposentada em 2017) e o pai era militar também aposentado (por problema de saúde). Ambos os pais são de famílias consideradas “tradicionais” em São Miguel, e mediante critérios econômicos seriam vistos como parte de uma “classe média local”<sup>182</sup>.

Helen disse também ter cursado por um ano (durante o período que fazia o ensino médio cursado todo no período matutino) um curso técnico de auxiliar jurídico, mas não o concluiu, uma vez que sentiu que não apreciava verdadeiramente a carreira relacionada a ele. Após sua experiência no ensino superior durante o ano passado (com trancamento da matrícula no meio do ano-segundo semestre de 2017) Helen retomou os estudos para a mesma Instituição de ensino no município de Sorocaba, mas agora faz o curso de turismo (março de 2018). Até a última notícia que tivemos dela (junho de 2018) estava estudando, mas não trabalhando.

---

Finalizando esse capítulo, podemos concluir que as trajetórias desses jovens se inserem de forma, ainda que diversificada (e com peculiaridades locais), em um mais amplo contexto de dificuldades para a inserção, permanência e trânsitos no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo é evidente que esses jovens têm buscado cada vez mais estudar, e investir em sua formação, isto é, a maioria deles estudou e pretende continuar

---

<sup>181</sup> A partir do início do segundo semestre de 2017 Helen acabou trancando a faculdade de enfermagem para ajudar no tratamento médico de seu pai que estava doente, posteriormente seu pai veio a falecer na segunda metade do ano de 2017. Diante dessa situação optamos por não realizar nova entrevista com a jovem, tendo tido apenas a oportunidade de conversar brevemente sobre a sua situação perguntando algumas coisas sobre seus estudos e planos (março de 2018).

<sup>182</sup> Essas informações sobre renda familiar não são oriundas diretamente da entrevista, mas do conhecimento que se tem de sua família e profissão de seus pais. (Nota do caderno de campo- maio de 2017).

estudando. Alguns tiveram maior sucesso em seus planos de curto prazo, outros ainda não. O fato é que esses jovens estão em movimento, (uns mais, outros menos), estão em fluxo, interagem de forma recorrente com o local em que moram, mas também podem estar dispostos a mudar-se caso seja necessário, sonham alcançar (outros) “bons” trabalhos, ainda que alguns não desgostem dos que possuem atualmente.

É um fato que esse grupo de jovens como um todo é um grupo com características específicas<sup>183</sup>, afinal todos conseguiram concluir o ensino médio (como já foi dito em um país como o Brasil mesmo com as várias melhorias da última década e meia isso ainda está longe de ser uma característica generalizada), parte deles se inseriu no ensino técnico (ETECs) e no superior (UFSCar, Instituições particulares via Prouni ou com Bolsas de custeio e com o auxílio da família) e mesmo entre os que não estão cursando o ensino médio houve, de forma geral, a demonstração (em suas falas durante a entrevista) de que eles gostariam de dar continuidade aos estudos, mesmo que alguns deles estivessem ainda sem muita clareza a respeito de um possível curso a ser realizado. Isso demonstra que o grupo participante da pesquisa é de jovens que tem expectativas de continuidade e ampliação de sua escolarização.

Outra característica importante é a presença do trabalho na vida desses sujeitos. Esse é um grupo de jovens composto majoritariamente por “trabalhadores”, uma vez que quase todos já desempenharam funções por eles mesmos definidas como trabalho e talvez com exceção de uma única jovem (na ocasião das entrevistas) todos os demais já haviam trabalhado ou ao menos procurado emprego. Suas famílias, muito provavelmente (mesmo que algumas delas apresentassem dificuldades econômicas) conseguiram, por outro lado, postergar a entrada deles no mercado de trabalho e em alguns casos o faziam intencionalmente com a finalidade que eles pudessem se dedicar mais amplamente aos estudos. E mesmo no caso dos que necessitavam trabalhar também foi apresentada a ideia de que os estudos deveriam ser encarados como prioridade (especialmente nas referências ao ensino médio).

---

<sup>183</sup> É preciso lembrar que o grupo foi escolhido com tais características, de certa maneira, de forma proposital com base nos questionários. Isto é, os jovens foram abordados já em um momento próximo ao término do ensino médio sendo contatados algum tempo depois. A escolha pelo ensino médio (e mais especificamente no momento de conclusão do mesmo) como já foi dito na Introdução dessa dissertação se deveu a uma se tratar de um momento especial da vida desses jovens, onde eles estão em uma de configuração e reconfiguração de seus projetos como aponta WELLER, 2014.

Enfim, esse é o grupo de jovens que participou dessa pesquisa, e nos propomos na sequência (próximo capítulo) a analisar suas trajetórias e fluxos jovens a partir de suas experiências de escolarização e trabalho, além de buscar identificar os sentidos atribuídos a elas.

### **3- Capítulo III- JOVENS EM FLUXO: EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DA ESCOLA E DO TRABALHO DE JOVENS EM MOVIMENTO.**

Nesse capítulo pretendemos fazer um balanço/ análise das experiências e sentidos atribuídos à escola/ escolarização e o trabalho, em conjunto com os movimentos/ fluxos desses jovens entre campo, cidade e as relações que se estabelecem entre eles e os processos de escolarização e inserção no mundo do trabalho. Para isso foi feita uma divisão de tópicos referentes aos assuntos discutidos.

#### **3.1 A priorização dos estudos: possibilidades e limites**

A valorização dos estudos tem uma presença significativa na fala dos jovens e das jovens aqui entrevistados. Muito provavelmente essa constatação está atrelada a um novo contexto (já observado no Capítulo I de ampliação da escolarização) em que vivemos o fenômeno (visível em termos mais globais na sociedade brasileira) de uma mais tardia inserção no mercado de trabalho por parte dos jovens (se comparada a de seus pais), bem como a possibilidade de uma entrada no mesmo por caminhos menos precários e que ao menos no plano ideal dariam condições razoavelmente plenas para os estudos (como no caso dos jovens aprendizes). Tais aspectos devem ser levados em conta no que toca a uma nova forma de interpretar a relação dos jovens (e suas famílias) com a escolarização e o trabalho.

Esses jovens são oriundos tanto dos bairros da área urbana quanto dos “sítios” (bairros rurais). Suas condições econômicas são diversas havendo alguns que pertencem a famílias com poder aquisitivo mais elevado se comparado ao grosso da população são-miguelense (alguns são proprietários de terras remediadas, ou tem seus próprios negócios comerciais, ou são funcionários bem remunerados no setor público ou privado), mas na maioria são de famílias agricultoras não proprietárias (ou quando proprietárias o são de pequenas glebas e possuidores de poucos recursos), são “caseiros”<sup>184</sup>, pedreiros, diaristas, aposentados, entre outros. Dentre essas famílias de renda mais baixa se verificam casos também de jovens cujos membros do grupo familiar passaram a apostar em sua formação

---

<sup>184</sup> Já mencionados anteriormente, são trabalhadores em propriedades que não são suas que desempenham funções diversas que vão desde a manutenção da casa e demais espaços do sítio ou chácara até o trabalho com a lavoura ou cuidado de animais.

escolar com uma forte crença na possibilidade que esta ampliasse as chances de mudança de vida desses próprios jovens e mesmo do grupo como um todo a partir deles.

Um caso emblemático do primeiro segmento (com poder aquisitivo mais elevado) é o da jovem Helen, cujos familiares seriam possuidores de maior renda considerando as profissões dos mesmos (o pai militar e a mãe diretora de escola, ambos já aposentados) se comparados a maioria das famílias dos outros jovens entrevistados. Essa jovem afirmou nunca ter precisado trabalhar e que sua família dava preferência para que ela priorizasse os estudos, de modo que ao ser perguntada se já havia trabalhado ou buscado trabalhar em algum momento de sua vida nos disse:

Não, quando há uns dois anos atrás mais ou menos eu cheguei e falei pros meus pais, -‘não eu vou começar a trabalhar quero alguma coisa pra fazer’. Aí eles falaram que era melhor eu me dedicar aos estudos do que trabalhar e continua assim até hoje, nunca procurei, nunca fiz um currículo, fui atrás assim... Por enquanto não. (Helen 17 anos, maio de 2017).

No caso dessa jovem, deve se levar em conta também a “importância” dada aos estudos por sua família ao fato de sua mãe ter sido professora e diretora na rede estadual, além de ter tios e outros familiares vinculados a educação. Aparentemente mesmo com o falecimento do pai a mesma continuou os estudos (início de 2018) após um breve período fora das atividades acadêmicas (iniciou o curso de turismo após trancar o de enfermagem).

A priorização dos estudos pode também não estar totalmente descolada da valorização do trabalho, como nos conta o jovem Eduardo (de uma família de pequenos agricultores proprietários de terra), ao perguntarmos sobre a percepção de seus familiares a respeito do tema (o que seus pais pensavam dele trabalhar):

Eu acredito que eles valorizam muito o trabalho, porém eles acreditam que as vezes não seja o momento certo pra estar começando, eles sabem, eles gostaram da experiência como estágio, mas não sei se eles gostariam, por exemplo, que eu entrasse em um trabalho de período integral, por que eles acreditam que nesse momento, e eu também penso isso, o melhor seja estudar, focar mais na graduação e tudo o mais. (Eduardo, 18 anos, fevereiro de 2018).

A trajetória profissional (estagiário na Caixa Econômica Federal) desse jovem pelo que pudemos perceber estaria fortemente vinculada a formação educacional formal.

Ele próprio entendeu o seu momento de trabalho em grande medida como parte de um “aprendizado” que contribuiria também para a ampliação de habilidades, que o auxiliarão posteriormente a conseguir uma vaga no mercado de trabalho:

[...] eles (os pais) gostaram muito que eu estivesse entrando lá (estágio), por que eles acreditavam que eu ia precisar de alguma experiência, hoje em dia conta muito a gente ter alguma coisa e o mercado exige dos jovens uma coisa que eles não têm, então foi muito importante, eles me incentivaram bastante pra tar entrando, eles me deram todo o suporte, apoio pra tar fazendo lá, realizando as tarefas. (Eduardo, fevereiro de 2018).

Essa priorização dos estudos também aparece nas falas de Marcus e Gabriel, ainda que o segundo tenha tido ao longo ensino médio maiores experiências com o trabalho, sua trajetória mostra um investimento familiar na forma de incentivo (inclusive pelo exemplo dos pais que chegaram a cursar o ensino superior) aos estudos. Já Marcus, além de também ter tido pais com formação escolar superior relata uma certa pressão para continuar estudando após o término do ensino médio, mesmo sem ter muita certeza do que deveria cursar<sup>185</sup>.

Os estudos são comumente vistos também como um meio ou caminho para a ampliação das oportunidades de trabalho, o que traz novamente o “estudar” e a “escola” como auxiliares no trabalho, que acabaria adquirindo centralidade nessas perspectivas (que enxergam os estudos como meios para se ter um bom trabalho), mas há também os jovens que vêm o estudar como algo positivo por si só, ou como algo “gostoso” como nos diz Aline:

Eu fui uma criança que sempre gostou de escola, eu era aquela criança que estava com dor de garganta e chorava por que queria ir pra escola, então assim, eu gostava muito, até uma professora perguntou “ah, o que você gosta de fazer?” - “eu gosto de estudar”, daí ela apareceu com um presente né, que ela perguntou pra cada um “o que você gosta de fazer?”, ai um respondeu “eu gosto de brincar de boneca”, ai ganhou uma boneca, outro: “eu gostou de jogar bola”, ganhou uma bola. E eu falava “eu gosto de estudar”, aí ela apareceu com uma mochila cheia de material escolar, isso na segunda série. Então, eu sempre gostei muito do ambiente escolar e sempre quis continuar no ambiente escolar. Tanto é que eu fui

---

<sup>185</sup> Essa era a sua situação no momento da entrevista, como já dissemos no Capítulo II atualmente (julho de 2018) Marcus está trabalhando na secretaria da educação e cursando letras, seu direcionamento profissional para a área da educação (a mesma em que sua mãe trabalha) parece ser nítido.

procurar uma profissão que me permitisse continuar no ambiente escolar. (Aline, 20 anos ,1ª Entrevista, novembro de 2017).

Essa jovem atualmente cursa o ensino superior (licenciatura em biologia) e está trabalhando como professora eventual na escola que estudou o ensino médio. O sentido de estudar para ela nos parece que também foi ampliado em relação a primeira entrevista posto que essa ação agora está mais intimamente relacionada a seu trabalho atual que é dar aulas:

Ah, é uma coisa de extrema importância, ainda mais sabendo que hoje em dia eu preciso dar aula né, então o estudo pra mim, hoje em dia, além de ser muito gostoso, por que eu gosto de estudar e conhecer coisas novas e ter contato com coisas novas, também é parte como obrigação, então é preciso estar com as coisas bem explicadas pra mim pra poder trabalhar com isso. (Aline 21 anos 2ª entrevista-março 2018).

Outro elemento do depoimento de Aline que é bastante interessante é a sua visão a respeito da importância da Universidade onde realiza a sua graduação<sup>186</sup>, segundo ela:

A universidade foi um abrir de mente né, por que lá é uma rotina totalmente diferente não tem ninguém aí com você cobrando: - olha, você não fez tal coisa. “Olha você não fez tal atividade, lembra que amanhã você tem que entregar, por que você tem um trabalho, não sei o que...” Então, isso que a gente tem na escola na faculdade a gente não tem e é um abrir de mente, por que você tá... Você se responsabilizando pelo que você buscou né. Então é a maneira mais nua e crua de você viver a sua responsabilidade. (2ª Entrevista março de 2018).

A situação de investimento familiar na formação acadêmica dos filhos pode ser observada também no caso da jovem Glória (irmã de Aline). Essa jovem afirmou na entrevista (novembro de 2017) que não havia trabalhado e pelo que percebemos até o momento (junho de 2018) ela ainda não tinha conseguido arranjar um emprego mesmo tendo procurado bastante por ele. Da entrevista até agora (julho de 2018) há em sua trajetória um elemento novo, que é o fato de ela ter começado a cursar o técnico em enfermagem em uma cidade vizinha (Itapetininga) no período matutino, bastante empolgada com os estudos, essa nova situação que ela vivencia pode, contudo, acabar diminuindo bastante as chances de arranjar trabalho em São Miguel (por conta dos

---

<sup>186</sup> UFSCar. Campus Sorocaba.

horários das aulas), mas ao que parece a família compreende que concluir o curso técnico deve ser o maior foco a ser buscado por Glória<sup>187</sup>, mesmo que demore mais para ela arranjar trabalho, essa situação parece ter sido a mesma que essa jovem já enfrentou ao longo do ensino médio no sentido de ter apoio familiar para concluir os estudos como demonstra a sua fala:

Sempre tive apoio, sempre tive apoio. Eles sempre participaram de toda as coisas da minha escola, eles sempre tavam juntos. Sempre apoiando, sempre pegando no meu pé pra estudar mais. Eles não tiveram estudo, os meus pais não tiveram estudo completo. Então pra eles verem os filhos se formando era uma grande alegria. Então eles sempre colocavam a cima de tudo o estudo pra nós. Podia deixar todo o resto de lado, mas o estudo tinha que ter. (Glória, 18 anos, novembro de 2017).

Na realidade para as famílias<sup>188</sup> de jovens como Glória o concluir o ensino médio e dar sequência as atividades escolares vem a ser uma grande conquista e possui uma potência enorme em termos da elevação da autoestima do grupo familiar. Nesse caso, os motivos de orgulho da família são acrescidos pelo fato de terem uma outra filha que já cursa a universidade (Aline), o que mostra que para muitas famílias de baixa renda (nesse caso, agricultores que não possuem terras) a possibilidade de priorizar os estudos (e uma consequente concretização destes) dos filhos pode significar, de fato, a mudança das trajetórias do grupo familiar, ou no mínimo sinalizar algo nesse sentido. Além disso, a importância de “estudar os filhos” aqui observada pode também encontrar correspondência com o que observou Nadir Zago em pesquisa sobre jovens universitários de origem rural em Santa Catarina onde os problemas de sucessão em pequenas propriedades rurais poderiam ser supridos com o investimento educacional dos filhos que sendo obrigados a migrar para a cidade (por conta da escassez das terras familiares) poderiam melhor se inserir no mercado de trabalho (ZAGO, 2016).

Observamos também outros casos de jovens que tiveram problemas durante a trajetória no ensino médio, mesmo que os familiares (segundo suas falas) tenham incentivado os mesmos a priorizarem os estudos, como podemos ver no relato da jovem

---

<sup>187</sup> As informações sobre Glória foram fornecidas por sua irmã Aline posto que não foi possível realizar uma nova entrevista com a mesma (possivelmente por indisponibilidade de horário).

<sup>188</sup> Os pais não puderam estudar por conta de uma série de dificuldades (distância da escola e tiveram que trabalhar desde muito novos). Informações obtidas em conversa com a mãe de Glória (Notas do caderno de campo, novembro de 2017).

Nazaré, seus problemas (perda de dois anos letivos) no percurso de conclusão do ensino médio não necessariamente estariam relacionados a inserção no mercado de trabalho (segundo nos disse), mas sim com a dinâmica do grupo familiar que em um determinado momento mudou-se para uma cidade vizinha como percebemos no trecho a baixo:

[**Entrevistador**] E como que foi na escola, você fez direto teve que parar um tempo?

[**Nazaré**] Eu parei um tempo por que eu fui embora pra Pilar do Sul e daí eu não queria estudar na escola, que falavam que era muito ruim assim, aí eu dei um tempo, daí quando eu voltei pra São Miguel eu comecei a trabalhar, daí eu trabalhei um ano e meio mais ou menos, daí dava pra mim ter voltado com dezenove ou vinte, mas aí eu esperei mais um tempinho e daí voltei a estudar.  
(Nazaré, 21 anos, junho de 2017)

Mas se ela nos disse ter abandonado a escola por conta própria (a despeito da vontade dos pais) percebemos em sua fala que essa experiência de abandono temporário da escola foi provavelmente ampliada a partir do momento em que a mesma arranhou um trabalho (em um supermercado) ao voltar pra São Miguel. Ela nos afirmou que não voltou a estudar por vontade própria e que o trabalho não chegava a impedir seus estudos, mas quando avaliamos o seu discurso de forma mais ampla percebemos que os horários de trabalho e as possíveis ausências (motivadas por trabalhos/ atividades escolares) poderiam trazer grandes problemas para que ela continuasse trabalhando. Por fim, Nazaré acabou só retornando à escola após ter saído do seu trabalho.

O caso de Nazaré não é isolado, grande parte dos jovens que estudam e trabalham se queixam muito das dificuldades, e mesmo que digam que “não tiveram tantos problemas”, é comum ouvir também que eles têm pouquíssimo tempo para realizar outras atividades (como hobbies, distrações, atividades religiosas, culturais, etc.). Essas dificuldades podem ser de certo modo superadas em alguns casos com estratégias, como a que nos narra Claudia que trabalhava em uma loja durante o período que cursou o ensino médio, e não significa que elas não afetem os estudantes:

No começo [quando começou a trabalhar] foi muito cansativo, eu ia trabalhar parecendo um zumbi, assim, no primeiro mês você vai trabalhar parece que não é você. Mas daí você começa a saber conciliar os dois. Trabalho, eu sempre fazia ou na hora do almoço ou era num dia que eu tava... Por que eu tenho duas folgas no mês, e isso não é descontando em mim nem nada, e isso é direito no caso das

menina que trabalham comigo. Daí a gente tem duas folgas no mês então eu vou fazer em folga, -“ah no tal dia tem trabalho, então nesse dia eu quero folgar”- quando eu tinha que fazer o trabalho, ou eu fazia na hora do almoço pra... Eu pesquisava a noite, deixava tudo prontinho já, por que eu já ia dormir tarde né, saía da escola 11 e meia, a eu chegava da escola nesse horário, perdão. Ai eu sempre deixava tudo prontinho já e no outro dia eu passava tudo a mão por que tinha que ser manuscrito né, ou passava a limpo também. É cansativo, você tem que ter um pouco de vontade pra você fazer, por que senão você não faz, e o cansaço toma conta da gente. (Claudia, 18 anos, junho de 2017).

Junior, também mencionou as dificuldades para estudar ao mesmo tempo em que trabalha. Para esse jovem, inclusive, o fato de ainda não ter procurado cursar uma faculdade ou curso técnico estaria associado aos horários de seu trabalho que dificultariam bastante para realizar as atividades acadêmicas, especialmente considerando-se que deveria pegar uma condução para ir para alguma cidade vizinha (Itapetininga ou Sorocaba) gerando uma incompatibilidade com o horário de encerramento de seu expediente.<sup>189</sup>

Mas talvez as dificuldades nos estudos estejam também ligadas a uma ausência de perspectiva ou de sentido apontados naquilo que propõe a educação formal na visão desses jovens também, como é melhor explicado mais adiante no tópico referente a esse tema. Para os “jovens rurbanos” que ainda mantenham de alguma forma (via socialização familiar), o sentido atribuído a educação escolar enquanto associado a um modo de vida “mais urbano” (MARTINS,1982). Desse modo a escola e o estudar podem assumir perante alguns jovens e suas famílias um sentido pragmático que em certos momentos terá funcionalidade, mas em outros não. Afinal, para esses jovens seria importante estudar para quê? Qual seria de fato a alteração do estudar em suas vidas? E nesse estudar o que mais especificamente ajudará obter os conhecimentos fornecidos pela escola aos jovens e suas famílias?

Vimos que os jovens foram bastante elogiosos em relação à importância da escola e da escolarização em suas vidas. Mas é importante compreender também que a escola pode ser punitiva e que os modelos educacionais que são adotados podem gerar por vezes situações de frustração. Muitos casos de evasão inclusive podem ser compreendidos a

---

<sup>189</sup> Esse apontamento de Junior já foi feito em relação ao período em que cursava o ensino médio e trabalhava na área urbana de São Miguel, posto que chegava muitas vezes atrasado nas aulas.

partir dessa função prática atribuída (ou não atribuída) por muitos jovens a mesma como nos mostra José de Souza Martins (1982) e que poderia explicar inclusive muitos casos de não adaptação e conseqüente reprova ou evasão por parte dos estudantes<sup>190</sup>. Além, é claro, do controle exercido pela Instituição sobre esses sujeitos que podem gerar inúmeros conflitos em relação a sociabilidade as quais estão acostumados. No mais há entre muitos jovens mediante a ausência de perspectivas um discurso corrente em São Miguel de que “não adianta muito estudar por que se vai acabar trabalhando na roça ou no comércio do mesmo jeito”<sup>191</sup>.

Para além de todas essas questões aqui abordadas o ato de estudar em São Miguel está fortemente vinculado à questão da mobilidade desses jovens. Como vimos anteriormente, os jovens que viviam na área rural e pretendiam cursar o ensino superior ou técnico (inexistentes na cidade de São Miguel) não conseguiam ou tinham muita dificuldade de fazê-lo. Outros, já no ensino médio, optaram por se mudar para a área urbana quando arranjam emprego nela, uma vez que seria muito difícil manter-se estudando e trabalhando na área urbana e retornar para a área rural diariamente. Por fim, cursar o ensino superior (que geralmente é feito em Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, cidades do Paraná ou Minas e até Rio de Janeiro) também implica para esses jovens, muitas vezes, abandonar o lar. Seja (sendo moradores da área rural) indo morar no núcleo urbano se forem estudar em localidades mais próximas (como Itapetininga e Sorocaba) ou mudando-se para outra cidade caso estudem em localidades mais distantes (como as que foram anteriormente mencionadas).

### **3.2 “Quando o trabalho também é essencial”: as trajetórias de inserção e permanência no mundo do trabalho.**

Provavelmente as primeiras noções de trabalho, desenvolvidas ainda na infância, devem ser oriundas das interações do sujeito com seu grupo familiar. Desde perguntas sobre “o que você quer ser quando crescer” até a atribuição de tarefas domésticas podem

---

<sup>190</sup> É importante dizer que esse tema será melhor trabalhado no tópico “Os sentidos da escolarização e do trabalho”

<sup>191</sup> Esse tipo de fala não apareceu nas entrevistas, pelo menos não de forma tão explícita. Temos conhecimento dele por viver no ambiente da pesquisa e com pessoas que se relacionam aos sujeitos da pesquisa e que reproduzem tal discurso. Esse é um dos motivos para o fortalecimento de um discurso similar também de “que quem quer estudar tem que sair de São Miguel”, que também é recorrente no município em questão.

já promover os primeiros contatos da criança com o que seria trabalho juntamente das expectativas que ela e seus familiares constroem sobre esse tema.

Na realidade por nós estudada ficou evidente que a ideia de trabalho (não remunerado) já aparece na infância, mas estaria mais relacionada mesmo a realização de pequenas tarefas domésticas e de caráter menos disciplinado (em se pensando em rigidez de horário ou modo de se fazer)<sup>192</sup>. Contudo, uma noção de trabalho (remunerado, disciplinado e com rotina) já aparece nas falas dos jovens até mesmo por volta dos 10 ou 12 anos. Convém destacar que esses “trabalhos” estão, no geral, amplamente associados também aos grupos familiares de pertencimento desses jovens. Tais situações costuma ser mais verificáveis nos perfis rurais (onde o fenômeno é amplamente apontado pela literatura) onde os jovens começam muito cedo a trabalhar de maneira rotineira e disciplinada junto com os familiares nas lavouras e criação de animais<sup>193</sup>. Mas se no campo o trabalho começaria (em média) um pouco mais cedo para os jovens em comparação com os da área urbana, por outro lado, esses últimos (da área urbana) mais facilmente recebem um pagamento pelos seus serviços, enquanto os das áreas rurais podem demorar mais para passar a obter uma remuneração pelo seu trabalho, podendo não chegar a ter um rendimento próprio até o momento de ter sua própria lavoura (que no caso virá de seu próprio investimento), ou o obtendo caso se tornem assalariados, mas saindo, no geral, da órbita de trabalho do grupo doméstico.

Essa dinâmica do trabalho rural familiar deve ser compreendida também pelo fato da sazonalidade característica da maior parte dos plantios agrícolas que proporciona o surgimento dos rendimentos para o grupo geralmente por ocasião da safra. Percebemos nesses casos especialmente como exemplo o de Junior, Aline e Caleb. Os dois primeiros eram jovens da zona rural que emigraram para a urbana durante o período em que cursavam o ensino médio. No caso de Junior, suas experiências de trabalho até a época em que morou no sítio da família foram sempre na agricultura, e sempre com os familiares, sua vida em termos profissionais se transforma juntamente com a mudança para o núcleo urbano. Já o caso de Aline é diferente, posto que mesmo morando com a família na zona rural ela já trabalhava na “cidade” (de São Miguel) a alguns anos,

---

<sup>192</sup> Essa noção está muito associada a ideia de “ajuda”, “ajudar os pais”, “ajudar os familiares”, etc.

<sup>193</sup> É claro que o trabalhar com a família pode adquirir muitos significados, a inserção no meio rural mesmo geralmente se dá precocemente, mas por uma ótica do “ajudar” os pais, contribuir com o grupo, o que pode tanto significar uma situação de exploração as vezes elevada, mas no geral dá margem para várias negociações por parte dos jovens que conseguem deixar as atividades temporariamente (para estudar ou realizar trabalhos com uma facilidade maior).

deixando o trabalho rural (ajudando os familiares)<sup>194</sup> em segundo plano. Quanto a Caleb o único jovem a ser entrevistado em nossa pesquisa que ainda residia em tempo integral na Zona rural suas experiências de trabalho foram junto com o núcleo doméstico desde muito cedo (antes dos 12 anos) chegando por volta dos 14 (querendo ganhar um salário, coisa que não havia com os pais) passou a trabalhar nas estufas de um padrinho, até que aos 16 anos foi trabalhar com o primo (com quem está até agora) e aguarda inclusive a possibilidade de ser registrado ou se tornar uma espécie de sócio em breve. Além disso Caleb e sua família são nítidos exemplos da ocorrência da pluriatividade no campo, no caso desse jovem seu trabalho principal é em estufas de produção de legumes, mas o mesmo já fez bicos como “jardineiro” na casa de uma professora na área urbana e sempre faz pequenos consertos em motos dos seus vizinhos e amigos (no próprio sítio da família). Seu pai (além de agricultor) é também pedreiro, sendo que por ocasião das entrevistas (fevereiro e maio de 2018) o mesmo estava trabalhando em uma “obra” (construção) com um irmão dele no mesmo bairro em que moram. Às vezes Caleb também ajuda o pai como servente de pedreiro. Observando tais dados, pode-se dizer, portanto, que as formas de trabalhar desses sujeitos remetem facilmente ao que já foi apontado pela bibliografia que consultamos (CARNEIRO, 1998, CARNEIRO, 1999 e GRAZIANO DA SILVA, 1998), onde os moradores do rural contemporâneo necessitam cada vez mais recorrer a pluriatividade para que os grupos consigam se manter no campo, afinal, sem a renda complementar fornecida pelos vários trabalhos as famílias nem sempre conseguem manter seus sítios ou chácaras.

Entre os jovens da sede municipal (área urbana), notamos a inserção no trabalho mais tardiamente (geralmente entre 14 e 16 anos), mas este também costuma estar amplamente relacionado aos grupos familiares e as redes sociais próximos de suas famílias. Como exemplo temos um dos jovens que primeiramente se inseriu no trabalho (Adilson) tendo começado a trabalhar com um tio materno com apenas 10 anos de idade. O jovem Marcus<sup>195</sup> e a jovem Helen<sup>196</sup> narram também suas breves experiências de trabalho junto a seus familiares. Já a jovem Claudia começou a trabalhar aos 15 anos em uma sorveteria de amigos de sua família (vizinhos), sendo que seu irmão trabalhava (com

---

<sup>194</sup> A jovem Glória (irmã de Aline) afirmou ter ajudado mais nos afazeres domésticos quando vivia na área rural. Já o jovem Eduardo, também oriundo da área rural afirmou ajudar nos afazeres domésticos e plantações da família muito raramente, em sua fala, a valorização da experiência de trabalho “urbano” como estagiário no banco parece ter bem mais representatividade enquanto ato de ter trabalhado.

<sup>195</sup> Disse ter vendido trufas caseiras para a ajudar seu irmão.

<sup>196</sup> Disse ter ajudado uma prima dentista a anotar consultas no consultório dela.

a mesma idade) de servente de pedreiro com seu pai. O jovem Gabriel começou aos 16 na qualidade de jovem aprendiz a trabalhar em um escritório de “amigos de sua família”, lugar em que permaneceu mesmo depois da finalização desse contrato. Já as jovens Jacira e Juliana também começaram suas experiências de trabalho (com quatorze ou quinze anos) cuidando de crianças da vizinhança de suas casas. Nazaré<sup>197</sup> e Jaqueline começaram a trabalhar aos 16 e 17 anos.

Esse parece ser um fenômeno amplo no município (inserção via redes sociais de parentesco e afinidade) e é preciso ser pensado à luz tanto dos critérios de necessidade materiais quanto por conta da cultura do trabalho existente em meio aos grupos familiares e assim trazemos aqui as reflexões Maria Inês Ferreira (2002) com base nos estudos de Vera Telles a respeito das redes familiares articuladas no mundo do trabalho, FERREIRA, 2002, demonstra que o modo de inserção nesse ambiente é pautado por valores culturais também:

O modo como os chefes de família, as mães, as filhas e os filhos jovens, as crianças e os idosos ingressam no mercado obedece a determinações impostas pelos valores morais do grupo (provavelmente o grupo não imporá ao idoso a mesma expectativa de vigor para conquistar uma posição e rendimentos atribuídos ao chefe, assim como às crianças). A autora ainda explica que os integrantes do grupo não se lançam individualmente ao mercado, mas como parte de um coletivo, estruturado por regras. (p. 8).

Portanto a presença das redes familiares ou de “parentela”<sup>198</sup> na inserção no mercado de trabalho não pode ser negligenciada, e ela está, geralmente, atrelada as necessidades que o grupo possui de se sustentar economicamente e geralmente costuma se dar de maneira “assistida” pela família, isto é, mesmo que não se trabalhe junto de um parente, a ideia prevalente é que o indivíduo será acompanhado pelo familiar (fenômeno observado tanto nos ambientes rurais quanto no urbano). Muitas vezes a própria consulta

---

<sup>197</sup> Parece que Nazaré conseguiu seu trabalho no supermercado por influência do pai que prestava serviços para o mesmo como pedreiro. Posteriormente essa jovem trabalhava também com a família de seu namorado (padaria).

<sup>198</sup> Entendida como uma expressão de sociabilidade que vai além da família nuclear o conceito de parentela foi utilizado por Maria Isaura Pereira de Queiroz nos anos 1950-1960 para se referir a uma realidade rural presente principalmente no interior paulista. Com base nas ideias de Queiroz a socióloga Vera Vasconcellos definiu esse conceito como “A parentela se configura como um conjunto de indivíduos que estabelecem entre si laços de parentesco carnal, espiritual (compadrio) ou de aliança matrimonial. É uma rede de laços sociais pessoais e afetivos que pode ter uma configuração mais igualitária – quando é formada em zonas de sítiantes por bairros rurais – ou mais estratificada – como acontece em zonas de monoculturas.” (VASCONCELLOS, 2013, p.227).

(a respeito da procura por trabalho) aos familiares pode estar relacionada a essa “interferência” da família no processo de inserção e permanência no trabalho, aqui é exemplar a fala de Caleb a respeito disso que relatou a conversa com o pai sobre sua pretensão de mudar de emprego:

[**Caleb**] Eu cheguei e falei assim: “ah, o primo quer que eu trabalhe por mês”.  
[**Pai**] “ah, mas tem que ver, se o salário vai ser bom, se vai compensar, tem que ver os horários que você vai trabalhar e tal”. [**Caleb**] Daí eu falei “ah não, vai ser tipo eu chego as sete, se eu chegar atrasado eu faço um pouquinho o horário a mais a tarde, se eu quiser trabalhar na hora, ou se eu não quiser trabalhar na hora do sono não precisa, pode ir mais a tarde. Aí ele falou assim [**Pai**] “ah, então tá bom né, cê tando ajudando em casa e não prejudicando ele e prestando a atenção no que você tá fazendo pode ir, trabalhar né. (**Caleb**, 17 anos, 1ª entrevista, fevereiro de 2018).

Pela fala desse jovem podemos perceber que os familiares se preocupam com os filhos (como será a inserção e permanência no trabalho) e até mesmo também com a qualidade do serviço que os filhos prestam para as outras pessoas. Existe, entre eles também a percepção de que mesmo trabalhando fora os filhos devem contribuir com o grupo, nesse caso o “estar ajudando em casa” pode se relacionar a ideia de que o jovem deve ajudar seja com as tarefas domésticas, dando auxílio financeiro, ou nesse caso (de Caleb) com o trabalho familiar também, uma vez que a família desse jovem tem sua própria lavoura.

Mas se nenhum dos jovens chegou a afirmar que o trabalho fez com que os mesmos abandonassem os estudos convém observarmos que a necessidade de trabalhar aparece nas experiências de alguns jovens narradas nas entrevistas. Sendo assim a busca do trabalho pode ter se dado por uma necessidade de ter o seu próprio dinheiro, ou a busca por trazer uma boa impressão de si para os familiares e pessoas do mesmo círculo social<sup>199</sup>.

Outra situação sobre inserção no mercado de trabalho que destacamos é a do jovem Adilson que começou a trabalhar em uma oficina junto com um tio materno aos 10 anos de idade. Segundo o mesmo ele teria tido incentivo por parte da família (da mãe)

---

<sup>199</sup>É bastante plausível que alguns dos jovens sofram uma espécie de “pressão pelo exemplo familiar”, ou seja, pelo trabalho ser muito valorizado pelo grupo os membros mais jovens devem seguir os mesmos passos dos mais velhos, tivemos essa impressão principalmente do jovem Gabriel (notas do caderno de campo, abril e maio de 2017).

para que arranjasse um trabalho, desse modo ele afirmou ao ser questionado sobre quem o ajudou a arranjar o seu primeiro trabalho que:

Minha mãe mesmo, ela que conversou com o meu tio que trabalhava numa oficina aí ela falou -‘ah, se quiser trabalhar com o seu tio pode ficar à vontade, não tô obrigando você a fazer isso nem nada, mas é por sua escolha se você quiser, não pra você ter um emprego mas pra você começar a fazer alguma coisa, ocupar sua cabeça e tal’- que naquela época eu também era novo e não pensava em fazer algum curso e como era mecânica era coisa que eu gostava de fazer eu acabei topando. Daí eu fui. (Adilson, 18 anos, Entrevista julho de 2017).

Para a mãe de Adilson era interessante que o filho se mantivesse “ocupado”, que ele “ocupasse sua cabeça”, aqui fica clara a ideia de que se deveria evitar ao máximo que o jovem ficasse ocioso. É possível, ainda que isso não tenha sido expresso no discurso, que o trabalho de Adilson fosse também necessário em termos financeiros, senão para o conjunto da família ao menos para que ele pudesse ter um dinheiro seu que talvez não lhe fosse fornecido na medida que ele desejava por sua mãe. O fato é que esse jovem buscou demonstrar que sua mãe não o obrigou a trabalhar, mas sim, o incentivou nesse sentido. Adilson é um dos jovens cujo perfil está entre os que tem experiências de trabalho mais antigas e duradouras, tendo começado a trabalhar ainda com dez anos, pelo que nos disse praticamente não ficou mais do que algumas semanas sem trabalho quando saiu de algum deles, sendo que já está no quinto emprego as vésperas de completar dezenove anos (maio de 2018). Contudo, talvez a exceção de seu último trabalho (estágio em uma junta comercial), os demais mesclavam uma grande precariedade e informalidade.

Outro jovem que se iniciou no trabalho junto com a família é o jovem Junior, nesse caso, sua condição de morador de um “sítio” na área rural contribui para que ele acabasse seguindo a tendência de inserção mais prematura típica do trabalho rural. Junior não dá a entender que foi obrigado a trabalhar pelos seus familiares, relata, inclusive, que suas experiências iniciais ainda com cerca de 10 anos teriam sido bem “suaves”, no sentido de que não realizava trabalho pesado, mas já estava sempre ajudando os pais:

**[Entrevistador]:** Desde que idade você começou a trabalhar no “sítio” Junior? E como foram essas experiências?

**[Junior]:** Eu... Desde os dez anos mais ou menos... Desde criança eu já trabalhava no sítio já né. No começo eram pequenas coisas, ajudando na casa, ou em alguma coisa que precisava. Quando eu fui ficando mais velho, daí eu já comecei a ajudar

na produção mesmo, na colheita, nas coisas mesmo do sítio que a gente mexia lá, e daí depois que eu... eu fiquei até os 17 anos lá né. Então eu fiquei um bom tempo ajudando no sítio lá, tanto na colheita quanto na remoção, na plantação dos produtos, e depois eu vim pra cidade e comecei à trabalhar na ótica. (Junior, 1ª Entrevista- 2018).

A inserção no mundo do trabalho foi no caso de Junior ocorrendo de forma paulatina, isto é, cedo, mas gradual (e por vários anos dentro do grupo familiar). As tarefas no começo eram mais suaves, aumentando a complexidade e o desgaste físico conforme ele foi crescendo. Sua rotina durante o ensino fundamental foi estudar de manhã e trabalhar a partir do início da tarde e com a entrada no ensino médio passou a estudar a noite e trabalhar durante todo o dia.

Na fase final em que cursava o ensino médio (final do segundo semestre do 2º Colegial) Junior arranhou um trabalho no núcleo urbano em uma ótica tendo em seguida mudado para esse a fim de facilitar o término do ensino médio e o acesso ao local do novo trabalho, posteriormente sua mudança facilitou a vinda de sua mãe e irmã de modo permanente, sendo que ambas moram com ele em uma casa alugada. A impressão que nos fica no caso de Junior, especialmente com a vinda de sua mãe e irmã para junto dele é que ele assumiu uma nova responsabilidade também. Para esse jovem o trabalho, com certeza, não deve proporcionar apenas um rendimento utilizado exclusivamente por ele, até mesmo pelo fato dele (junto com sua mãe e irmã) terem de pagar aluguel da casa em que moram.

Outra jovem que demonstrou de forma efetiva a importância do trabalho em sua vida foi Jacira, para essa jovem havia uma necessidade em contribuir com a renda do núcleo familiar, posto que o mesmo enfrentava problemas econômicos, como se pode perceber diante do que afirmou quando perguntada sobre a reação dos familiares por ocasião do início da mesma em seu primeiro trabalho como cuidadora de crianças:

Olha, a minha família me apoiou né, como a gente tava numa etapa difícil, o meu pai sem emprego, meus irmãos também, então eles me apoiaram pra... Nem que seja um pouco que eu ganhasse, mas que ajudasse na renda familiar. (Jacira, 18 anos abril de 2017).

Essa mesma jovem narrou com certa frustração a impossibilidade de ter trabalhado em um estágio na Agência da Caixa Econômica Federal local quando estava cursando o 1º

Colegial, por conta das dificuldades relacionadas a necessidade que ela tinha (na ocasião que lhe foi ofertado o estágio) de cuidar da casa e de uma irmã mais nova em um momento que a mãe começou a trabalhar (fora de casa) “na roça”:

[**Jacira**]: Eu já tive a oportunidade de trabalhar no banco, eu não sei se o senhor já perguntou isso, mas eu tive que negar a oportunidade, por que a minha mãe trabalhava na roça e eu tinha que ajudar em casa e tinha que cuidar da minha irmã de menor.

[**Entrevistador**]: Você ia fazer estágio no caso?

[**Jacira**]: Isso. Então eu ia ganhar um salário que agora... Não sei se está 900 e alguma coisa, então eu ia ganhar o salário e eu ia ganhar mais alguns cursos, mais algumas coisas na sociedade mesmo. Então eu tive que largar, pra cuidar da minha irmã e da minha casa. (Jacira, 18 anos, abril de 2017).

Como dissemos, Jacira sentia por ocasião da entrevista a necessidade de contribuir com a renda familiar como ficou evidente nas falas anteriores, e possivelmente poderia sofrer algum tipo de pressão para efetuar essa contribuição (do grupo familiar ou dela mesma). Adiante, nessa mesma entrevista esse sentimento reapareceu ao ser perguntada sobre os planos a respeito de seu futuro profissional e na reação dos familiares no tocante ao tema afirmou que essa percepção:

Humm... É Boa, mas a partir do momento que as coisas ficam mais apertada na renda isso vai incomodando mais, por que você sofre, vamos dizer, uma pressão a mais, entre aspas, em ter que ajudar a família e ao mesmo tempo não consegue por que o país está muito em crise e é muito difícil. (Entrevista 2017).

Como já discutimos em outros momentos desse texto<sup>200</sup>, as transformações operadas no Brasil no campo social e econômico, especialmente a partir do começo do século XXI sofreram alguns revezes principalmente depois de 2014 com a chamada “crise”. E a percepção dos jovens de São Miguel sobre o tema, sem dúvidas, é significativa, posto que apesar do assunto não ter feito parte do conjunto de questões do nosso roteiro de entrevista vez ou outra os jovens mencionavam especialmente os problemas oriundos da crise no âmbito profissional como ficou claro nas falas mencionadas de Jacira<sup>201</sup>. Em um contexto de dificuldade econômica do grupo (quando

---

<sup>200</sup> Capítulo I.

<sup>201</sup> Voltaremos a percepção de trabalho dessa jovem adiante.

um “adulto” perde o emprego) outros personagens afastados a algum tempo (ou sem experiência) tendem a ser inseridos no mercado de trabalho. É óbvio que tal inserção quase sempre se opera na lógica da informalidade e precariedade. Essa jovem vivenciou a mãe ser reinserida (precaricamente) no trabalho na “roça”<sup>202</sup> quando o pai que é pedreiro autônomo “ficou sem serviço”<sup>203</sup>. O que lhe dificultou o acesso a um trabalho (estágio) que julgava ser bom posto que tinha que cuidar naquele momento da irmã mais nova. Os demais irmãos de sua faixa etária (16 e 20 anos) também se achavam por ocasião da entrevista sem trabalho, e a saída para o dilema parece ter sido Jacira trabalhar cuidando de uma criança moradora na vizinhança de sua casa (o que a mesma fazia conciliando o cuidado com a casa e a irmã caçula), além disso essa jovem também vendia produtos de um catálogo de cosméticos visando também ampliar a renda.

Assim, entendemos que a interferência/ presença familiar na inserção/ manutenção dos jovens no trabalho tem interesses e finalidades diversas, mas com a expectativa de que ele ou ela passem por um processo de aprendizado (que lhes dará experiência), de desenvolvimento da “responsabilidade” e “disciplina” (“mantendo os jovens com a “mente ocupada”) e que contribua de alguma maneira com o grupo (seja ajudando financeiramente a família, seja diminuindo os gastos dela para com o próprio jovem).

### **3.3 Jovens olhares sobre o trabalho e estudos: “*Em busca de apanhar os sentidos*”.**

De maneira geral, os jovens demonstram entender que o trabalho é antes de qualquer coisa, uma forma de sobreviver, sendo, portanto, quase improvável não depender dele (ao menos nas projeções futuras). O trabalho na visão do jovem Junior, por exemplo, é percebido de forma múltipla, uma vez que o mesmo entende que este é uma

---

<sup>202</sup> Em alguma plantação, possivelmente pertencente a outra pessoa.

<sup>203</sup> Essa situação narrada se deu antes da entrevista, por ocasião da mesma o pai já havia conseguido arranjar trabalho, mas no fundo, o trabalho na construção civil de forma autônoma (e informal) por parte de pedreiro se dá muito mais pela “empreita” (de forma ainda muito similar ao meio rural) do que pelo assalariamento, ou seja, trabalha-se em um obra com um valor determinado e combinado antes do início do serviço, o pagamento pode ser dividido de várias formas, mas raramente virá na forma de um salário mensal fixo. Dessa maneira a intermitência do trabalho pode trazer períodos de escassez para as famílias que dependem desse tipo de trabalho. Não temos dados estatísticos sobre o tema para o município, mas em conversas com os trabalhadores da construção civil (tanto no núcleo urbano ou rural) é raríssimo algum deles (sendo autônomo ou “empregado”) afirmar que é recolhido um valor para previdência social, tão pouco que utilizam regularmente a maior parte dos equipamentos de segurança.

“maneira de viver”, mas que também pode ser prejudicial a vida do indivíduo e que seria necessário buscar um bem-estar no trabalho:

[...] O trabalho é uma... De certa forma é uma maneira de viver[...] O trabalho além de ser uma coisa que você goste, tem que ser algo bom pra você, que traga boas coisas né. O trabalho, de certa forma, se você... Por exemplo, se você trabalha num local onde você não se dá bem com o pessoal, você se estressa muito você não tem uma vida boa, é... Uma vida saudável, ele acaba não sendo um trabalho, ele acaba sendo uma obrigação. O trabalho ele não pode ser uma obrigação né. Ele é uma necessidade, porque de certa forma a gente precisa do dinheiro na sociedade capitalista [tom de riso] a gente precisa do dinheiro pra estar sobrevivendo, por isso a gente necessita do trabalho. Mas de toda forma a gente sempre tem que estar buscando no trabalho uma felicidade também, pois a gente passa um bom tempo da nossa vida no trabalho, por exemplo, eu passo oito horas da minha vida todo dia no trabalho. Então por isso que tem que ser algo prazeroso, uma necessidade que não gere danos ali no seu futuro e nem no seu presente também. (Junior, 18 anos 1ª entrevista no março de 2017).

É interessante perceber que o mesmo jovem entende que o ideal do trabalho é que ele não seja uma “obrigação”, ainda que o mesmo seja entendido como uma necessidade. Há por parte deste rapaz uma percepção que o mundo “capitalista” que vivemos envolve as pessoas dentro de um conjunto social onde precisamos alcançar uma fonte de renda para sobreviver. Mas também ao demonstrar que o trabalho deve ser também “prazeroso” talvez Junior indique a necessidade de o trabalho ser algo a mais do que simplesmente ganhar dinheiro. Ele (o trabalho) é uma necessidade para a sua sobrevivência, mas também deve em alguma medida proporcionar prazer e não gerar “danos” nem “no futuro e nem no presente” para que as pessoas se realizem também por meio dele.

Trazendo um ponto de vista um pouco diferente a jovem Jacira demonstra uma visão, mais crítica em relação ao trabalho, enxergando-o como uma nítida forma de exploração:

[...] Tem muita exploração. Nem que seja de um banco, lotérica, ou até mesmo o trabalho manual que é o rural sempre a gente vai ser escravizado de alguma forma, ou vai receber menos, vai merecer menos... A carga horária, e até a aposentadoria...Sempre vai ser uma escravidão... (Jacira, 18 anos, entrevista abril de 2017).

Essa mesma jovem tem uma percepção crítica também em relação ao momento vivido pelo país no mundo do trabalho, fazendo críticas ao risco da aprovação de reformas como a da previdência social, além disso para Jacira, as pessoas jovens que vivem a mesma situação que ela tem de ter muita força de vontade para “ser alguém na vida”:

[...] Quem vai me ouvir agora, que está passando pelo mesmo momento que eu, tem que ter muita força de vontade pra ser alguém na vida, porque hoje em dia está muito difícil se você não correr atrás, você para no tempo... (Jacira, 18 anos, entrevista op. cit.).

Outra percepção crítica a respeito do trabalho é a apresentada pela jovem Aline, para quem o trabalho talvez não seja necessariamente exploração, mas seu sentido irá variar de acordo com uma série de fatores e da maneira como nos relacionamos e o vivemos, trata-se de uma forma de sobrevivência, mas que deve ser apreciado pelo trabalhado:

Trabalho, olha, eu acho que é um... Não deixo de achar que é um meio de sobrevivência, o trabalho que a gente conhece. É um meio de sobrevivência, só que eu prezo muito o trabalho que você se enquadre e goste. Que nem a gente vê a exploração como trabalho, e pra mim isso não é trabalho, isso é exploração. Então trabalho, para mim, é o meio de sobrevivência fazendo o que se identifica mesmo (Aline, 20 anos, 1ª Entrevista, novembro de 2017).

Para essa jovem quando ocorre a exploração o trabalho deixa de ter sentido positivo, na verdade deixaria de ser “trabalho” passando a ser exclusivamente exploração, ainda sobre trabalhar, a mesma disse:

[**Aline**] Eu acho que é bem motivador, o ato de trabalhar. E perigoso também por essa questão do capitalismo. Eu tenho muito medo do meu trabalho chegar a se enquadrar em capitalismo né, uma coisa de consumo, de sempre produção, que não chega a ser por que a gente tem uma linha totalmente diferente no projeto. [**Entrevistador**]: Você diz no sentido de o seu trabalho se inserir numa lógica empresarial, é isso?

[**Aline**]: É eu sempre... Eu nunca quis trabalhar nisso, até o técnico em farmácia, eu nunca quis trabalhar em farmácia por conta disso, a indústria farmacêutica, a venda de medicamentos, não é loja. Eu já presenciei isso, a pessoa vai lá com uma lista de medicamentos e vê o preço e diz “ah hoje eu não quero”, como se fosse roupa, você experimenta uma roupa e fala que não quer. Então eu nunca quis trabalhar nesse tipo de coisa, que sempre tem que produzir, sempre tem que

produzir. Então pra mim, não sei se eu não estou fugindo, eu acho que entra na questão de... (Aline, 20 anos, 1ª entrevista, novembro de 2017).

O cansaço e o stress também estão presentes nas falas dos jovens que trabalham, mesmo que eles afirmem gostar do seu trabalho e procurem extrair algo positivo dessas experiências, aqui novamente temos a fala de Junior:

Eu gosto muito do meu trabalho, as vezes a gente acha que é corrido mas acaba sendo normal, os dias corridos... Comércio acaba tendo muito disso né?! Um dia tem muito cliente, as vezes tá mais parado, as vezes tem alguma coisa pra resolver ali, algum problema, sempre vai surgir. Mas assim, no meu pensamento todos os problemas vêm pro nosso próprio crescimento né?! Por que você aprendendo a resolver ali, você vai tá crescendo. É um... Você vai tá resolvendo pro cliente e de certa forma você vai tá se auto- avaliando, você vai tá crescendo né?! Então eu... No meu serviço assim, quando eu morava no sítio, acho que eu já falei na outra entrevista também, cansava o físico, aqui eu canso muito o psicológico. É... Muitas vezes acaba sendo bem estressante assim, cansativo, as vezes chega o final do dia eu só quero descansar, é a única coisa que a gente quer. Por que as vezes acaba sendo muito cansativo mesmo. (Junior, 19 anos, 2ª Entrevista, 2018).

O trabalho para Junior talvez não seja ruim, afinal, ele considera que faz parte do “aprendizado”, mas o mesmo causa com frequência o cansaço e o stress e utiliza uma interessante comparação entre o trabalho no “sítio” (agricultura familiar) que para o mesmo cansaria muito mais na parte física enquanto no seu trabalho atual (estabelecimento comercial/ ótica) que cansa demasiadamente o seu “psicológico”.

As críticas à disciplina e exigências no trabalho, são identificadas também no que toca a interferência do trabalho nos períodos de lazer/ descanso. Especialmente entre aqueles que estudam (ensino superior) e trabalham isso é bastante verificável (Adilson, Gabriel e Aline). Isso também já havia sido apontado pelos jovens que trabalhavam e estudavam no ensino médio durante as primeiras entrevistas. Há também quem veja com certa dificuldade a tentativa de buscar a continuidade dos estudos sem ter problemas com o trabalho, especialmente por conta dos horários, como nos fala Junior. Em sua segunda entrevista esse jovem reafirmou a dificuldade também de conciliar o trabalho com os estudos:

Então, eu fiz o ENEM tudo certo, porém é... Eu acabei deixando muito de lado... Eu acabei é... Não fazendo inscrição pra nenhum curso nenhum projeto do

governo nada, então acabei deixando de lado a minha nota, tanto que foi até melhor que a desse ano, podia ter pegado alguma coisa e já estar cursando uma faculdade, por desleixo mesmo acabei deixando de lado, a gente prioriza muito o serviço e acaba num pensando na gente mesmo a vezes né...[...]É, eu pensei, no ano passado (2017) como estava bem mais corrido a loja assim, foi uma época em que tinha acabado de sair um funcionário então assim... Naturalmente eu tava saindo sete horas, sete e meia. Então na minha cabeça não ia dar pra eu fazer faculdade, só que eu não pensei no futuro, eu só pensei só ali no agora e me limitei muito, daí que eu acabei não pensando; nossa pode ser que mais pra frente eles contratem alguém e provavelmente ia dar pra eu sair mais cedo e fazer uma faculdade. (Junior, 19 anos, 2ª Entrevista, fevereiro de 2018).

“Ser alguém na vida” é um objetivo dentre os mais recorrentes em muitos dos discursos dos jovens, fato observado por Zenaide Alves e Juarez Dayrell (2015)<sup>204</sup> ao pesquisarem jovens de um município rural de Minas Gerais, e é interessante que esse discurso (ao menos em parte significativa dos casos) aparece atrelado ao trabalho, mas talvez esse trabalho não seja qualquer um, mas uma mistura entre um trabalho que proporcione as pessoas um misto de conforto econômico e prazer pelo que faz.

O Caso já mencionado do jovem Gabriel é interessante, posto que o crescimento profissional para o mesmo parece estar atrelado a uma mudança para um núcleo urbano com mais oportunidades, e ao considerar um possível retorno futuro esse deveria se dar quando ele conseguisse uma melhor situação econômica profissional, “Mas eu voltaria se eu tivesse bem... Se nessa idade eu tivesse ‘feito a minha vida’ ou como dizem o meu ‘pé de meia’, aí voltar pra cá” (Gabriel, 18 anos 2ª entrevista 2018).

O “Fazer a vida”, está intimamente relacionado ao sucesso profissional nesse caso. E também deve ser atrelado a um ganho financeiro que é o “pé de meia”, que lhe possibilitaria inclusive alcançar um dos sonhos desse jovem (já manifestado na primeira entrevista) que é o de desenvolver um projeto de esportes (“escolinha”) junto a crianças de baixa renda. “Fazer a vida”, “fazer o pé de meia”, “ser alguém na vida”, se inserem na

---

<sup>204</sup>“A demanda por reconhecimento aparece em diversas ocasiões na fala desses jovens. O que eles pedem, afinal, quando reclamam que querem ser reconhecidos na sociedade? Para eles, ser alguém na vida significa ser reconhecido, ter o respeito da sociedade, ser enxergado e conhecido. Ser ouvido e respeitado. Ser valorizado. Enfim, sair da condição de invisibilidade, deixar de ser um “João Ninguém”, como nos falou certa vez um jovem morador da comunidade do Vinháticos. Para isso, eles têm claro que a inserção no sistema produtivo, por meio de uma atividade laboral que lhes garanta as condições necessárias de assumir-se como um membro autônomo da sociedade, é muito importante, mas é só o começo. ” (ALVES & DAYRELL, 2015).

lógica da realização de um projeto que pode envolver também a relação de reconhecimento social. Para esses jovens o caminho principal para se conseguir alcançar os objetivos passa pela ideia de esforço relacionado ao trabalho, mas também aos estudos, como aponta a jovem Jaqueline a respeito da percepção que seus familiares teriam sobre ela estudar:

Ah, eles me apoiam, falam pra mim continuar estudando por que o estudo é o fundamental né, pra eu poder ter algo melhor no futuro. (Jaqueline, 18 anos entrevista em junho de 2017).

De um modo semelhante ao que já falou ela reforça adiante na mesma entrevista tal pensamento acrescentando que “a crise” também exige das pessoas mais qualificação acadêmica como forma de “ter algo pra frente”:

É muito importante, eles sempre falam, ‘ai você tem que estudar pra poder ter algo pra frente’. Por que sem estudo a gente não consegue nada né. Hoje em dia, ainda mais com a crise né?! (Jaqueline, 18 anos, entrevista junho de 2017).

Já para a jovem Jacira a importância de estudar reside na “ampliação de horizontes”, no sentido de uma percepção mais ampla e complexa do mundo em que vivemos, esse sentimento seria ainda mais aprofundando com a inserção no mercado de trabalho:

Olha, a partir do momento que eu gerei conhecimento, com a evolução de idade e de pensamento eu vi que é muito importante, que hoje em dia é necessário. Quando eu era criança, menor, eu não sabia o quanto era importante isso. Mas a partir do momento que você começa a trabalhar e é necessário você trabalhar, você abre a sua mente né, a sua... O seu objetivo e sua opinião e vê que é muito além do que você imagina. (Jacira, 18 anos entrevista abril de 2017).

Estudar também pode ser interpretado como um caminho para poder auxiliar os demais membros do grupo familiar, especialmente se esses tiveram acesso limitado à educação formal. Dessa maneira destacamos o caso do jovem Caleb, que definiu o ato de estudar como:

Ah, estudar, ajudar... Pra mim ajudou a arrumar um serviço bom, a escola ajuda a gente a ensinar as vezes a pessoa... Outra pessoa também né? Explicar alguma coisa pra outra pessoa coisa e tal. É... Também, pode... A escola também ajudou é... Como que diz... Ela ensina a gente a transformar a pessoa que pode tá

ajudando outra pessoa ao mesmo tempo mais a gente passa um pouco a inteligência que a gente tem pra outra pessoa né?! Então pra tá ajudando o próximo também né?!. (Caleb, 17 anos, 1ª entrevista março de 2018).

Caleb é um jovem morador de um bairro rural do município (“Turvinho”), já o mencionamos anteriormente especialmente por se tratar de um jovem avesso a perspectiva de migração do campo. É exemplar o destaque que esse jovem dá ao “estudar” como forma de ajudar os que estão a volta. E acaba sendo interessante que para esse jovem o trabalho também tenha o sentido parecido:

Ah, é... Bom no trabalho a gente aprende bastante coisa nova né, é... aprende a mexer com, é... Com maquina as vezes, você beneficia outra pessoa né, você ganha mas ao mesmo tempo que você ganha você não perde né, mas você tá beneficiando outras pessoas né, ai igual você mexer com planta essas coisas assim, é como se você movesse... Como que se diz... É como se você trabalhasse pra sustentar é... Outras pessoas. Tipo assim, você, o senhor é professor, daí você beneficia seus alunos dando a matéria, então aí no nosso caso lá é o alimento. Aí tipo, sem o alimento ninguém sobrevive né? Então se não é o pessoal do sítio trabalhar a turma da cidade ninguém come né? (Caleb, 1ª Entrevista, 2018).

Para Caleb o trabalho tem a ver com o beneficiar de alguma forma as outras pessoas, nessa lógica o seu ato de trabalhar que envolve a produção de alimentos é entendido como um mecanismo que auxilia a vida das pessoas<sup>205</sup>. Por outro lado, esse jovem também tem consciência de que as necessidades financeiras apareceriam com força caso ele estivesse apenas trabalhando com o pai e conseqüentemente não tivesse uma renda fixa, de modo que descrevendo a ação de trabalhar ele afirma que:

Ah, pra mim é bom né, por que eu posso ter o meu dinheirinho e ajudo em casa né, então não tenho o que reclamar, que tipo assim, ao mesmo tempo que... Ah, eu quero comprar alguma coisa, vou lá, vejo se compensa e se vai dar pra mim ir pagando se não for muito caro, então, pra mim é ótimo né?! Que as vezes com o pai trabalha, tipo trabalha com meu pai eu chego lá assim “o, não tem como você tirar tal coisa lá pra mim?”. “Mas cê trabalha comigo então... Eu já sustento você né?” Então as vezes a gente pensa nisso né? Quando é novo, “ah tenho que arrumar um serviço pra mim que se eu quiser comprar alguma coisa meu pai não

---

<sup>205</sup> Essa noção de trabalho pode estar relacionada a percepção do trabalho enquanto ajuda mútua, comum as populações camponesas tradicionais de vários lugares do mundo, inclusive no interior do Brasil. Sobre o tema ver CANDIDO, 2003 [1964].

vai querer comprar né? Ou ele vai querer comprar mais vai ficar meio bravo, então... [risos] (Caleb, 17 anos, 1ª Entrevista, fevereiro de 2018).

Depender exclusivamente da ajuda econômica dos pais (o que é uma realidade recorrente para muitos jovens agricultores) é por vezes um problema como aponta Caleb, e se considerarmos que seus pais também tem uma gleba de cultivo próprio com estufa, poderíamos esperar que esse jovem preferisse trabalhar com eles. Mas não podemos saber de todos os motivos posto que sua fala não se aprofundou nessa temática. Certo é que a busca por uma renda própria que possibilitasse um maior grau de independência em relação a autoridade familiar (“ter o seu dinheirinho”) está, possivelmente, na origem dessa preferência. Além disso o pai de Caleb também realiza “bicos” na construção civil no próprio bairro que mora<sup>206</sup>.

O trabalho como forma de independência econômica e consequente autonomia pessoal também é destacado na fala de Claudia, que desde os quinze anos começou a procurar uma forma de possuir uma renda própria. Segundo essa jovem, os pais acham que ela é bastante esforçada em comparação com os demais irmãos (por querer estudar e trabalhar ao mesmo tempo):

Eles sempre acham que eu sou mais esforçada. Assim, do que a minha irmã mais velha e do que o meu irmão mais novo. Por que o meu irmão ele sempre foi... Ele sempre gostou e quis trabalhar. Agora a minha irmã, eles falam também que eu sou mais esforçada que a minha irmã mais velha, do que a minha irmã mais nova, quer dizer, perdão... Que ela é mais preguiçosa digamos assim, eu já não. Eu queria ser independente, eu queria ser eu por eu, eu não queria ficar dependendo dos outros, eu nunca gostei de ter que de precisar dos outros pra fazer as coisas, eu gosto de eu mesmo ir lá e fazer. Então eles sempre falam isso que eu sou mais...A minha cabeça é diferente deles, assim eu sempre penso em ser eu por eu, eu não quero... Eu não fico dependendo da ajuda dos outros, eu não espero os outros vir fazer as coisas pra mim. (Claudia, 18 anos, entrevista em maio de 2017).

No caso de Claudia notamos que, além da própria vontade de ampliar a renda e obter maior independência (em relação a família), pesam também a valorização do

---

<sup>206</sup> O que facilita as “saídas” para se obter rendas extras, uma vez que a gleba de terra deles sendo pequena não tem condições de ampliar muito mais os cultivos e conseqüentemente (juntamente com uma ocasional baixa rentabilidade dos cultivos do grupo) acabam por impulsionar esses pequenos agricultores ao assalariamento via pluriatividade.

trabalho e do “esforço” que ela desempenha ao conciliar trabalho e estudos o que é reconhecido pelos seus familiares também como algo bom, sendo que esse reconhecimento é marcado em sua fala quando ela se compara aos irmãos. Nessas falas (como a de Cláudia) a presença forte do discurso do “esforço” é evidente, podendo estar relacionada também a noção do reconhecimento social dessa caracterização (“ser esforçado”). Demonstrar ser alguém “esforçado”, nesses casos, parece estar relacionado também ao ideal de conseguir “ser alguém na vida”. Dessa maneira, o objetivo de “ser alguém na vida” pode estar associado ao ser “dono do próprio negócio”, “ter uma empresa”, ou “ter um bom emprego” (com bons rendimentos e que se goste do mesmo).

Um fenômeno com alguma similaridade foi analisado por Vanda Silva (2007) em sua pesquisa com os jovens da cidade mineira de “Rosário das Almas<sup>207</sup>”. Entre alguns dos jovens envolvidos nessa pesquisa, especialmente do sexo masculino, haveria um ideal profissional de se tornar “gato”, ou seja, tornar-se um indivíduo que não só gozaria de prestígio social junto à comunidade, mas que também obteria um rendimento mais elevado do que a grande maioria dos conterrâneos, o que seria possibilitado por meio do conhecimento das rotas e lugares de trabalho no sul de Minas Gerais e no estado de São Paulo<sup>208</sup>. O gato seria, portanto, um agenciador de mão de obra que ao levar os trabalhadores para tais locais e viabilizar o trabalho destes recebe parte do salário dos mesmos sendo considerado em termos hierárquicos alguém situado em um local mais elevado. O reconhecimento de uma potencial “perspicácia” caracterizada pela conjugação de discursos (e ações) de esforço e inteligência podem ser carregados (e compartilhados) por jovens que de alguma forma enxergam a ascensão social<sup>209</sup> enquanto sinônimo de sucesso, podendo, assim, favorecer a aceitação dessa ideia entre eles. Nesse caso, talvez, ser “gato” e “ser dono do seu próprio negócio” podem estar, então, associados. Portanto, o ponto de possível convergência entre as falas dos jovens de São Miguel com os de Rosário das Almas poderia se dar no ideal acima comentado por nós e que está presente entre os jovens do primeiro local (Rosário) que no segundo (São Miguel) poderia ser caracterizado pelo planejar ter uma empresa ou ter seu “próprio negócio” de forma a não

---

<sup>207</sup> O nome da localidade é fictício, segundo a autora para preservar as identidades dos sujeitos da pesquisa.

<sup>208</sup> Portador de um poder simbólico e real a figura “gato” representa em grande medida “relações de subordinação presentes na região do Vale do Jequitinhonha, não menos em Rosário, pode-se pensar na persistência de traços de uma mentalidade de ‘senhor e escravo’ que constitui a figura do ‘gato’ ou intermediário.” (SILVA, 2009, p. 226).

<sup>209</sup> Como já foi observado em nota anterior é importante lembrar que os significados dessa “ascensão social” podem estar relacionados a manutenção de hierarquias e relações de poder, algumas delas que remetam inclusive a contextos de intensa exploração do trabalho alheio.

ter de “trabalhar para os outros”, ou ainda “ser alguém marcante para as pessoas da comunidade”, deixar sua “marca na sociedade”.

Tais ideais transitam em São Miguel entre os trabalhos alocados tanto na cidade quanto no campo. Por isso é que levantamos a hipótese de que esses perfis que sonham ser “donos de empresas” (de São Miguel) podem equivaler, de certa forma, aos “gatos” de Rosário das Almas. Sem dúvidas, em ambos os casos esse imaginário sobre o trabalho e o “sucesso” a ele associado estão vinculados as relações de poder locais e as dinâmicas do capitalismo agrário.<sup>210</sup> No caso da pequena localidade do interior paulista (São Miguel), contudo, a figura “urbana – industrial” do “empresário” talvez esteja mais presente senão no plano real (dada a ainda baixa presença de setores produtivos a ela relacionados no município) ao menos no plano simbólico mediante o ideal do “agronegócio” e de um “empreendedorismo jovem” que já apontamos anteriormente e que tem sido difundidos via campanhas promovidas pela “Casa da Agricultura”<sup>211</sup> e “Sindicato rural Patronal”<sup>212</sup> local, poder público municipal (que costuma enaltecer o ideal do agronegócio local), grupos em redes sociais virtuais (ou não), empresas de consultoria agrícola e possivelmente até mesmo pelas instituições de ensino<sup>213</sup>.

Pensando agora a realidade vivida pelos jovens e suas famílias em São Miguel, que definimos como sujeitos que vivem uma experiência “rurbana” (CARNEIRO, 1999) e conseqüentemente suscetível a todas as transformações pelas quais o campo brasileiro passou nas últimas décadas trazemos para essa análise o que percebeu José de Souza Martins (1982) sobre o sentido do trabalho e da escolarização para grupos de agricultores em uma pesquisa realizada em áreas do interior paulista no começo dos anos 1980. Vale

---

<sup>210</sup> “Por sua vez a existência do ‘gato’ pode ser vista como resultado de um processo das relações capitalistas no campo que produz a figura do ‘capataz’ ou do ‘administrador’ de trabalhadores rurais assalariados para a usina. No entanto, um outro ingrediente que entre na composição da figura do ‘gato’ é o personalismo que, por sua vez, coloca-o como forte aliado dos ‘coronéis’ – quando o ‘gato’ não se metamorfoseia em ‘coronel’-, sobretudo nos momentos de garantir o ‘voto de cabresto’ na região”. (SILVA, p. 226-227op. cit.).

<sup>211</sup> Entidade Governamental mantida por recursos municipais, estaduais e federais a mesma oferece cursos e consultorias para os agricultores locais, e apesar de não haver em principio uma distinção entre os agricultores que são auxiliados por ela acaba ficando a impressão que a mesma está mais próxima do fomento a uma agricultura caracterizada pelo ideal do agronegócio do que a uma agricultura familiar ou agroecológica.

<sup>212</sup> Essa entidade como o nome já sugere oferece cursos e dá suporte técnico para os produtores rurais, é claro que sendo “patronal” tende a assumir de antemão o lado que é indicado nessa caracterização e todo o ideal que com ele se segue (do agronegócio, agricultura convencional e incentivador da concentração fundiária).

<sup>213</sup> Ainda que não esteja necessariamente presente nas grades curriculares e tampouco seja uma pauta amplamente defendida pelos docentes o não questionamento das práticas agrícolas convencionais e o chamado agronegócio da parte dos professores pode servir como incentivo ao que está posto.

lembrar que se por um lado, a oposição rural versus urbano hoje é vista como inexistente ou no mínimo caracterizada por uma visível fluidez por grande parte da bibliografia sobre o tema<sup>214</sup> (com a qual concordamos) convém trazer à tona alguns apontamentos feitos por Martins (1982) sobre a escola e o trabalho no meio rural como forma de aprofundarmos a discussão. Escrito já há um bom tempo (1982), seu artigo procurou entender como as populações rurais de quatro regiões do interior paulista se relacionavam e entendiam o papel da escola e do trabalho em suas vidas.

Ao perceber a transformação dessas sociedades onde modos de vida e de trabalho tradicionais, como o do “colonato<sup>215</sup>” ou da pequena agropecuária com uso de “terras comuns<sup>216</sup>” passaram a ser profundamente alterados com o avançar do século XX tendo sido progressivamente inseridos numa lógica da produção agrícola voltada para o mercado, os camponeses mencionados no estudo a cima, acabaram mudando também a forma como percebem a finalidade do trabalho, como no caso de um idoso que começou a constituir uma poupança Martins afirma que:

Ele não produz para si mesmo. O afã no trabalho repete, aparentemente, a mesma concepção vigente na economia de excedente. Mas só aparentemente, por que a mediação do mercado leva-o a pensar o trabalho associado a poupança incessante, que são os meios para chegar a condição de proprietário e recuperar ai, senão direta e completamente o produto de seu trabalho, ao menos uma parcela de sua contrapartida. (1982, p.13 ).<sup>217</sup>

---

<sup>214</sup>Além da discussão anteriormente feita o próprio José de Souza Martins em um texto de 2010 afirma que: “Julgo necessário esclarecer que minha pesquisa sobre o regime de colonato nas fazendas de café foi, ao mesmo tempo, uma pesquisa sobre a industrialização de São Paulo. Pude refazer e completar as investigações que realizei durante anos sobre o tema. A opção metodológica que adotei, por imposição da própria natureza dos dados colhidos, e das situações que por eles se evidenciavam, colocaram-me numa relação antagônica com as orientações dualistas que separam o rural e o urbano e que imputam ao rural a anomalia do atraso em face da suposta modernidade do urbano. De fato, entre nós, essa polarização é, frequentemente, postiça”. (p. 23).

<sup>215</sup>Ver o livro desse autor “O Cativo da Terra”, nele Martins faz uma análise da transição entre o trabalho escravo (passando pelo colonato e formas similares) considerada pré-capitalista para as relações assalariadas, mais “plenamente capitalistas” (MARTINS, 2010).

<sup>216</sup> Há relatos recorrentes na região em estudo (Sul de São Paulo) da existência de terras que seriam de uso comum até pelo menos a década de 1960, que a partir daí começaram a ser apropriadas por agricultores de poder aquisitivo mais elevado, fazendeiros, comerciantes das cidades, e mesmo empresários paulistanos. Outros exemplos de grupos roceiros também existentes na área que ainda se utilizam de um modo de produção em terras de uso comum são as comunidades quilombolas que até o ano de 2018 são reconhecidamente duas: “Jaó” (em Itapeva) e “Cafundó” (em Salto de Pirapora).

<sup>217</sup> Aqui fazemos o adendo com o fenômeno já mencionado do “desejo de ter seu próprio negócio” enquanto uma intenção (ainda que por vezes não tão clara) de não ser, ou ao menos sofrer menos com a presença da exploração/ precarização do mundo do trabalho.

Para além de uma simples constatação nostálgica e saudosista, recorrente nos discursos (senso comum) de algumas pessoas mais velhas (especialmente que eram moradoras no campo), a noção de que no passado as pessoas viviam mais facilmente talvez esteja relacionada a sensação de maior segurança que as mesmas tinham em viver em um meio de maior estabilidade social, onde as regras sociais eram mais “enrijecidas” e uma relativa segurança alimentar era, por vezes, mais facilmente garantida pelo fato dos pequenos agricultores plantarem principalmente para o seu provisionamento, tal como era permitido a colonos e meeiros que cultivassem alimentos para o próprio consumo além do trabalho combinado.

O dismantelamento dessas formas de existência e produção estão mais intimamente associados a entrada cada vez mais efetiva das relações propriamente capitalistas de produção entre esses grupos. E aqui poderíamos encerrar esse raciocínio com a frase já “cliché” (mas também essencial para o entendimento de certas transformações sociais) de Marx e Engels de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”.<sup>218</sup> Em um contexto de intensa mercantilização das formas de viver, permeado por elementos que caracterizam o que poderíamos chamar de êxodo rural, juntamente com a tendência a precarização do trabalho (urbano ou não) em paralelo com a transformação cada vez maior do camponês em proletário rural (ou “rurbano”) é que parece que encontramos inseridos os jovens de nossa pesquisa. Alguns ainda moradores ou com familiares no campo, outros com os pais ainda trabalhando no campo, mesmo moradores da área urbana, ou ainda outros cuja geração dos pais ou avós é que migraram do campo para a cidade, vindo, portanto, a confirmar, em grande medida, todas essas transformações que se operaram no Brasil nas últimas décadas. Mas esses jovens vivem uma situação de liminaridade permeável onde se visualizam tanto a permanência de modos de viver mais tradicionais em conjunto com as transformações mais recentes, as fronteiras entre essas

---

<sup>218</sup> Aqui o trecho completo: “A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens”. p.43. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Boitempo, SP. 2017.

realidades são porosas, vivem em fluxo constante, em meio a relações que configuram um certo “hibridismo cultural”<sup>219</sup>.

Finalizando esse tópico, pode-se dizer que de um modo geral os jovens demonstraram um ponto de vista bastante positivo nas entrevistas sobre a escola e o ato de estudar (buscando fazer a relação com a educação formal), reconhecendo por vezes a existência de problemas de adaptação a escola nova, relação com os colegas e mais raramente com os professores e direção.<sup>220</sup> O significado dessa Instituição para esses jovens não é o mais claro para nós, ainda que eles tenham no geral um discurso positivo a respeito da mesma.<sup>221</sup>

Mas uma impressão aparece repetidas vezes nas falas dos entrevistados, que é a de enxergar a escola como um meio para se alcançar um melhor futuro, inclusive profissionalmente. E aqui cabe apontar que se alguns jovens conseguem colocar (geralmente com o apoio família) os estudos em primeiro lugar, deixando o trabalho em segundo plano (temporariamente) vale buscar pensar também se a escolarização não seria para parte deles simplesmente um meio para “o trabalho”, ou seja, uma estratégia que entende os estudos como um estágio anterior ao trabalho, mas já com forte vinculação a ele.

Já quanto ao trabalho, ele não é apenas sinônimo de crescimento econômico, ou forma de ganhar a vida. Ele vai além, pois deve servir (como o estudo) também para ajudar as pessoas, deve (a medida do possível) ser prazeroso e transformar o lugar em que se vive (socialmente falando), mas também pode significar exploração intensa, especialmente quando descolado dos interesses e projetos desses sujeitos e em momentos de precariedade (o que tem sido, infelizmente, comum). Ao fim disso tudo constatamos

---

<sup>219</sup> Sobre essa situação de “liminaridade”, ou de uma “modernidade inacabada” que vivemos no Brasil (e na América Latina) é novamente José de Souza Martins quem afirma que: “A modernidade não é só o moderno e, menos ainda, o modernismo. Na América Latina é uma modernidade constituída ao mesmo tempo por temporalidades que não são as suas. A diversidade dos tempos históricos que se combinam nessa modernidade difícil, como observam Canclini e Schelling; incorpora a cultura popular que pouco ou nada tem de moderno; mas, insisto, incorpora também efetivas relações sociais datadas, vestígios de outras estruturas e situações que são ainda, no entanto realidades e relações vivas e vitais. E que anunciam a historicidade do homem nesses desencontros de tempos, de ritmos e de possibilidades, nessas colagens.” MARTINS, 2000, p. 22.

<sup>220</sup> Há um problema anteriormente apontado em relação a isso que é o fato do pesquisador ser também professor na mesma Instituição em que os alunos cursaram o ensino médio, isso sem dúvida deve ter influenciado nas falas dos jovens.

<sup>221</sup> Já em relação ao trabalho os apontamentos, como vimos, são múltiplos e variados, com destaque para o sentido de experiência, aprendizado, exploração, “meio de viver” e “meio de independência”.

que uma coisa é inegável: ambos os temas (trabalho e escolarização) estão indissociáveis na visão desses jovens.

### **3.4 – “*Jovens em fluxos*”: experiências e sentidos da escola e do trabalho.**

A noção de fluxo aqui utilizada de modo a auxiliar na compreensão da mobilidade dos jovens é a defendida por Ulf Hannerz (1997) que compreende esse conceito ou “palavra-chave de formal dual, sendo que:

A primeira parece mais afinada com o uso corrente, referindo-se ao deslocamento de uma coisa no tempo, de um lugar para outro, uma redistribuição territorial. Isso de fato parece ser uma forma de reintroduzir a ideia de difusão, sem a necessidade de recorrer a este termo aparentemente fora de moda. A segunda é essencialmente temporal, sem implicações espaciais necessárias. (HANNERZ, 1997, p. 11).

Dessa maneira, aqui utilizamos a primeira noção de fluxo que pode ser bem aplicada as situações vivenciadas em grande medida pelos jovens sujeitos dessa pesquisa, dada a “circulação” destes geograficamente e culturalmente falando. Afinal as mudanças espaciais também envolvem contatos culturais ou a construção de situações de hibridismo cultural caracterizado pelo “ir e vir” da mobilidade vivenciada pelos jovens.

Dentre os perfis por nós observados na pesquisa ficou evidente uma característica comum a maioria deles que é o da tendência a mobilidade, isto é a movimentação/migração desses jovens sujeitos integrantes da pesquisa. Essa ação aparece por nós nomeada de maneira dupla a fim de diferenciar a experiência de migrar permanentemente -seja do campo para a cidade (núcleo urbano de São Miguel), seja da cidade de São Miguel para outra localidade- ou na mesma modalidade (mas em situação de movimento de trânsito temporário- aqui entendido como o ir e vir diário ou uma mudança de residência temporária) aplicada as mesmas situações.

Vale lembrar, contudo, que esses movimentos não são necessariamente definitivos para esses jovens. Afinal, se existem aqueles que almejam viver em outros lugares com mais “oportunidades”, (de trabalho e estudos) parte deles planeja isso enquanto uma etapa da vida que poderia ser concluída com o retorno posterior ao lugar de origem. Já outros podem pensar na migração até mesmo como estratégia de manutenção da dinâmica de

vida familiar, ajudando por meio do seu trabalho “pra fora” (isto é, em outro ambiente que não o do bairro de residência de sua família) na continuidade da existência do sítio ou propriedade familiar.<sup>222</sup>

A discussão sobre a mobilidade das populações de pequenas cidades e áreas rurais é bastante ampla e recorrente nos estudos sobre juventude rural atualmente, tendo adquirido uma maior importância a partir dos anos 1990 no meio acadêmico brasileiro (CASTRO, et. Ali, 2009 e CASTRO, 2015). Enquanto anteriormente se atribuía uma imagem unitária (e as vezes idealizada) do “jovem agricultor ou camponês como membro da unidade familiar de produção, estando este sempre associado à reprodução da mesma, cujo processo de trabalho era indissociável da construção simbólica das hierarquias familiares entre gêneros e gerações” (CASTRO, et. Ali. 2009, p. 56), hoje a perspectiva sobre a juventude rural foi bastante ampliada, inclusive na esteira de toda a discussão sobre as novas ruralidades (GRAZIANO DA SILVA, 1998), pluriatividade (CARNEIRO, 1998) e multifuncionalidade (CARNEIRO, 2014). Isso não significa que não exista mais o fenômeno sucessório em pequenas propriedades agrícolas no Brasil rural atual, na realidade ele ainda é presente em várias regiões brasileiras, mas claro, com profundas e recorrentes transformações como aponta ZAGO<sup>223</sup> (2016). Mas o fato é que se essa pode ter sido, em grande medida, a realidade majoritária de sociedades

---

<sup>222</sup> Segundo BRANDÃO, 2007, “Bem sabemos que, tanto em casos individuais quanto em termos de comunidades inteiras, quase já não existem mais ‘tipos puros’ de sujeitos rurais. Um bom exemplo dessa variação crescente são as comunidades muito tradicionais de pequenos agricultores do Vale do Jequitinhonha (e de quantos outros vales no Brasil que para manter a propriedade e a vida tradicional, migram sazonalmente para terras distantes de São Paulo em busca de trabalho assalariado associado à mais moderna e devastadora *produção de mercado*. ” (p. 49). Esse não parece ser o caso dos jovens que entrevistamos na pesquisa, ou ao menos não pareceu ser a meta principal deles tomar tal atitude (de migrar) a fim de manter o modo de vida familiar tradicional. Apenas o jovem Junior demonstrou um certo interesse (ainda que secundário) de talvez retornar com mais recursos (econômicos) para o sítio da família podendo ajudar, então, o seu pai nos trabalhos da lavoura com implementos e maquinários mais adequados. Por outro lado, não se descarta a possibilidade de que jovens como Junior (que trabalham fora do ambiente familiar) auxiliem de alguma maneira (geralmente com envio de dinheiro, ou simplesmente não sacrificando a família pedindo dinheiro) os seus familiares que ainda vivem nos “sítios”. No mais, o conhecimento da realidade de São Miguel, proporcionado por anos vivendo e acompanhando as dinâmicas sociais locais, nos permite dizer que há grupos de jovens que saem de suas casas na área rural para o núcleo urbano local ou outras cidades com a finalidade de alcançar mais recursos para a manutenção da propriedade e modos de vida de suas famílias. É importante mencionar também o recurso a pluriatividade de alguns moradores da área rural a fim de contribuir com a renda familiar (caso de Caleb).

<sup>223</sup> Ao realizar um estudo sobre a migração da área rural para a urbana no interior de Santa Catarina no período compreendido entre 2011 e 2012 Nadir Zago notou justamente que a agricultura é uma das atividades econômicas onde as relações familiares tem grande importância. Especialmente dentro do âmbito da chamada agricultura familiar. Mas esse fenômeno tem passado por grandes transformações especialmente dos anos 1960 para cá, quando ocorrem mudanças nas estruturas sociais agrárias que passam a se caracterizar por um constante processo de aumento das migrações do campo para a cidade, ainda que existam casos em que alguns grupos familiares invistam pesado na sucessão parental de suas propriedades e atividades. (ZAGO, 2016).

camponesas tradicionais de tempos atrás, os jovens rurais de hoje não podem ser classificados unicamente dessa forma o que tem sido progressivamente percebido pelo campo de estudos sobre a temática da juventude rural, de modo que:

A imagem do jovem rural vem sendo modificada a partir da percepção das transformações das estratégias de reprodução das famílias de agricultores, que trazem à tona questões vinculadas à juventude rural como o êxodo rural, a crise dos processos sucessórios e a tensa relação entre campo e cidade. Os jovens rurais saem da condição de apenas filhos de agricultores e tornam-se categoria significativa nos estudos rurais, associada a algumas problemáticas específicas, tais como o êxodo rural e a migração. (CASTRO, et ali. 2009, p. 56).

Dentre os jovens que chegaram a se mudar de São Miguel (desde o início da pesquisa) conseguimos descobrir quatro e conversar com apenas dois deles, sendo que um deles (Junior) ficou pouco mais de um mês na cidade vizinha de Itapetininga, e apesar de ter julgado que houve pontos positivos nessa mudança prefere muito mais estar próximo aos familiares que atualmente moram no núcleo urbano do município. Outros dois jovens estão vivendo atualmente em Sorocaba. Com a primeira a se mudar (Juliana) não foi possível conversar, mas segundo uma irmã da mesma (que foi contatada para prestar informações) ela “não pretendia retornar para a cidade de São Miguel tão cedo posto que arranhou trabalho na nova cidade. Já o outro jovem (Adilson) que contatamos (e conseguimos fazer nova entrevista) parece estar satisfeito com sua nova vida em Sorocaba e apesar de não desgostar de São Miguel considera no momento um retorno para essa cidade pouco provável. Um quarto jovem (Eduardo) que se mudou para o Rio de Janeiro afim de estudar afirmou que não tem planos de retornar para São Miguel, ainda que seja cedo para ter certeza de algo<sup>224</sup>.

Essa “tendência” migratória precisa ser melhor discutida, e nos propomos agora a pensar as questões relacionadas ao tema. Afinal, se costuma falar atualmente em uma inclinação dos jovens rurais (e os de pequenas cidades) como infalivelmente migrantes e é preciso problematizar esse tema e perceber que potencialidade não quer dizer a mesma coisa que algo inevitável. Tampouco a mobilidade dos jovens migrantes segue uma tendência unitária ainda que possua alguns traços mais ou menos comuns, especialmente em relação as motivações para a mudança (busca por trabalho, estudo, mudança da

---

<sup>224</sup> Por conta da distância e do mesmo não ter retornado a São Miguel ainda não conseguimos realizar nova entrevista, apenas tivemos contato via rede social virtual (julho de 2018).

família, mais autonomia individual, conhecer novos lugares e realidades, etc.). Sendo característico desses processos também a possibilidade de reversibilidade, ou seja, retorno para o lugar de origem como observou SILVA (2007)<sup>225</sup>.

### **3.5 - O “mudar-se” para quem mora ou morou na área rural.**

Quanto aos jovens que foram moradores da área rural e atualmente vivem no núcleo urbano<sup>226</sup>, as falas adquirem sentidos diversos, variando de acordo com o grupo e as condições materiais de onde vem estes. Nessa perspectiva percebemos relações diversas de ligação com o local de origem no ambiente rural sendo um exemplo disso o das duas jovens que eram de uma família de agricultores não proprietários de terra (Aline e Glória). No caso delas mesmo que demonstrem um apreço (principalmente Aline) pelo bairro rural de origem, parecem não ter planos de retornar para tal lugar, e a mudança do grupo familiar para o núcleo urbano pode estar relacionada a isso. Isso fica evidente no caso narrado pela jovem Aline, que explica também a vinda de sua irmã, juntamente com a família para a cidade de São Miguel, cujos pais eram trabalhadores rurais (“caseiros”) em uma propriedade de terceiros. Ao ser perguntada sobre a possibilidade de um retorno de sua família (pais e irmã) para a área rural ela assim respondeu:

[**Aline**]- A minha mãe ela não gosta de morar na cidade, para ela é um desafio grande, é por necessidade mesmo, é por não poder ir pro sítio. Então a questão assim, de onde ir por que não tem. E a questão do meu avô também que é bem idoso e precisa de cuidado né, tem que ficar perto de posto de saúde.

[**Entrevistador**]- Então é por causa disso que ocorreu a mudança para a cidade?

[**Aline**]- Isso também né, por não ter mesmo aonde ir. Por que eles moravam no sítio por que meu pai trabalhava para um cara que tinha sítio né? Então eles moravam no sítio... Mas ai mesmo que aparecesse um serviço no sítio pra mudar

---

<sup>225</sup> Na já mencionada pesquisa de Vanda Silva com os jovens de “Rosário das Almas” ao estudar as trajetórias de retorno (ainda que por motivações diversas) de dois jovens a pesquisadora percebeu que: “ambos vivem movimentos semelhantes, uma vez que retornam à comunidade rural, embora já vivessem em espaços urbanos. Porém, no caso do rapaz, ele é de origem urbana e vai assentar morada na casa da roça. A moça é de origem rural, depois vai viver em um espaço urbano, num município de outro estado, e volta novamente à casa materna, no município de Rosário das Almas. Deste modo, ‘a viagem de volta’, nos dois casos citados, contradiz a percepção de senso comum quanto à mão única do rural ao urbano”. (SILVA, 2007, p. 154).

<sup>226</sup>Junior, Aline, Glória e Eduardo.

hoje em dia fica complicado por conta do meu avô. (Aline, 21 anos, segunda entrevista março de 2018).

As dificuldades para cuidar da saúde do avô de Aline somadas as maiores facilidades que sua irmã Glória (que ainda mora com os pais) teria para poder continuar os estudos influenciaram diretamente na mudança da família. Mas além disso, é necessário notarmos que a situação frágil de morar em “terra alheia”, no caso a terra do patrão, também devem ser somadas ao conjunto de fatores processo de mudança desse núcleo familiar (CARNEIRO, 1998)<sup>227</sup>.

A mudança dessa jovem se deu em um outro contexto (dos demais membros de sua família), tendo ocorrido logo que concluiu o seu ensino médio (2014), universitária e atualmente professora na rede estadual, Aline é a única jovem da pesquisa (que temos conhecimento) que já constituiu um novo domicílio tendo se casado, isso obviamente mudou em muito sua relação com o núcleo doméstico de onde veio, e provavelmente a distanciou mais ainda do bairro rural de origem, somando-se a isso temos o fator “dificuldades” para trabalhar e estudar que o ambiente rural pode proporcionar de maneira que perguntada sobre o interesse que ela possuiria em retornar para a área rural ela disse:

Eu tenho contato com o sítio, por que a família do meu marido tem sítio, então no fim de semana as vezes eu vou pro sítio. Mas ai chega lá tem muita coisa pra fazer por isso que eu nem listei no lazer, por que acaba não sendo por que tem muita coisa pra fazer lá. Hoje em dia eu vou ao sítio só... Vou só nesse sítio, meu contato rural é com esse sítio. É... Hoje em dia eu não me vejo morando no sítio por conta dos meus estudos e trabalho, então é tudo ou aqui em São Miguel ou em Sorocaba então a mobilidade fica difícil morando no sítio né, eu chego meia noite e precisar pegar a estrada e ir pro sítio... Então no sítio eu iria acordar cinco e meia pra poder chegar aqui as sete... Então hoje em dia fica bem mais complicado morar em sítio né, mas eu gosto tenho uma ligação muito grande né, até por ter crescido no sítio. Eu fui morar no sitio eu tinha um ano de idade e fui sair com dezoito. Então eu sempre fui acostumada com isso. (Aline, 21 anos 2ª entrevista, março de 2018).

---

<sup>227</sup> Ao fazer um estudo comparativo entre duas regiões agrárias do Brasil (Serra Gaúcha e Região Serrana do Rio de Janeiro) Maria José Carneiro (1998) constatou que “O desejo de romper com o modo de vida rural vem se demonstrando muito mais arraigado nos jovens que não são filhos de proprietários de terra, sobretudo na região fluminense, onde a fragilidade econômica da agricultura familiar tem empurrado os filhos de agricultores para fora há muito mais tempo do que no caso dos ‘colonos’ gaúchos. (p.112.).

Se de um lado são apontadas as dificuldades de se morar “no sítio”, e uma possibilidade muito remota de se retornar (no sentido de morar) a esse espaço, por outro os vínculos (mesmo que menores) existem, e tomam corpo na atribuição do seu “lugar de origem”, ou o local onde se passou a maior parte da vida. Ao mesmo tempo, as relações com o ambiente rural são reforçadas também pelo vínculo com sua “nova família”, isto é, o núcleo familiar de seu esposo que são proprietários de um sítio próximo a cidade de São Miguel e que se torna um lugar de visitas semanais, que não se enquadram totalmente na categoria “lazer” posto que no sítio sempre “tem muita coisa para fazer”, ou seja, sempre há muitas tarefas a serem desempenhadas para a manutenção do mesmo, mesmo assim essa jovem diz estar acostumada com tal ambiente e gostar dele.

Mas a posse da terra e uma condição econômica razoável por parte das famílias não são garantias do interesse em dar continuidade ao projeto de vida rural como fica claro no caso do jovem Eduardo que está cursando o ensino superior em uma grande cidade e apesar de ter os pais ainda morando em um sítio próprio parece não pretender retornar, possivelmente por considerar que teria dificuldade de desenvolver seus projetos acadêmicos e profissionais, tanto no bairro rural de seus familiares quanto na cidade de São Miguel.

Há um outro jovem (Junior), que até já morou em outra cidade (Itapetininga) e que mora desde o período que cursava o segundo colegial no núcleo urbano de São Miguel. Sua família possui um sítio em um bairro rural onde o pai ainda reside e planta legumes e frutas. A mudança da mãe e irmã para junto dele, aliado ao fato de ter arranjado um trabalho que demonstra gostar juntamente com a sensação de “isolamento” que vivenciava quando morava no “sítio” (por se tratar de região distante e despovoada) além das dificuldades e pouco retorno financeiro por ele atribuídos ao trabalho agrícola contribuem, sem dúvidas, para que o mesmo não estabeleça como projeto de vida principal o retorno para o bairro de origem.

Portanto, ainda que não descarte essa possibilidade de retorno para o “sítio da família (em sua visão viável desde que tivesse um capital econômico para investir em implementos que facilitassem o trabalho agrícola, e tendo se cansado de mais do trabalho/vida na cidade), esse não é o seu plano principal nesse momento.

Comparando-se os casos de Aline, (e junto ao dela o de sua irmã Glória) o de Eduardo e Junior temos pontos em comum e de divergência. As duas primeiras como já

apontamos são de uma família de agricultores não proprietários que migraram para a cidade, mas Aline em especial tem uma trajetória mais parecida com a de Eduardo e de Junior, posto que os três vieram sem a companhia do núcleo familiar (ainda que os familiares de Aline e os de Junior tenham vindo posteriormente). Os três se mudaram para a área urbana com a finalidade principal de conciliar o estudo e o trabalho que haviam conseguido na mesma.

### **3.6- A mudança para outro município. Como e por quê ocorre?**

Nas falas de alguns jovens a necessidade de sair parece fazer parte de seus projetos tanto em termos de estudos (caso do já mencionado jovem Eduardo que irá estudar no Rio de Janeiro) como de trabalho (Gabriel e Claudia que afirmam que para desempenhar as funções que planejam teriam de sair da cidade de São Miguel). Gabriel acredita (2018) que após terminar o seu curso de educação física deverá ir para algum centro urbano maior e mais desenvolvido que lhe possibilite ter uma gama maior de oportunidades de trabalho que não seria possível a princípio em São Miguel, esse jovem quer ser preparador físico de “esportes de alto rendimento”<sup>228</sup> o que realmente não teria muito espaço no momento em sua cidade de origem. Assim, ao ser perguntando a respeito de seus planos para os próximos anos, Gabriel disse que:

Bom, na questão de família, eu pretendo criar a minha família, prosseguir né, na minha família, me casar se eu tiver ainda namorando com a minha namorada. Não morar mais com os meus pais, ter a minha própria casa, ter os meus próprios bens né, eu não sei se eu vou conseguir. Não sei se eu estarei ainda em São Miguel Arcaño, para crescer, assim, eu preciso dar um passo a mais, então eu me vejo em outra cidade já, me vejo em Sorocaba, me vejo em São Paulo. Mas nada definido, assim: –ah eu quero ir para algum lugar. (Gabriel, 18 anos, 2ª Entrevista, abril de 2018).

Já Claudia, apesar de estar trabalhando há alguns anos em uma loja de roupas e dizer estar satisfeita com o seu trabalho, pretendia (2017) prestar um concurso para oficial de justiça cujos cargos mais próximos ficariam a pelo menos 100 KM de São Miguel.

---

<sup>228</sup> Em suas palavras, “esporte profissional”, com “clubes e atletas profissionais”. (Gabriel 18 anos abril de 2018).

Explicando a situação ela disse também o posicionamento “cuidadoso” de seus pais em relação aos seus planos:

E pra eles, pra minha mãe e o meu pai assim... É meio complicado porque esse primeiro concurso que eu vou apresentar... Que eu vou prestar agora ele é pra fora, ele não é aqui nem na região, a cidade mais próxima foi Cerquilho que consegui, que tinha. Então é difícil né por que você tem que ter... Com 18 anos você vai prestar um concurso que se passar, vai ter que ir embora. Pra eles é um pouco demais também, não que eles... Eles não me trancam não falam assim – “você não vai fazer”- “Se quer fazer, vai lá e faça e que dê tudo certo!”. (Claudia, 18 anos, entrevista junho de 2017).

A preocupação dos pais de Claudia, é expressa em sua fala, quando afirma que eles apesar de não a proibirem de sair de casa (e da cidade de São Miguel) se demonstram reticentes a respeito dessa possível saída. Pelo que percebemos (acompanhando essa jovem) esse projeto de mudança ainda não se efetivou, posto que a jovem continua em São Miguel, e pode ser que nem ocorra, mas ele é representativo da tensão existente entre os projetos dos jovens e a influência de suas famílias em suas vidas e na concretização deles. Inclusive a impressão de que o “sair” para as jovens do sexo feminino é muito mais conturbado do que para os jovens do sexo masculino<sup>229</sup>.

Há também os casos em que o plano momentâneo de mudar-se de São Miguel envolve simultaneamente facilitar o acesso aos estudos e o trabalho, como o do também já mencionado Adilson, que estuda e trabalha atualmente em Sorocaba, esse jovem que se mudou cerca de um mês antes da segunda entrevista (abril de 2018) pareceu não ter tanto interesse em retornar no futuro para São Miguel, alegando que as oportunidades de crescimento seriam diminutas nesta localidade, pretendendo retornar a essa mais para visitar familiares e amigos de forma esporádica.

Temos também o caso de jovens que não exteriorizaram a vontade de se mudar nas entrevistas, mas que acabaram por fazê-lo como se percebe no relato de Junior (que

---

<sup>229</sup> A impressão que tivemos no decorrer da pesquisa é que para as moças “sair de casa” (e do município) é mais difícil. Das que sabemos ter deixado a casa dos familiares nesse período em que fizemos a pesquisa contamos apenas duas (uma mudou-se da casa paterna na zona rural para a cidade de São Miguel em casa de familiares e posteriormente se casou) e outra mudou-se para Sorocaba (permanentemente). Entre os rapazes foram vistos três casos de mudança para outro município sendo um por período curto de tempo (um mês) em uma cidade vizinha e outros dois permanentemente, nos três casos as mudanças não contavam com a presença de familiares. Esses exemplos reforçam a sensação de maior “vigilância” das famílias sobre as moças comparando-se a um potencial maior liberdade dos rapazes.

se mudou a mando da empresa que trabalha por pouco mais de um mês para a cidade de Itapetininga e retornou para São Miguel) e de Juliana que atualmente está morando e trabalhando (desde o final de 2017) em uma loja de calçados em Sorocaba.

Há também o caso dos jovens que apesar de sonharem desenvolver a vida profissional em São Miguel mas que pretendem primeiramente viver um tempo em outros lugares, nesse ponto o perfil do jovem Marcus é representativo, uma vez que o mesmo “tem vontade de fazer intercambio e viajar por vários lugares do mundo” e depois desenvolver alguma ação de trabalho social com os jovens, e também “talvez ser professor”, posto que assim “poderia melhor desenvolver uma ação transformadora junto aos jovens” (Marcus, 19 anos, abril de 2017).

Os problemas apontados pelos jovens sobre sua permanência e saída do município mostram a diversidade de interpretação sobre o mundo do trabalho local, até mesmo pelo fato de que grande parte da motivação para sair esteja ligada aos anseios de se inserir em uma profissão que lhe seja agradável e também rentável. Como nesse município as oportunidades são em grande medida bastante precárias e associadas a atividades mal remuneradas na agropecuária e comércio/ prestação de serviços, a expectativa de que “caso se estude” não haverá muitas chances de trabalho localmente é um discurso corrente entre muitos dos jovens da localidade (sejam dos bairros ditos “urbanos”, seja nos ditos “rurais”), por outro lado como já foi também observado para muitos jovens se o estudar está relacionado a ampliação do conhecimento esses jovens tem também uma visão bastante prática da função dessa ação, que está relacionada ao alcance de mais oportunidades. Não raro, percebemos então que se poucas oportunidades existem (profissionalmente) pouco valeria estudar muito. Ou, “para quem queira estudar é inevitável ir para outro lugar”, “tem que ir pra fora”, no sentido que não se terá emprego localmente<sup>230</sup>. Por fim, não se pode negligenciar também o desejo de “conhecer novos lugares” que alguns desses jovens possuem. Enfim, essa miríade de experiências compõe os fluxos vivenciados pelos jovens de São Miguel.

---

<sup>230</sup>Esse é um discurso que ganhou força nos últimos anos no contexto já mencionado anteriormente, mas que já era observado há anos atrás. Sem dúvidas, que para além das questões reais de ordem econômica/ social esse discurso está relacionado a um sentimento de baixa autoestima pela localidade em questão que parece ser bastante comum em relação a localidade à maneira de um “complexo de Vira-lata São-Miguelense” para se fazer um trocadilho com a análise de Jessé de Sousa (SOUZA, Jessé, “A Elite do Atraso- Da Escravidão a Lava Jato”, 2017) sobre o que se vive em escala nacional, de modo que se no Brasil temos um complexo de vira-lata, haveria também uma versão local desse fenômeno Sociocultural.

### **3.7- “A cidade é mais para passear mesmo”: As trajetórias, experiências e sentidos de um jovem rural que quer “se manter rural”.**

Dentre todos os jovens entrevistados na pesquisa há apenas um que ainda reside no campo (junho de 2018). Na realidade todos os demais sujeitos da pesquisa já não viviam mais na área rural quando foram entrevistados, a exceção de Caleb. Já tivemos a oportunidade de falar um pouco sobre esse jovem e suas características como seu modo de se vestir, os gostos por atividades que se relacionam ao ambiente que vive e uma certa aversão ao ambiente urbano, ou pelo menos uma não priorização deste<sup>231</sup> como meta ou necessidade para o crescimento profissional/ acadêmico que de certa forma foi mencionada pelos demais reforça inclusive sua situação de jovem rural bastante apegado ao local de origem. O aspecto identitário desse “ser rural” ou “sentir-se rural” de Caleb, é reforçado no caso desse jovem pela sua postura refratária ao ambiente urbano representada na fala de que “a cidade é mais para passear mesmo”, o que não significa que não goste desse ambiente de fato, mas talvez busque aproveitar o que encontra de positivo nele sem abandonar o seu “lugar” que é sítio e o bairro rural que vive. Dessa maneira quando perguntamos se ele gostava do lugar que vivia (bairro rural) e da “cidade” (área urbana), ele assim nos respondeu:

É... No bairro assim... No sítio, é que eu nasci no sítio né?! Mas é que lá no final de semana: “vou passear em tal lugar, vou na casa da namorada, vou em algum lugar né?! Daí você vai na cachoeira, você vai andar de cavalo, você vai andar de trator, então você tem sempre alguma coisa pra fazer né? Vai pescar, vai no mato, sei lá... É sempre! Não para né? Mas agora na cidade assim, eu venho na cidade só quando eu preciso né?! Mas venho na cidade as vezes tomar um sorvete, comer uma pizza, é difícil as vezes, mas quando vem, bastante é pra passear mesmo. Mas no sítio... Eu prefiro mais no sítio do que na cidade, aí na cidade eu só venho quando precisa fazer alguma coisa. (Caleb, 17 anos, 1ª entrevista fevereiro de 2018).

Esse posicionamento de Caleb, demonstra em grande medida o que Carneiro (2014) têm apontado para um contexto em a fluidez das fronteiras entre o rural e o urbano são cada vez maiores e que ser de um “local” em específico pode adquirir sentidos bem mais amplos do que poderia ter sido décadas atrás de maneira que:

---

<sup>231</sup> Há outros jovens que valorizam o ambiente rural (e que são oriundos dele) como Junior e Aline. Mas o colocam em segundo plano, sempre apontando as dificuldades provenientes dele.

A noção de localidade implica também o reconhecimento de uma pluralidade de fronteiras (constitutivas de territórios) que se entrecortam formando núcleos de sociabilidade distintos muitas vezes sem comunicação entre eles, apesar de seus atores sociais compartilharem o mesmo espaço físico. Atualmente, as fronteiras são ainda mais flexíveis, contribuindo para isso a facilidade de mobilidade física dos indivíduos que se deslocam por diferentes territórios em um mesmo dia, o que era impossível na geração anterior (os indivíduos se deslocavam de forma mais definitiva: migravam). Hoje o carro ou as motos, no caso dos jovens residentes rurais e a ampliação da rede viária e dos serviços de transporte em geral (assim como dos meios virtuais de comunicação) não apenas propiciam o deslocamento entre territórios distintos, tornando a localidade rural mais complexa, como também, paradoxalmente, favorecem a fixação dos moradores em suas localidades de origem, o que, por sua vez, contribui para reforçar os laços de pertencimento através da manutenção de antigas redes de sociabilidade (parentesco, vizinhança, compadrio, etc.), em contraposição ao movimento de esvaziamento promovido pelo movimento migratório definitivo. (CARNEIRO, 2014, p. 34).

Com base nesses apontamentos de Carneiro encontramos novamente uma convergência com outra fala de Caleb que reforça a postura “não isolacionista” de jovens como ele em relação a sua localidade de origem (rural) e os demais espaços:

[**Entrevistador**] E você tem outros planos, para sua vida Caleb? Sua vida pessoal, tem alguma coisa que você pensa: “- quero fazer tal coisa daqui um tempo”?

[**Caleb**] Ah, sei lá... A gente pensa em sair, ir conhecer uns lugar novo assim, passear pra lugar diferente, é... Sempre, como diz o meu pai “o corpo é de gente grande, mas a cabeça é de criança.” [risos] Se eu pensa em conhecer, sair passear, vou em tal lugar, quero conhecer tal lugar, então eu vou juntar um dinheiro e eu vou. Então eu penso assim, se eu tenho vontade de fazer e a outra pessoa, tipo, falar assim, “ah, mas eu quero ir em tal lugar, eu quero ir também”, então vamos se esforçar que nós vai! Então sempre trabalhando e pensando junto né?! Pra um tá ajudando o outro e também tá saindo tudo nos conformes. (Caleb, 17 anos 1ª Entrevista, fevereiro de 2018).

No fundo, Caleb vivencia a constatação já apontada por Elisa Gauraná de Castro (2015) a respeito dos jovens rurais contemporâneos, para ela “as distâncias entre as condições de vida dos jovens rurais e dos urbanos permanecem expressivas. Mas os

interesses nas práticas de lazer, os usos dos meios de comunicação, as percepções sobre o Brasil e as formas de participação política se aproximam” (p. 98). Ou seja, os jovens rurais como Caleb que pretendem se manter no campo não pretendem ficar isolados, não querem “cortar relações” com a “cidade” e o que é entendido como urbano. Na realidade querem aproveitar o que há de melhor nesses ambientes, nesse sentido, pode-se dizer que jovens como ele “querem o melhor dos dois mundos, quando avaliam o presente e o futuro. Ou seja, desejam a vida do campo com qualidade de vida, atuando em diversas atividades agrícolas e não agrícolas, e viver a juventude sem fronteiras. ” (CASTRO, 2015, p. 64).

---

Diante da exposição e reflexão das trajetórias desses jovens notamos a construção de projetos, por parte deles, que transitam entre um ambiente (o rural ou de São Miguel) e outro (da área urbana de São Miguel ou outra cidade) e a conciliação de valores que funcionam da mesma forma. Tais conciliações podem significar a tentativa de construir vivências que buscam aproveitar desde a independência ou autonomia que podem ser atribuídas ao trabalho agrícola (para si ou com a família) até a intenção (principal ou secundária) de no futuro retornar ao campo (quando tiver mais condições materiais para poder sofrer menos com o trabalho braçal) mostrando, por tanto, um certo apeço e não um abandono efetivo em relação a esse ambiente e de projetos que possam se relacionar a ele. O mesmo vale para os jovens que moradores da cidade de São Miguel (núcleo urbano) desejam/ planejam mudar-se dela para outra maior onde terão mais oportunidades acadêmicas e profissionais não exclui em todos os casos a possibilidade de um retorno futuro, de preferência caso sejam alcançados os objetivos. Vale lembrar que o retorno também é cogitado caso haja insucesso “lá fora” (outra cidade ou município).

A movimentação dos jovens pode ser constante e bem presente, sendo ela motivada por questões diversas (trabalho, estudos, relacionamentos afetivos, mudança familiar, desejo de aventura, etc.), mas raramente demonstra se tratar de uma tendência de saída permanente, isto é, irreversível. Sendo assim, convém falarmos de forma mais efetiva em um “ir e vir” do que um simplesmente “ir”, isto é, um “fluxo permeado de reversibilidades”. Além disso existem aqueles que não demonstram vontade alguma de sair de sua terra. Por fim, para aqueles que migraram ou desejam migrar cabe lembrar que

a visão do campo (e mesmo da pequena cidade de São Miguel) enquanto um lugar com potencial para se descansar (principalmente no futuro) aparece entre os jovens que ainda costumam associar esse espaço a “tranquilidade”<sup>232</sup>, ainda que este também possa estar associado ao trabalho/ quando mais próximo do cotidiano dos jovens ele esteja<sup>233</sup>, significando, dessa maneira, um local de um potencial futuro retorno, as vezes mais próximo, as vezes mais distante, de qualquer forma sempre presente em meio as vivências desses “rurbanos” jovens.

Fluxos, movimentações e migrações (mais ou menos reversíveis) são características dessa juventude. Mas a indefinição e incompletude dessas situações é sem dúvidas a marca central desses jovens no que tange ao tema. Essa mobilidade reforça um potencial hibridismo cultural que passa a ser uma marca desses jovens que tem um pé na “cidade” e um no “sítio”. Se existe um imaginário recorrente no local pesquisado que eleva a “cidade” (que pode ser a de São Miguel mas geralmente as grandes cidades é que “valem” nessa atribuição) como um ambiente mais promissor em termos educacionais é um fato também que existem os jovens que não enxergam esse ambiente dessa forma, e na realidade há os que preferem muito mais o rural ou o campo (como Caleb), além dos que vivem na área urbana e que mantem um forte vínculo afetivo (muitas vezes familiar) ou mesmo um vislumbram um projeto futuro de retornar para a zona rural (isso também vale para as falas dos que moradores do núcleo urbano de São Miguel que pretendem mudar-se no presente mas que intentam retornar futuramente para ele).

Saindo e retornando, do campo para o núcleo urbano e destes para os grandes centros metropolitanos esses jovens protagonizam um processo de “bricolagem” e de “permeabilidade” (PAIS, 1999 e HANNERZ 1997) promovendo uma forte interação entre espaços e culturas. E o mais interessante, como tivemos a oportunidade de afirmar anteriormente, esses são os jovens descendentes dos “Parceiros do Rio Bonito” pesquisados por Antonio Candido nos anos 1940 que agora cursam Universidades em Sorocaba e mesmo no Rio de Janeiro, que pretendem fazer intercambio na Europa ou

---

<sup>232</sup>Esse mesmo juízo costumou ser emitido pelos jovens em relação a cidade de São Miguel se comparada a outras localidades maiores (Itapetininga, Sorocaba, São Paulo e Rio de Janeiro- as principais referências para os jovens citadas pelos jovens nas entrevistas). Nem todos concordam com o lado bom dessa “tranquilidade”, posto que para alguns ela seria também sinônimo de “pouca coisa para se fazer”, podendo inclusive estar associada também ao isolamento de algumas áreas e mesmo ao despovoamento das mesmas (relacionado ao processo do êxodo rural).

<sup>233</sup> Pensamos aqui em quem ainda vive e trabalha no campo, ou quem viveu até pouco tempo (e trabalhou) nesse ambiente.

serem treinadores de grandes clubes esportivos em São Paulo. São também aqueles que enxergam nas suas profissões (atuais ou pretendidas) maneiras de transformar de forma positiva a sociedade a sua volta, ou que pretendem “ser alguém”, isto é ter uma boa profissão a fim de vencerem a exploração que eles e suas famílias sofrem dentro do capitalismo, e que também pretendem se manter no campo (ou na pequena cidade de São Miguel) aproveitando o que o “urbano” pode lhes oferecer. São “jovens rurbanos do século XXI”.

## Considerações Finais

Os jovens sujeitos dessa pesquisa podem ser caracterizados, portanto, como “rurbanos”. Mesmo levando em conta que alguns deles tenham vivido na área urbana de São Miguel desde a infância e com poucas relações diretas com o campo (esse seria o caso principalmente de Adilson, Helen e Marcus), logo percebemos seus vínculos (mais físicos, afetivos, ou de pertencimento) com o rural local<sup>234</sup>. Além disso, o fato de viverem em uma localidade com as já mencionadas características, contribui para a construção de uma sociabilidade que dialoga constantemente com o que se entende por rural. Assim, mesmo não estando no “sítio”, o “sítio”<sup>235</sup> está nos moradores da chamada área urbana do município<sup>236</sup>. Essa “permeabilidade” do rural no urbano (e vice e versa) no município pesquisado caracteriza os movimentos de fluxos entre os moradores, e possivelmente de forma ainda mais intensa entre os jovens, mostrando assim a fluidez das fronteiras entre os dois ambientes (rural e urbano) e a situação de hibridismo que se constrói por conta desses contatos.

De acordo com o que se percebeu dos trajetos, experiências e sentidos da escola/escolarização e do trabalho narrados pelos jovens ficaram evidentes os esforços – seus e de suas famílias, para uma permanência mais prolongada na escola e um adiamento da inserção no mercado de trabalho (ao menos para a maioria deles). Foram poucos aqueles que relataram a necessidade de trabalhar ainda muito jovens, isto é, antes mesmo da idade legal<sup>237</sup>, a maioria deles não teve que tornar-se assalariado para contribuir com a renda da família (ou ter renda própria) antes dos 16 anos, sendo essa faixa etária a mais recorrente de entrada dos jovens no mercado de trabalho, o que não significa que não estivessem já “trabalhando” ajudando suas famílias na casa, no cuidado de familiares menores, em tarefas domésticas, na ajuda nas roças da família, ou ainda auxiliando familiares em seus diversos ofícios.

---

<sup>234</sup> As origens familiares, o contato com amigos e colegas de escola oriundos ou moradores da zona rural e mesmo as experiências de trabalho permanente ou sazonal na agropecuária ou silvicultura reforçam esses vínculos já mencionados anteriormente entre os moradores da “cidade” (sede municipal) e os do campo. Os contatos entre campo e “cidade” também são bastante percebidos nas festas e feiras locais onde os dois ambientes tendem a se misturar com maior intensidade.

<sup>235</sup> É importante recordar aqui que em São Miguel o termo “sítio” equivale a rural, ou zona rural.

<sup>236</sup> A ruralidade sempre está presente, as vezes de forma mais residual, é verdade, mas no geral ela é bem visível e recorrente.

<sup>237</sup> Considerando-se como parâmetro legal os 14 anos como idade aceita para o início do trabalho de “menor aprendiz”, notamos ao menos dois jovens narraram ter iniciado as experiências de trabalho assalariado (ainda que com familiares) com idades entre 10 e 12 anos.

Além disso, uma das principais marcas dessas primeiras experiências (no ambiente familiar) talvez seja justamente a presença da noção de “ajuda” e não necessariamente de “trabalho”, possivelmente por conta da ausência de remuneração e por se tratarem de relações laborais dentro do grupo familiar. Junto a isso, a postergação na entrada efetiva no mercado de trabalho (assalariado), paralela à ampliação da oferta de educação escolar, ampliou significativamente os anos de estudos desses jovens e em alguns casos possibilitou o surgimento de casos onde alguns deles ainda não precisaram pensar tanto em trabalhar, podendo focar principalmente nos seus estudos.

Por outro lado, o trabalho para esses jovens assume sentidos diversos, que vão desde a visão do mesmo como algo necessário para sobreviver (e a ajudar a família) até a percepção deste enquanto meio de aprendizado (especialmente no caso dos jovens estagiários). O trabalho também é apontado de maneira contundente na sua dimensão da exploração, mas também pode ser (caso seja aquele trabalho que mais se deseja) um elemento para satisfação pessoal e mesmo de transformações sociais mais amplas. A valorização do esforço aparece geralmente conjugando o estudar e trabalhar, constituindo em algumas falas motivo de orgulho por parte de alguns jovens e suas famílias (especialmente em relação a conseguirem trabalhar e continuar os estudos).

A escolarização também aparece enquanto um valor de grande importância, inclusive por ser vista como potencial ampliação das oportunidades de trabalho (quanto mais se estuda mais chances de trabalho), mas especialmente para famílias de baixo poder aquisitivo há uma forte sensação de que a ampliação da educação escolar de um membro do grupo familiar poderá de alguma forma auxiliar na melhoria desse, sendo inclusive motivo de grande orgulho e elevação da autoestima desta, a conclusão do ensino médio e a continuidade dos estudos, especialmente por se tratar de um “capital cultural” inexistente entre grande parte dos grupos familiares dos envolvidos na pesquisa.

A escolha por pesquisar jovens que concluíram recentemente o ensino médio, traz questões, que buscamos responder ao narrar suas trajetórias e que também devem ser levadas em consideração, afinal nem todos os jovens brasileiros (e obviamente os de São Miguel) alcançam esse feito. Então como conseguiram concluir? Houve apoio familiar? Houve mérito individual? De que forma a presença das políticas públicas deram suportes nesse processo? Acrescente-se a isso que dentre os sujeitos pesquisados alguns estão cursando o ensino técnico ou superior. Trata-se, por tanto, de um grupo bastante específico, que alcançou esses níveis de ensino também em razão de uma nova conjuntura

que pode ser observada em níveis mais amplos no Brasil, com a popularização do ensino básico (desde o final dos anos 1990 e início dos 2000), juntamente com ampliação de perspectivas de continuidade em outros níveis de escolaridade (como o ensino superior, mediante os já mencionados PROUNI e SISU), além do aumento da renda familiar (viabilizados pelas políticas de distribuição de renda e ampliação das oportunidades e postos de trabalho nos últimos quinze anos). Por fim, convém reafirmar aqui que a valorização do discurso do “esforço” da parte de alguns deles, especialmente no tocante a conciliação entre trabalho e escolarização deve ser levada em conta também, afinal para eles o estudar está bastante associado a ideia do trabalho (inclusive para ter mais oportunidades ou opções no mesmo).

Mas tais percursos (mesmo os mais “bem-sucedidos”, no sentido de se aproximarem mais de “seus objetivos”) não são isentos de percalços, em especial no contexto mais recente, afinal o desemprego cresce, o que significa o encolhimento de oportunidades de trabalho, a sensação de que se vive em tempos de incertezas (por conta da “crise”) faz cada vez mais parte do cotidiano das trajetórias desses jovens. No entanto, apesar disso tudo, persiste ainda a busca por “ser alguém” (que não necessariamente está vinculada à status, mas talvez a procura por melhores condições de vida). Assim, mesmo em meio a toda a turbulência política, social e econômica atual, esses jovens vislumbram esperanças, cultivam seus sonhos e planejam. Eles criam estratégias, se propõe a mudar o lugar em que vivem.

Alguns desses jovens pensam em “ser empresários” (que talvez signifique serem seus próprios patrões) e ter empregos onde ganhem bons salários, mas também querem ajudar suas famílias e suas comunidades, e sonham em não serem explorados e terem prazer nos seus ofícios. E é nessa perspectiva que valorizam o “esforçar-se” por meio dos estudos e do trabalho. No caso da valorização do trabalho é importante se compreender que esses jovens têm dimensão dele (trabalho) como um meio necessário para se viver, mas isso não significa ser passivo frente à exploração, uma vez que buscam fazer também o que gostam e planejam “ir além” (no sentido de trocar de trabalho ou mesmo mudar-se de onde vive para isso), caso não estejam satisfeitos com o que estão fazendo. Eles também enxergam o trabalhar para além da relação capitalista de exploração (mas talvez tendo consciência dela), quando o descrevem como forma de ajudar as pessoas, serem felizes e transformarem o meio social em que vivem.

Por fim, foi possível conhecer como os jovens locais percebem e se relacionam com a realidade “rurbana” de sua terra (São Miguel- cidade e área rural) por vezes se movimentando mais (nela e fora dela), por vezes menos. Trajetórias essas que são cada vez mais reversíveis, pelas motivações mais diversas como o sucesso (com um retorno mais demorado) ou insucesso (com retorno mais rápido) dos planos dos jovens que migram, tal como pelas situações conjunturais (de ordem econômica, por exemplo) que podem motivar os insucessos, lembrando há um processo de adaptação por conta de potenciais diferenças culturais (especialmente quando os jovens de São Miguel mudam para grandes cidades), juntamente com isso, as dificuldades de se viver longe dos “seus” (amigos e familiares) também deve ser levada em conta. Mas ainda que exista o outro lado da moeda, como o anseio (muito raro entre os jovens da pesquisa) em mudar logo associado a um “desgosto” pelo local em que se vive ou também uma grande vontade de conhecer e viver em lugares diferentes, no geral os sujeitos entrevistados demonstraram ter um carinho por “São Miguel” (área urbana) ou por seus bairros rurais de origem, que se não o entende como um local que possa ser útil as suas necessidades e projetos de curto prazo (relacionados a ampliação dos estudos e maior oferta de trabalho), não o descartam como um lugar que se possa novamente vir a viver em um futuro mais distante.

O conhecimento e análise dos relatos das trajetórias desses jovens nos revelam muito sobre o que é ser jovem em um lugar como São Miguel, seus percursos, trajetórias, seus projetos e sonhos, como interagem com o espaço que vivem, como se relacionam e entendem a educação escolar e o trabalho tal como quais papéis estes assumem em suas vidas. Nos revelaram também, boa parte da dinâmica do trabalho local, da permanência de relações de trabalho precárias juntamente com os processos de êxodo rural pelos quais o município vem passando, o que inclusive não ocorre apenas em escala local, se considerarmos o momento que se vive no Brasil atual.

Ao mesmo tempo que constatamos todo esse contexto de vicissitudes que se colocam na existência desses jovens, suas trajetórias mostram também um conjunto de estratégias para lidar com todos esses problemas, que vão do uso das redes familiares que as vezes podem auxiliar economicamente (quando os jovens são estudantes) ou “usando a influência” destas no alcance de uma vaga de trabalho, o acesso a políticas públicas paradas continuidade à sua escolarização (Prouni e Sisu), por vezes o realizar um curso (que não é o que se prefere, mas o mais acessível) com a finalidade de depois fazer outro (visando em um futuro com melhores condições materiais poder mais facilmente alcançar

aquele que se almejava inicialmente), o planejamento profissional (trabalhando em um lugar temporariamente mas visando outro trabalho) . Enfim, o protagonismo dos jovens no “fluxo” visível nos mostra um conjunto de ações que visam realizar seus projetos e sonhos. O “ir e vir” é parte desse processo, onde a possibilidade de sair e retornar (do campo para a cidade e de São Miguel para outro centro urbano) é uma constante e podem se constituir enquanto ferramentas das “lutas” cotidianas desses jovens.

A pesquisa também evidenciou que a condição juvenil em São Miguel é múltipla, mesmo tendo algumas características gerais marcantes (como a “rurbanidade”). Ela também é vivida de forma diferente e desigual de acordo com as condições sociais e econômicas, de gênero e cor/ raça, e mesmo com pouca solidez das fronteiras entre o urbano e o rural local, ainda assim as desigualdades também são sentidas de acordo com a origem e/ou moradia nesses espaços.

Nesse sentido, é importante mencionar também que ainda que entre os interlocutores dessa pesquisa as desigualdades econômicas não fossem tão altas<sup>238</sup>, constatamos que ser de uma família de posses econômicas mais elevadas também pode significar para esse jovem pertencente a ela que ele não precisará se preocupar tanto em entrar tão cedo no mercado de trabalho, podendo dedicar mais tempo ao estudo e outras atividades que lhe sejam convenientes, enquanto para os jovens de famílias mais pobres essa situação de “adiamento” na entrada no mundo do trabalho pode ser mais breve (ou nem ocorrer). Ainda que vistas de forma um tanto quanto camuflada, perceberam-se também “tentativas de controlar” os trânsitos (especialmente em relação a se mudar para longe do grupo familiar) das moças o que foi menos observado em relação aos rapazes, demonstrando muito provavelmente a presença da desigualdade de gênero também na relação dos e especialmente das jovens com suas famílias.

Ter tido contato com essas realidades para quem traçou um roteiro por vezes similar ao desses jovens (às vezes tendo frequentado os mesmos ambientes, tido trabalhos parecidos e trajetórias escolares similares) como já foi dito, contribuiu ainda mais para que se ampliasse a empatia para com os sujeitos. De certo modo essa pesquisa também foi um “reencontrar-me”, um “situar-me”, um “entender-me” também enquanto um (já

---

<sup>238</sup> A maioria dos jovens participantes da pesquisa são de famílias trabalhadoras cuja renda familiar não deve ultrapassar dois salários mínimos por pessoa. Talvez em dois ou três casos essa renda extrapole tal valor mais sem, possivelmente, ir muito além do dobro dele. De modo que consideramos que as desigualdades econômicas entre os jovens existem mais não são tão elevadas.

não mais tão) jovem “rurbano”. Além, é claro de ter ampliado as dimensões de compreensão da realidade social dessa localidade do interior- sul do estado de São Paulo, ainda pouco estudada, cujos jovens ainda são, por sua vez, muito pouco conhecidos.

Por fim, pode-se dizer que essa pesquisa também procurou compreender não apenas um grupo de jovens egressos do ensino médio no município de São Miguel Arcanjo- SP, mas também vislumbrar um “pedacinho” dessa grande “colcha de retalhos” que são os interiores brasileiros e todos que carregam os traços da ruralidade em suas vidas, sejam eles mais recente ou remotos.

## **Referências:**

ABRAMO, Helena. **Identidades Juvenis:** estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. In: NOVAES, R. RIBEIRO, E. PINHEIRO, D. VENTURI, G. Org. “**Agenda Juventude Brasil**”. UNIRIO. Rio de Janeiro. 2015.

ALMEIDA, Aluísio. “**O vale do Paranapanema**” In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 245: p. 235- 78, out.- dez. 1959.

ALVES, Maria Zenaide. **Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da região de Governador Valadares-MG.** 2013. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2013.

ALVES, Maria Zenaide e DAYRELL, Juarez. **Ser Alguém na Vida: Um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida.** Revista: Educação e Pesquisa SP, v. 41, n, 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.

ANTUNES, Ricardo. **O Continente do Labor.** Ed. Boitempo. SP. 2015.

ARAÚJO, L. & CALDAS, A. “**Na Educação, Avanços e Limites**”. MARINGONI, G & MEDEIROS, J. (org.). **Cinco Mil Dias: O Brasil na Era do Lulismo.** Ed: Boitempo. 2017.

ARENHART, D. DALMAGRO, S. L. **Trabalho e infância: reflexões a partir da experiência educativa do MST.** In: ARROYO, M. G., VIELLA, M. A. L. SILVA, M. R. Trabalho e Infância: Exercícios tensos de ser criança- Haverá espaço na agenda pedagógica? Ed. Vozes. Petrópolis, 2015.

BARBAS, Manoel Valente. **Da Fazenda Velha a São Miguel Arcanjo:** “A saga do Tenente Urias”. Rumograf- Indaiatuba- SP. 1998.

BOITO Jr., Armando, **O legado dos governos do PT.** In: MARINGONI G. e MEDEIROS j. Cinco Mil dias: O Brasil na Era do Lulismo. Ed. Boitempo, SP. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Tempos e Espaços nos Mundos Rurais do Brasil.** Revista Ruris Vol. I – Março de 2007.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito.** Editora 34. São Paulo. 10ª Ed. 2003 [1964].

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, Agricultores e Pluriatividade.** Ed. Contra Capa, RJ. 1998.

\_\_\_\_\_. **O Ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.**  
In: SILVA, F. C. T, SANTOS, R. e COSTA, L.F.C. **Mundo Rural e Política – Ensaios Interdisciplinares.** Ed. Campus.

\_\_\_\_\_. **“Desenvolvimento Territorial Sustentável”: O retorno ou a morte do camponês?** In: MARTINS, R. C. **Ruralidades, Trabalho e Meio Ambiente- Diálogos sobre sociabilidades rurais contemporâneas.** Ed. Edufscar. São Carlos, 2014.

CASTRO, Elisa Guaraná. **“Fronteiras invisíveis: aproximações e distâncias entre ser jovem no campo e nas cidades no Brasil”.** In: NOVAES, R. RIBEIRO, E. PINHEIRO, D. VENTURI, G. Org. **“Agenda Juventude Brasil”.** Ed. UNIRIO. Rio de Janeiro. 2015.

CASTRO, Elisa. Guaraná. Et al. **“Os Jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político.”** Ed. Edur (UFRRJ) & Mauad X. RJ. 2009.

CHAUÍ, Marilena. **A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo.**  
In: **Por que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil.** Ed. Boitempo. 2016.

CORROCHANO, Maria Carla. **O trabalho e sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo.** 2008. 442 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2008b.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho e a sua ausência- Narrativas Juvenis na Metrópole.** Ed. Annablume/ FAPESP. SP. 2012.

\_\_\_\_\_. **Jovens Trabalhadores: Expectativas de Acesso ao Ensino Superior.**  
In: “Avaliação”, Campinas; Sorocaba-SP. V. 18, N. 1, 2013.

\_\_\_\_\_. **Jovens no Ensino Médio: Qual é o lugar do trabalho?** In:  
DAYREL, J. CARRANO, P, MAIA, C. **Juventude e Ensino Médio.** UFMG, 2014.

CORROCHANO, M. C.; FREITAS, M. V. **Trabalho e Condição Juvenil: permanências, mudanças, desafios.** In: NOVAES, R. RIBEIRO, E. PINHEIRO, D. VENTURI, G. Org. **“Agenda Juventude Brasil”.** UNIRIO. Rio de Janeiro, 2015.

CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, H. W.; ABRAMO, L. W. **O Trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limites.** Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho. Ano:21, nº 16. 2017.

DAL ROSSO, Sadi. **O Ardil da Flexibilidade: Os trabalhadores e a teoria do valor.** Ed. Boitempo, SP, 2017.

- DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo**. Cadernos de Pesquisa, n115, p. 139-154, março de 2002.
- FEIXA, Carles e LECCARDI, Carmem. **O conceito de gerações nas teorias de juventude**. Revista Sociedade e Estado- volume 25 nº 2 Maio/Agosto 2010.
- FERREIRA, M. I.C. **Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite na Capital paulista**. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo.2003.
- FERREIRA, Vitor. S. **Por Uma Encarnação da sociologia da Juventude**. Revista IARA. São Paulo, vol. 2, n.2. 2009.
- \_\_\_\_\_. &NUNES, Cátia. **Para lá da escola: Transições para a idade adulta na Europa**. Educ. foco. Juiz de Fora, vol. 18, n.3, p. 169-206, nov. 2013/fev.2014.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, Nº 10- Jan./Fev./ Mar/Abr. 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Ed. Paz e Terra. SP. 2006.
- FREITAS, M. V. **Jovens e escola: aproximações e distanciamentos**. In: NOVAES, R. RIBEIRO, E. PINHEIRO, D. VENTURI, G. Org. **“Agenda Juventude Brasil”**. UNIRIO. Rio de Janeiro. 2016.
- GRAZIANO DA SILVA, José.**O Novo Rural Brasileiro**. Revista Nova economia, Belo Horizonte. 7 (1): 43-81 -maio de 1997.
- GODOI, Emília. Pietrafesa. **O Trabalho da Memória- Cotidiano e história no Sertão do Piauí**. Ed. UNICAMP. Campinas, 1999.
- GUIMARÃES, Nádia; MARTELETO, Leticia; BRITO, Murillo M. A. **Trajetórias e transições. Os múltiplos e difíceis caminhos dos jovens Brasileiros no mercado de trabalho**. Comunicação disponível: <http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Nadya-Araujo-Guimaraes.-Leticia-Martelete.-Murillo-Marschner-Alves-de-Brito.pdf>
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Acesso de Negros às Universidades Públicas**. Cadernos de Pesquisa. Nº 118. Março de 2003.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras- Chave da Antropologia Transnacional. Revista Mana 3(1):7-39, 1997.
- LEVI, G.; SCHMITT, J, C. (Org.). **Introdução**. In: **História dos Jovens**. SãoPaulo: Companhia das Letras, vol I, 1996.

- MAGNANI, José. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.
- MANNHEIM, Karl. **Funções das gerações novas.** In FORACCHI, Marialice e PEREIRA, Luís. **Educação e Sociedade.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975.
- MARQUES, Marta. I. M. **Lugar do Modo de Vida Tradicional na Modernidade.** In: OLIVEIRA, A. U. e MARQUES, M. I. M. (Org.) **O Campo no século XXI: Território de vida, de luta e de construção da justiça social.** Ed. Paz e Terra e Casa Amarela. SP. 2004.
- MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra.** Ed. Contexto. SP. 2010.
- \_\_\_\_\_. **A Sociabilidade do Homem Simples.** Ed. HUCITEC, SP. 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Valorização da Escola e do Trabalho no Meio Rural.** Revista “Em Aberto”, Brasília, ano 1, n. 9, setembro, 1982.
- MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** Ed. Boitempo, 2017.
- MEDEIROS, Rosa. M. V. **Dilemas na conceituação do campo e do rural no Brasil.** In: SAQUET, M. A., SUZUKI, J. C. e MARAFON, G. J. (Org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino- americanas e francesas.** Ed. Outras Expressões. SP, 2011
- MILLS, C. W. **A Imaginação Sociológica.** Ed. Zahar. RJ, 1975.
- MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** Ed. Ática. SP. 1988.
- PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro.** Porto: Âmbar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Máscaras, jovens e “escolas do diabo”.** In: Revista Brasileira de Educação. V. 13, n. 37- 2008.
- \_\_\_\_\_. **A construção sociológica da juventude- alguns contributos.** Revista Análise Social, vol XXV. 1990.
- \_\_\_\_\_. **O “Corre-corre” cotidiano no modo de vida urbano.** Revista Tomo- São Critovão nº 16 jan. / jun. 2010.
- NOGUEIRA, José Luiz. **Genealogia de uma cidade: Itapetininga.** Vol. I. Gráfica Regional: Itapetininga- SP. 2005.
- PAPPÀMIKAIL, Lia. **A adolescência enquanto objeto sociológico: notas sobre um resgate.** In PAIS, J. M; BENDIT, R; FERREIRA, V. (orgs). **Jovens e Rumos.** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2011.
- PAULANI, Leda Maria. **Desenvolvimentismo, planejamento e investimento público nos cinco mil dias do lulismo.** In: MARINGONI G. e MEDEIROS j. **Cinco Mil dias: O Brasil na Era do Lulismo.** Ed. Boitempo, SP. 2017.

- PERALVA, A.T. **O Jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED. N. 5 e 6, maio/dez. 1997.
- POCHMANN, M. **Juventudes na transição na sociedade pós-industrial.**In: ANDRANDE, F & MACAMBIRA, J. Trabalho e Formação Profissional. Fortaleza. UEC. 2013.
- POCHMANN, M. **O Mito da Grande Classe Média- Capitalismo e Estrutura Social.** Boitempo. SP. 2014.
- RAYOU, Patrick. **Crianças e Jovens, Atores Sociais Na Escola. Como os Compreender?** Revista Educação e Sociedade, vol.26, n.91, p. 465-484, Maio/Ago. 2005.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O Campesinato Brasileiro.** Ed. Vozes e EUSP. Petrópolis e SP. 1973.
- SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter: O desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo.** Ed. BestBolso. RJ. 2012 [1999].
- SILVA, Roberta A. **Jovens do Assentamento Milton Santos: sentidos do trabalho e da educação.** Dissertação do Mestrado em Educação. UFSCar- Sorocaba. 2015
- SILVA, Vanda Aparecida. **“Sertão de Jovens”-AntropologiaeEducação.** Cortez. SP. 2004.
- \_\_\_\_\_. **As Flores do Pequi: Sexualidade e Vida Rural Entre Jovens Rurais.** Editora Arte Escrita e CMU- Publicações. Campinas- SP. 2007
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A Elite do atraso- Da escravidão à Lava Jato.** Ed. Leya, RJ, 2017.
- SPOSITO, Marília P. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.**Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar./maio 2003.
- SPOSITO, Marília P. **Juventude e Educação: Interações entre a educação e a educação não formal.** Revista Educação & Realidade. 33(2) p. 83 -98. Jul-dez. 2008.
- SPOSITO, Marília P. &SOUZA. Raquel. **Desafios da Reflexão Sociológica para a Análise do Ensino Médio no Brasil.** In: In: KRAWCZYK, Nora (Org.). **Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional.** São Paulo: Cortez, 2014. p. 33-62.
- TOMIZAKI, Kimi. **A herança operária entre a fábrica e a escola.** “Tempo Social”, Revista de Sociologia da USP, v.18, n.1. junho de 2006. Pag 153- 171.
- VASCONCELLOS, Dora. **Incursões sobre a sociologia política de Maria Isaura Pereira de Queiroz e o ideário político dos anos 1960.** Revista: PÓS volume 12|1|2013

WELLER, Wiwian. **Jovens no Ensino Médio**. In DAYRELL, J. CARRANO, P MAIA, C. Juventude e ensino médio: Sujeitos, Currículos e Diálogos. UFMG, 2014.

ZAGO, Nadir. **Migração rural- urbana, juventude e ensino superior**. Revista Brasileira de Educação: v. 21 n.64 jan- mar.2016.

**Anexos:**

**\*Anexo I: Questionário/ formulário de sondagem para a pesquisa:**

**Pesquisa: “Estudantes e o Mundo do Trabalho: Experiências, Significados e Relações Familiares.”**

**Rodrigo Geraldi Demarchi -digodemarchi@hotmail.com  
Programa de Pós-graduação em Educação - Campus Sorocaba  
Linha de Pesquisa II – Educação Comunidade e Movimentos Sociais.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carla Corrochano.**

**Caro (a) estudante,**

**Pedimos sua colaboração para participar de nossa pesquisa intitulada: “Estudantes e o Mundo do Trabalho: experiências, significados e relações familiares” que tem sido desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar-Sorocaba.**

**Esse questionário é parte inicial de nossa pesquisa que tem como objetivo compreender como os jovens do ensino médio interpretam e se relacionam com o mundo do trabalho. Entendemos que para uma boa compreensão do assunto é necessário também perceber como os familiares (responsáveis pelos jovens) interagem com tais questões e para tudo isso precisamos ter contato com tais informações (presentes no questionário) que serão de grande importância para o estudo em questão. Convém lembrar que alguns dos jovens que responderem o questionário serão selecionados para uma segunda etapa da pesquisa (juntamente com seus familiares que estejam disponíveis) onde será realizada uma (ou mais) entrevistas gravadas. Sua participação na pesquisa é de grande importância e desde já agradecemos a atenção e disposição.**

**1- Nome:**

**2- Idade:**

**3- Turma:**

**4- Sexo:**

**5- Em que Município você nasceu?**

**6- Você considera que sua família é oriunda da**

- a-  Zona rural
- b-  Zona urbana
- c-  Outro \_\_\_\_\_

**7- Atualmente você mora na**

- a-  Zona rural
- b-  Zona urbana
- c-  Parte na zona urbana, parte na zona rural

**8- Você costuma ficar na escola fora do horário de aula?**

- a.  Sim. Quanto tempo? \_\_\_\_ Que tipo de atividade \_\_\_\_\_
- b.  Não

**9-No Brasil, há pessoas de várias cores ou raças/ etnias. Qual é a sua?**

- a-  Amarela
- b-  Branca
- c-  Indígena
- d-  Parda
- e-  Negra
- f-  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- g-  Prefere não declarar.

**10- Você tem religião? Caso frequente regularmente mais de uma religião pode assinalar mais de uma opção também.**

- a-  Católica
- b-  Evangélica
- c-  Espirita
- d-  Protestante
- e-  Candomblé
- f-  Umbanda
- g-  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- h-  Não tem religião, mas acredita em Deus
- i-  É ateu (não acredita que Deus exista)
- j-  É agnóstico (não sabe se Deus existe ou não)
- k-  Prefere não declarar

**11- Qual é o seu estado civil?**

- a-  Solteiro
- b-  Casado ou mora junto
- c-  Separado/ divorciado
- d-  outros

**12- Você tem filho (os)?**

- a.  Sim. Quantos? \_\_\_\_ Qual idade? \_\_\_\_
- b.  Não.

**13- Você trabalha ou realiza alguma atividade para ganhar dinheiro?**

- a.  Sim
- b.  Não

**13.1- Se você respondeu sim na questão anterior:**

- a. Que tipo de atividade realiza? \_\_\_\_\_
- b. Quantas horas por semana? \_\_\_\_\_
- c. Qual horário? \_\_\_\_\_
- d. Tem registro em carteira? \_\_\_\_\_

**14 – Você já trabalhou ou realizou alguma atividade para ganhar dinheiro?**

- ( ) Sim
- ( ) Não

**14. 1 - Se você respondeu sim na questão anterior:**

Que tipo de trabalho/ atividade? \_\_\_\_\_

**15. Com quantos anos você começou a trabalhar ou realizar alguma atividade para ganhar dinheiro?**

Idade \_\_\_\_\_

- ( ) Nunca trabalhei

**16 – Você já procurou trabalho ou alguma atividade para ganhar dinheiro?**

- ( ) Sim
- ( ) Não

**17. Por quê você já procurou ou nunca procurou trabalho ou alguma atividade para ganhar dinheiro?**

**18 – Conte brevemente suas experiências de trabalho e/ou de procura de trabalho.**

**19- Seus pais/ responsáveis trabalham atualmente? Se sim, em qual trabalho?**

- a- Pai- qual trabalho \_\_\_\_\_
- b- Mãe- qual trabalho \_\_\_\_\_
- c- Outro/a (qual?) \_\_\_\_\_ Trabalho \_\_\_\_\_
- d- Outro/a (qual?) \_\_\_\_\_ Trabalho \_\_\_\_\_

**19.1- Quais outros trabalhos seus pais/ responsáveis já desempenharam?**

- a- Pai- trabalho \_\_\_\_\_

- b- Mãe- trabalho\_\_\_\_\_
- c- Outro/a (qual?)\_\_\_\_\_Trabalho\_\_\_\_\_
- d- Outro/a (qual?)\_\_\_\_\_Trabalho\_\_\_\_\_

**20. Você saberia dizer até que série seu pai/responsável estudou?**

**21. Você saberia dizer até que série sua mãe/ responsável estudou?**

**22 – Você realiza alguma atividade/ curso fora da escola e fora do trabalho? Que tipo de atividade (s)? Pode marcar quantas atividades realizar:**

- Afazeres domésticos
- Cursos (inglês, computação)
- Cursos preparatórios para vestibular/ ENEM/
- Cursos preparatórios para concurso
- Grupo religioso
- Movimento social/ cultural
- Futebol
- Grupos/ redes sociais (internet)
- Outros (as)

**23- Essa pesquisa em um segundo momento realizará entrevistas gravadas individualmente com alguns jovens e familiares selecionados (responsáveis que morem na mesma residência que o jovem). Você e seus responsáveis estão de acordo?**

- a-  Sim, tanto eu quanto meus responsáveis poderemos e queremos participar da pesquisa
- b-  Sim, mas meus responsáveis não querem participar.
- c-  Outro\_\_\_\_\_
- d-  Não, eu gostaria de participar mas meus responsáveis não permitem (se possível comente o motivo)\_\_\_\_\_

**24- Pedimos por gentileza que você deixe número de telefone, e-mail e perfil de Facebook (ou outros meios), para podermos estabelecer contato caso você seja selecionado (a) para segunda etapa da pesquisa (entrevistas).**

*Obrigado pela colaboração!*

*Rodrigo Geraldi Demarchi- Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar- Sorocaba.*

**\*Anexo II- Roteiro de entrevistas- “Primeira rodada de entrevistas”  
(Abril de 2017 à fevereiro de 2018).**

**Roteiro de Questões- Entrevista dos Jovens:**

**Bloco I- Origens e trajetórias familiares:**

- 1- Qual é o seu nome completo? Quem vive tanto em sua casa? Onde você mora?
- 2- Conte-nos qual é a origem da sua família? De onde vocês vieram? Porque vieram para São Miguel?
- 3- Se já morou em outros lugares quais foram? Como foram essas experiências?

**Bloco II- Trajetória de trabalho:**

- 1- Conte-nos suas experiências de trabalho. Você trabalha atualmente? Se sim com o que e como é o seu trabalho?
- 2- Já trabalhou com outras coisas? Como era?
- 3- Você tem vontade de trabalhar com outra coisa um dia?

**Bloco III- Trajetória escolar:**

- 1- Você já terminou o ensino básico? Fez outros cursos? Como acha que os estudos influenciaram em sua vida pessoal e profissional?

**Bloco IV- Relações familiares:**

- 1- Como é a sua relação com seus pais ou responsáveis? Que coisas vocês fazem coisas juntos?
- 2- O que você acha que eles pensam da educação escolar e de você estudar?
- 3- O que você acha que eles pensam sobre o trabalho e sobre você trabalhar?

**Bloco V- Sentido do trabalho:**

- 1- O que é trabalho para você? Como é trabalhar?

**Bloco VI- Interações com o espaço local:**

1-Você gosta do lugar que mora (cidade/ bairro)? Você interage com os vizinhos do bairro?

2-Participa de grupos/ organizações de caráter recreativo, cultural, político ou religioso? Quais? Como é essa participação?

3-O que acha dos seus pais ou responsáveis participarem?

### **Bloco VII – Projetos:**

1-Quais são seus planos ou projetos no campo profissional- educacional? E pessoal?

2- Há Algo a acrescentar em suas falas?

### **\*Anexo III: Roteiro de entrevistas da “Segunda Rodada” (atualização):**

#### **Roteiro para entrevista de atualização informações (fevereiro a junho de 2018).**

- 1- Diga seu nome completo, idade e o lugar onde está morando atualmente. Chegou a morar em outro lugar? Quem reside na mesma casa que você no momento?

#### **Bloco Estudos**

- 2- Você está estudando atualmente? Fez ou iniciou algum curso? Se sim conte como foi ou tem sido essa experiência. Explique os motivos para ter feito ou não.
- 3- Como você define atualmente a importância dos estudos?

#### **Bloco Trabalho**

- 4- Está trabalhando no momento? Explique como é o seu trabalho (função, rotina, etc.). Esteve sem trabalho em algum momento desde a última entrevista?
- 5- Como seus familiares tem interpretado o fato de você trabalhar?
- 6- Atualmente as pessoas que vivem com você estão trabalhando?

- 7- Como você define nesse momento a palavra trabalho ou a ação de trabalhar?  
Que importância tem para você? Acha que seus familiares pensam da mesma forma?

**Bloco Lazer e interações:**

- 8- O que você tem feito em suas horas de lazer? O que faz para se divertir? Sai com amigos ou familiares? Participa de grupos/organizações (culturais, políticos, religiosos, etc.).

**Bloco Projetos:**

- 9- Você se vê trabalhando em outros serviços? Quais? O que pretende fazer para alcançar isso?
- 10- Tem interesse em estudar ou fazer um curso, faculdade, etc.? Tem alguma área que lhe interessa mais no momento?
- 11- Como é a sua relação com o espaço rural? [Se for oriundo da Zona Rural] Tem planos de um dia retornar para o campo ou fazer algo nesse sentido?
- 12- De maneira geral que planos você tem para a sua vida no momento?
- 13- Como você se imagina daqui a cinco anos? E daqui a 15 anos?
- 14- Há algo a acrescentar em suas falas?